BIZZ

1992 • ANO 08 • N.º 01 • EDIÇÃO 78 • Cr$

EDITORA AZUL

SUPLA
P.M. DAWN
RED HOT CHILI PEPPERS

no estúdio com
VAN HALEN

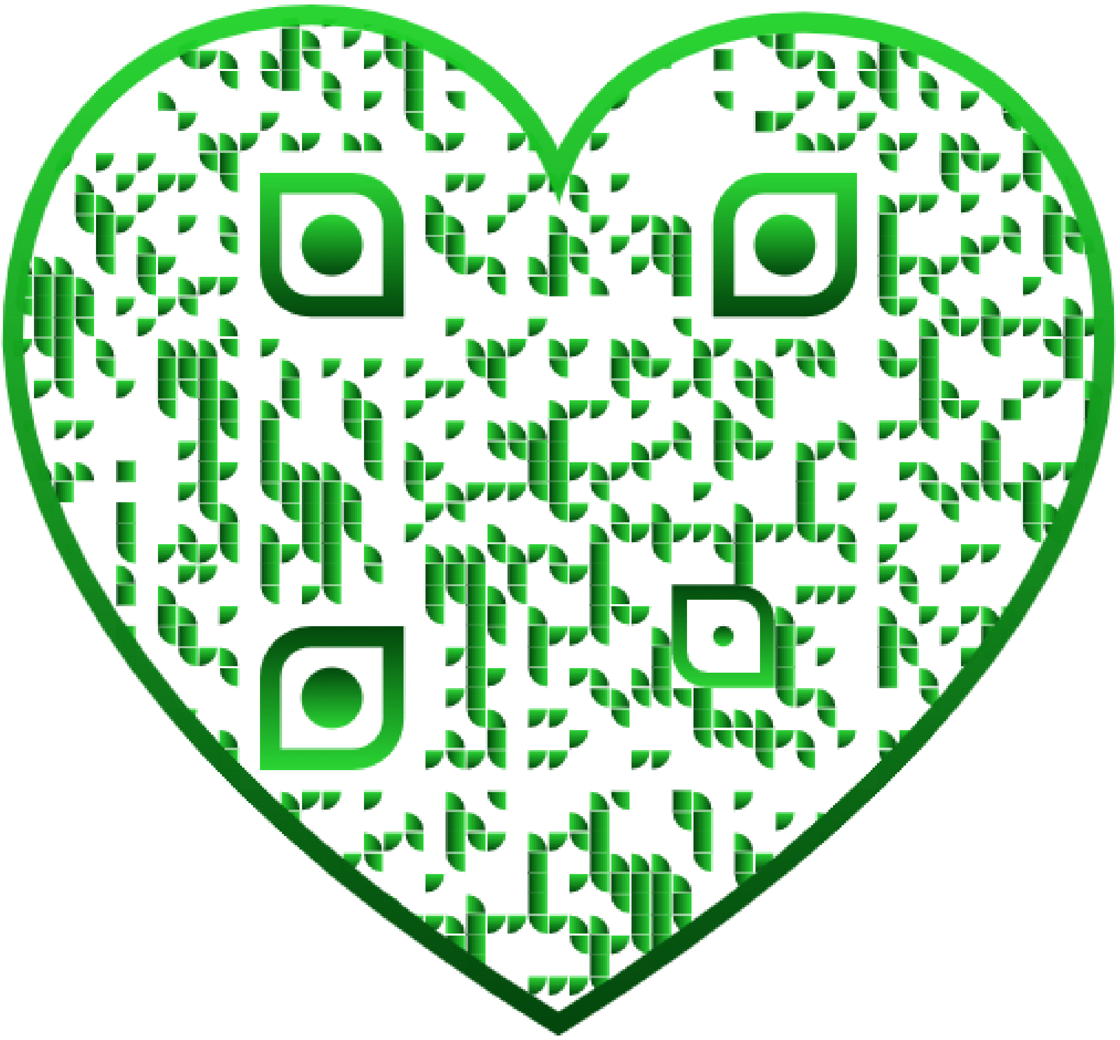
a nata do
HOLLYWOOD ROCK

JESUS JONES
entrevista
LIVING COLOUR
SEAL ao vivo
SKID ROW e EMF
nas fichas

LEGIÃO NO DIVÃ

"letras imbecis", "brega virulento" e "a morte do poeta romântico"

Rock & Quadrinhos Scans

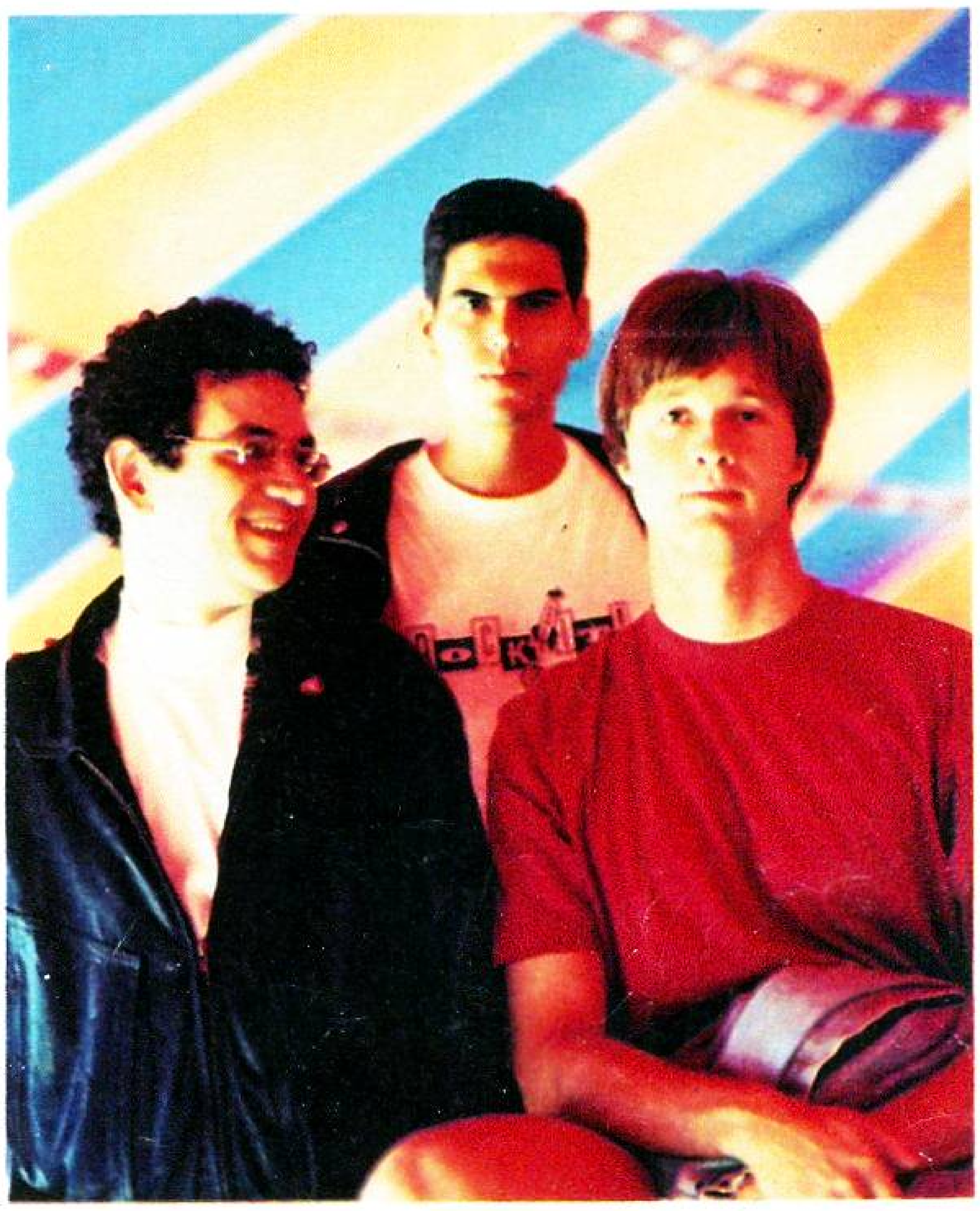


A EXPRESSÃO MÁXIMA DO ROCK

Living Colour

EM CD • LP • K7 • HOME VIDEO

Sony Music



Fotos de capa: Ernesto Baldan Azul (Legião Urbana), Retna (Jesus Jonas)

Ano novo, vida nova — inclusive para a Legião Urbana, que chega a 92 com um disco único em sua carreira. *V* é diferente de tudo que Renato Russo, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos já fizeram — no mínimo, pela presença de uma suíte quase-progressiva que ocupa um lado inteiro do álbum. E isso é só o começo. Saiba mais sobre a metamorfose da Legião na página 22.

Ano novo, sanguinho novo — pelo menos no Hollywood Rock. O festival enfatiza caras recentes no rock. Como Extreme, EMF, Seal e Skid Row tiveram matérias publicadas recentemente na BIZZ, nesta edição foi a vez de Jesus Jones e Living Colour. Nas *Fichas* você encontra a história do EMF, Neil Young, Skid Row e Living Colour. Para ficar sabendo como é o show do Seal, leia o *Ao Vivo* (pág. 42).

E, para ninguém dizer que essa revista só fala de jovenzinhos, esta BIZZ tem Dire Straits, blues dos anos 20-30 e uma entrevista inédita com o Van Halen (pág. 12). *Dance the night away*... e até fevereiro.

Warner

4 SHOWBIZZ
O fim do Poison, disneylândia new age

10 FAST FORWARD
Supla, PM Dawn e o novo Jimi Hendrix (!)

28 LIVING COLOUR
Mudando tudo

30 JESUS JONES
O rock inglês que deu certo

32 DANCE
Rozalla

33 JUKEBOX
Bobby Fuller

36 CONEXÃO BRASIL
Chakal, *Assim Na Terra Como No Céu*

41 DISCOS
Red Hot Chili Peppers, Legião, Cassiano

52 LETRA
"The Fly" U2

54 PARADA
Rita Lee se dá bem

56 CARTAS
O tiroteio habitual, mais fãs-clubes de montão

58 DISCOTECA BÁSICA
Kick Out The Jams, MC5

POISON ENVENENADO

Barra pesadíssima entre os luminares *poseurs* do Poison. Tanto o guitarrista CC DeVille e o baixista Bobby Dall estão passando por sérios problemas com drogas. A banda teve que cancelar vários shows depois que Dall machucou a cabeça ao enfiá-la no vidro de um carro, aparentemente por estar muito travado.

O vocalista Bret Michaels teme pelo futuro da banda. Ele afirmou à revista *Kerrang!* que "Não resta dúvida de que os dois precisam baixar numa clínica imediatamente. O vício está fora de controle".

Michaels disse que pretende fazer tudo o que for possível para tirar seus colegas dessa situação. Ele quer o Poison em forma até março. Apesar disso, Michaels só reforçou os rumores pessimistas ao iniciar uma excursão solo pelos EUA tocando covers dos Stones, Led Zep e Poison.

PLAYCENTER NEW AGE

Peter Gabriel constrói sua Disneylândia

O ex-vocalista do Genesis sempre foi um cara com idéias fora do normal. Agora ele foi mais longe. Quer abrir um parque de diversões new age, o Realworld. A cidade espanhola de Barcelona se dispôs a abrigar o parque.

Segundo Gabriel, os freqüentadores serão participantes ativos dos "brinquedos", tanto no nível sensorial como intelectual. Entre estes, computadores que simulam passeios de montanha-russa com muitos efeitos especiais e coisas tiradas de sonhos de Gabriel — como uma roda gigante com uma metade dentro d'água. Nos planos, ciclones simulados na entrada e uma "gigantesca nuvem negra que dispara árvores que falam"(?).

Brian Eno e Laurie Anderson estão colaborando com idéias. Se tudo der certo, o Realworld abre em 94.

VELVET RÁPIDO

O Velvet Underground voltou! Bem, quase isso. É que Sterling Morrison, Mo Tucker, John Cale e Lou Reed se reagruparam para regravar seu clássico "Waiting For The Man". Foi para o disco solo de Tucker, *I Spent A Week There Last Night*. Morrison estará excursionando com Tucker, que era baterista do Velvet.

Quanto ao Lou Reed, seu novo álbum, *Magic And Loss* sai este mês no Primeiro Mundo. O tema do disco é a morte.

OUÇA ESSA

"I'll Be *Grateful* When They're *Dead*" (Serei grato quando eles estiverem mortos)
Adesivo à venda na Inglaterra

"Heavy Metal é uma música burra feita por burros e para burros"
Lobão esquece que tentou abrir a noite de metal do Rock In Rio e foi enxotado pela galera

"Quando era pequena sonhava que os ciganos queriam me raptar. Agora procuro os ciganos e não acho"
Marina. Não, também não entendemos

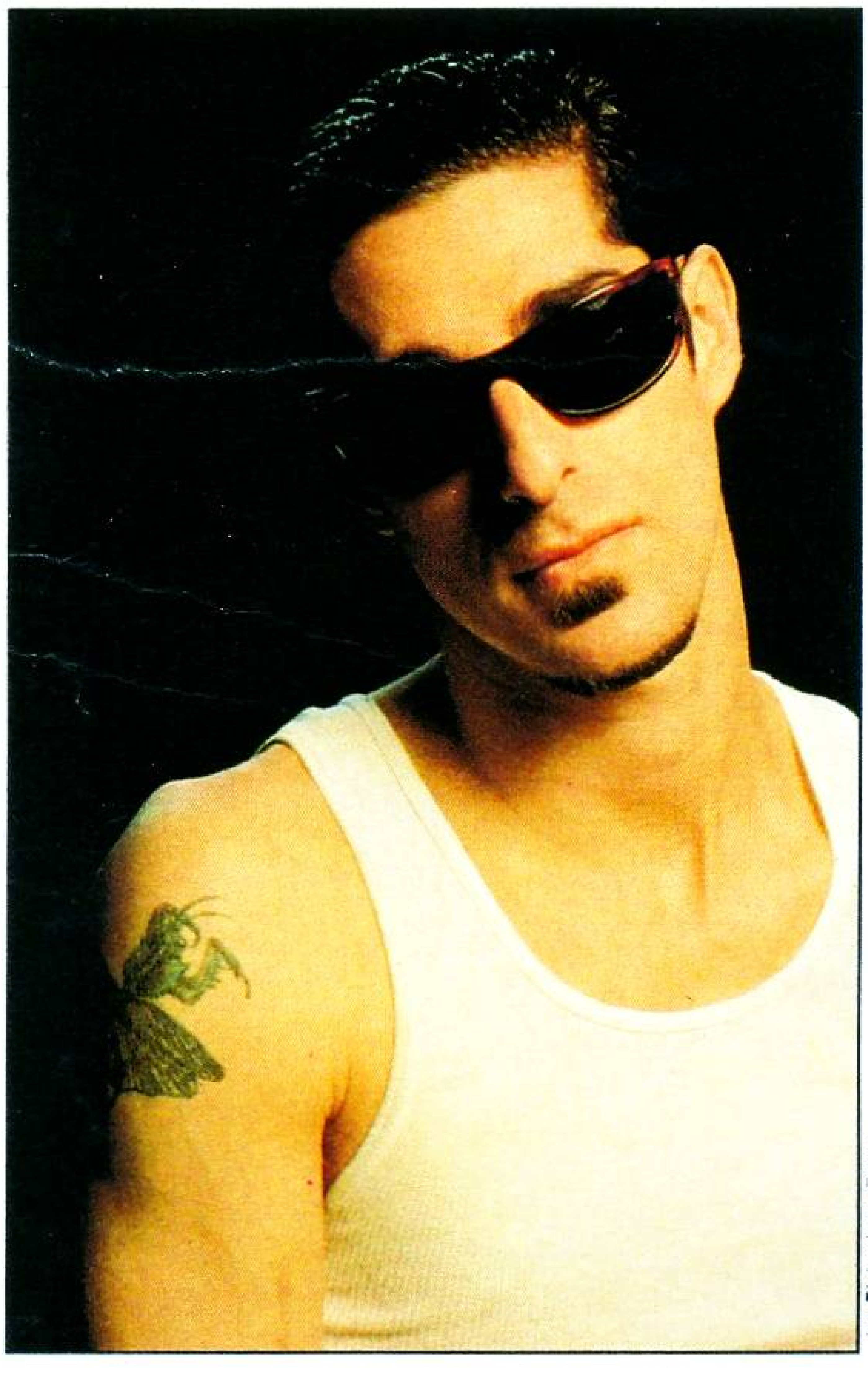
"A molecada chega para mim e fala: 'Cara, Sgt. Pepper's parece acid house'. E eu falo: 'Como parece? É acid house'. Os Beatles começaram a acid house."
Paul McCartney cheio de licença poética

Emi-Odeon

U2 INSPIRA ASSASSINATO?

A canção "Exit" do U2 foi citada como inspiração para um assassinato na Califórnia. Robert Bardo, 21, confessou a um psiquiatra que matou a atriz Rebecca Schaefer inspirado pela faixa. Durante o julgamento a música foi tocada e Bardo cantou junto.

O rapaz vem de uma família problemática e era obcecado pela atriz. Descobriu onde ela morava, comprou um revólver e a matou. O U2 mandou suas condolências para a família da vítima.



Jay Blakesberg Retna

DEPOIS DO JANE'S ADDICTION

Alguns ex-membros do Jane's Addiction já estão cuidando de suas atividades solo.

Ao que tudo indica, Dave Navarro não vai mais para o Guns N'Roses substituir Izzy Stradlin. A assessoria do GN'R informou que Stradlin continua na banda e que nada muda. Navarro está preparando faixas para um disco solo, com participação do ex-baixista do Jane's, Eric Avery. Não há previsão de lançamento.

Perry Farrell está editando um filme especial do festival Lollapalooza para a MTV. Ele também está dando toques finais ao seu filme *The Gift*.

LOS ANGELES

Ex-Beatles estão processando a Sony pelo lançamento dos CDs *The Beatles Live At The Star Club Cafe, Hamburg, Germany 1962, vols. I e II*, série de gravações que ganharam fama primeiro como piratas. O advogado do grupo, Paul LiCasti, ficou chocado com a tranqüilidade da gravadora em comercializar os discos. "Afinal, não estamos falando de uma banda de garagem. Nem a Sony é um selo independente que não sabe das coisas." • Estreou aqui *The Rolling Stones At The Max*, longa com a íntegra do show apresentado durante as turnês *Steel Wheels* e *Urban Jungle* — de 89 e 90. Filmado em I-Max, um formato especial que é projetado numa tela da altura de um prédio de três andares, o filme será exibido só em salas especiais • Os shows da excursão americana do Metallica estão sendo feitos num palco especialmente construído para que todo o público veja o grupo, sem obstáculos. O baterista Lars Ulrich tem dois instrumentos a sua disposição, em pontos diferentes do palco, enquanto diversos microfones garantem mobilidade absoluta ao guitarrista/vocalista James Hetfield • Little Richard faz o presidente do Planeta Cleveland em *The Pickle*. No filme, um diretor endividado se rende a baixarias em celulóide para aquietar os credores. Ele produz um filme B de ficção científica com o tal planeta, habitado por carnívoros inveterados que cultuam vacas. Seus maus hábitos alimentares acabam sendo modificados por adolescentes da Terra que viajam para lá num pepino gigante.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

POUCAS E BOAS

HOUSE MAL-ASSOMBRADA Cushing gravou um disco! De house! "No White Heat", pela Assegai Records, aparentemente é dance music de excelente qualidade.

BOO GLOBAL A rapper inglesa Betty Boo assinou um generoso contrato com a Warner para distribuição mundial. Para este ano podemos esperar material novo.

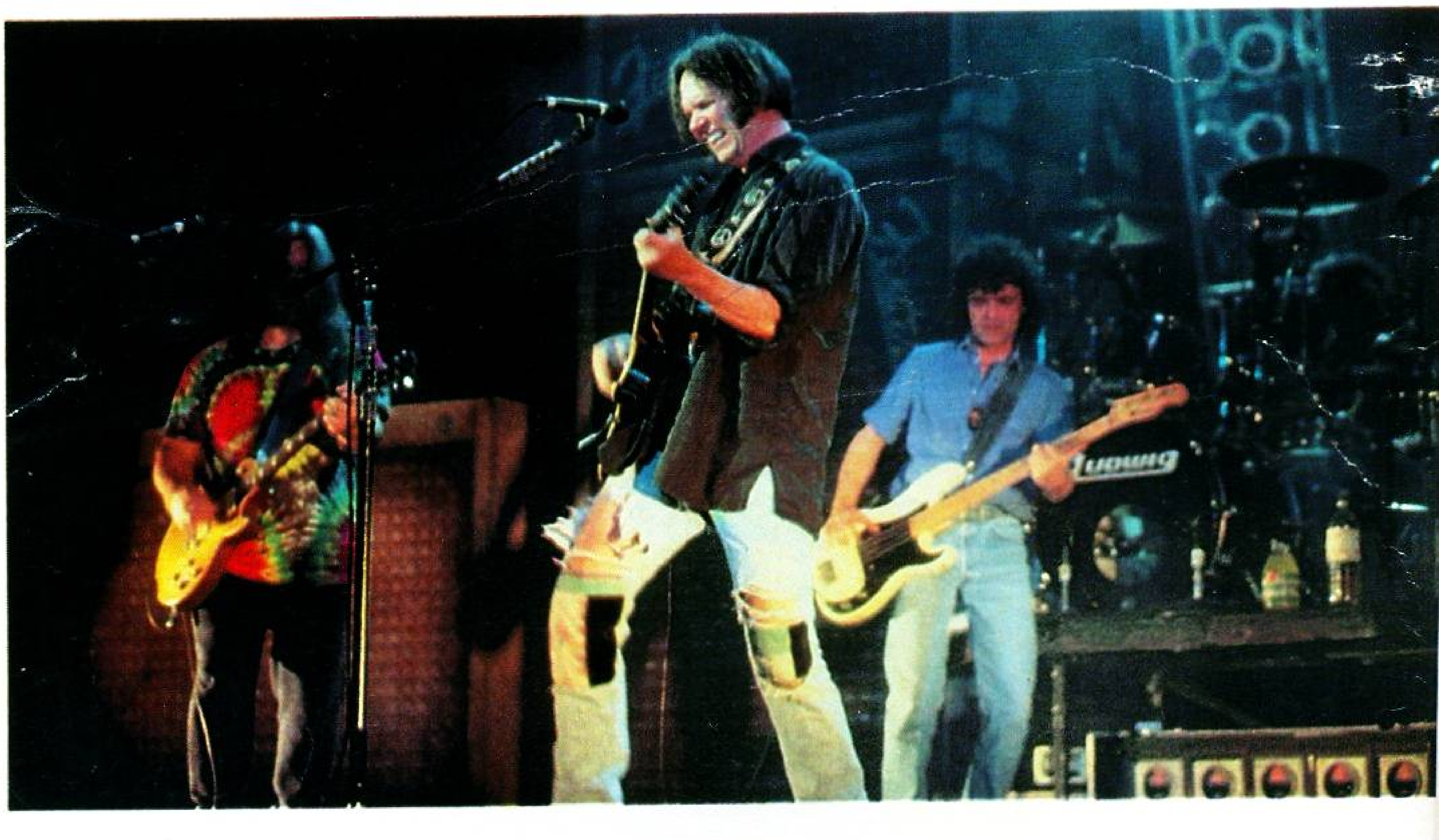
BART A SETE CHAVES Para este ano também está prometido um novo disco dos Simpsons. Seguirá a mesma linha do primeiro: uma salada de estilos musicais.

POR POUCO Lisa Stansfield, Sinéad O'Connor, Kate Bush e Annie Lennox recusaram a oportunidade de gravar "Everything I Do (I Do It For You)", um dos maiores hits do ano na voz de Bryan Adams.

ENTRA-SAI Jaz Coleman brigou feio com sua banda, o Killing Joke, e os deixou. Está montando um grupo próprio; o Joke deve continuar. Tony James saiu dos Sisters Of Mercy e recebeu uma oferta para ressuscitar o Sigue Sigue Sputnik.

REGENERADO Ike Turner foi solto da prisão depois de cumprir 26 meses de uma sentença de quatro anos por portar drogas e dirigir bêbado. Ele agora declara que parou com tudo. Reclamou de Tina, dizendo que não recebeu nenhuma notícia dela na cadeia.

EXTERMINADOR Arnold Schwarzenegger está ameaçando lançar um disco! O instrumental seria fornecido por orquestra e coro e Arnie falaria nas músicas. Exceto em duas em que ele "tentaria cantar".



Greg Allen Retna

Paul Morgan Retna

LONDRES

Festa do mês foi a de Elton John: Neneh Cherry, Jason Donovan, Kylie Minogue, Bob Geldof e muitos outros estavam lá, comemorando o lançamento do disco-homenagem *Two Rooms* • A exposição da Pop Art na Royal Academy Of Arts conta com um atrativo inesperado: as fitas-guia foram narradas/gravadas pelo popstar, milionário, colecionador de arte Bryan Ferry • As paradas estão sendo invadidas por "engraçadinhos": o ponto alto é a famosa "Always Look On The Bright Side Of Life" — da cena final do filme *A Vida De Brian*, do Monty Python. E agora "Dizzy" chegou em primeiro na parada, cantada pelo Wonder Stuff em parceria com o comediante da moda, capa da *Face* etc. Vic Reeves • Piada mesmo é a última dos Manic Street Preachers: eles tanto querem que sua querida Kylie Minogue cante em uma das faixas do seu disco novo que ofereceram a ela 50% dos direitos autorais... do álbum inteiro! • Enquanto isso, Kylie — que não está precisando de dinheiro — está percorrendo o país com seu novo show. O espetáculo é uma triste cópia da turnê *Blonde Ambition*", de Madonna. Como disseram alguns jornais ingleses... você não tem o *material, girl!* • Ufa, finalmente! Depois de dezesseis semanas no topo da parada, o chato Bryan Adams foi derrubado pelo U2. Mas o truque não foi dos mais honestos: como o single "The Fly" só estava à venda por três semanas, os fãs tiveram de comprar rapidinho... o que garantiu a entrada dos irlandeses direto em primeiro.

ANAMARIA G. DE LEMOS

NOVAS DE YOUNG

Pura detonação! Prestes a desembarcar por aqui com o Crazy Horse, o bom e velho Neil Young vai trazer ao palco do Maracanã a base de seu mais recente álbum duplo, *Weld*. Nos EUA, o disco foi lançado em edição limitada com o EP *Arc*, basicamente com ruídos de *feedback* e de distorção em suas performances — a sugestão foi de Thurston Moore, do Sonic Youth, que andou abrindo alguns shows de Young. Como se não bastasse, ele ainda finaliza um álbum eminentemente acústico *(Harvest Moon)* nos moldes do consagrado *Harvest* (72), retomando a antiga colaboração com os Stray Gators.

C+C GRAVA U2

Infelizmente o C + C adiou por tempo indeterminado sua vinda ao Brasil. Mas eles não param de trabalhar! Sua nova cartada é uma versão dance para "Pride (In The Name Of Love)" — isso mesmo, a do U2. A música estará no disco *Greatest Remixes, Vol. 1* uma coletânea da carreira de Clivillés e Cole, dos remixes para outros artistas a faixas do C + C.

S

Freddie M

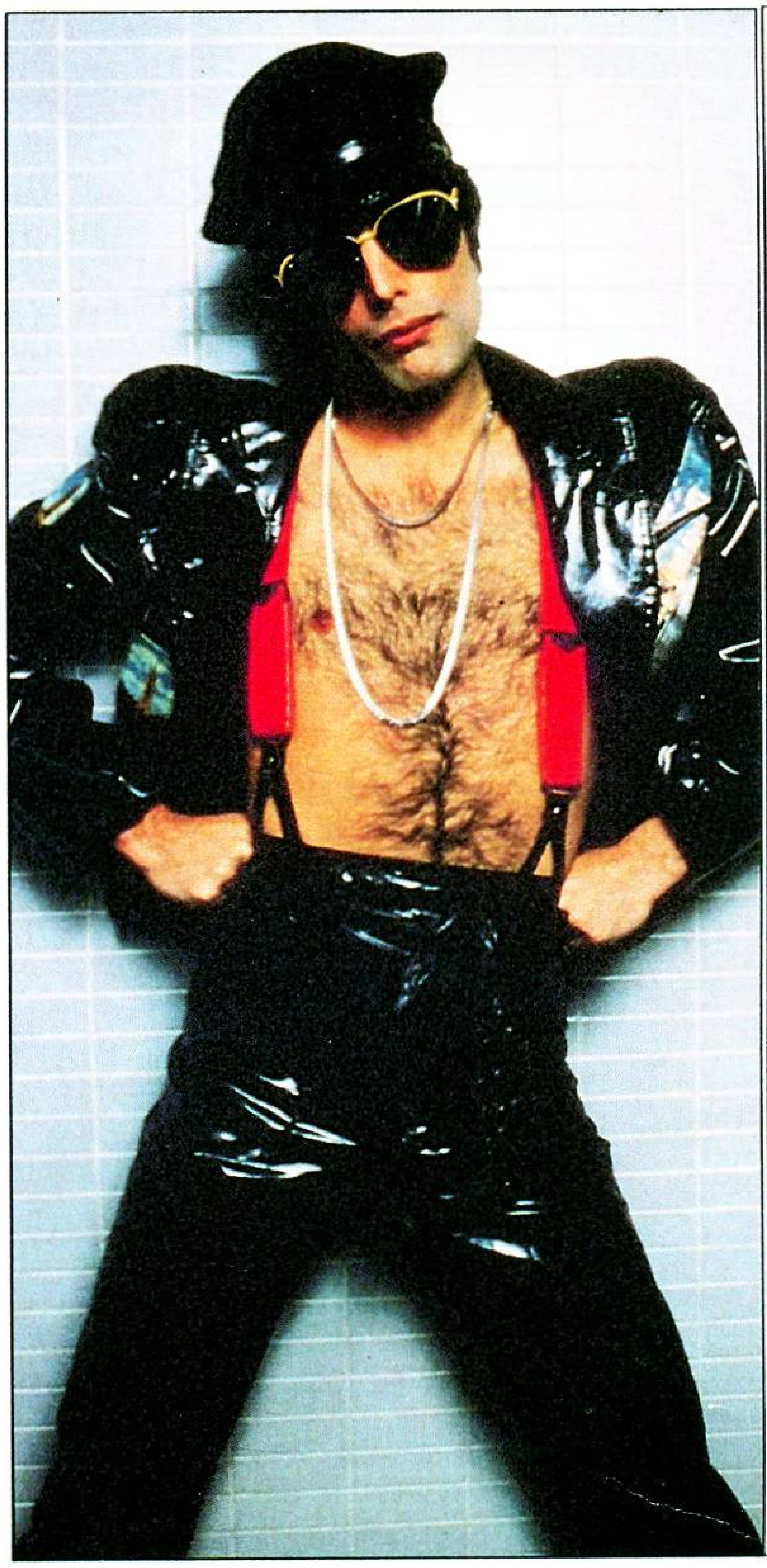
Bowie, Bolan, até Lou Reed e Mick Jagger — na primeira metade dos 70, ser andrógino, cafona, exagerado e glamouroso era de lei. Mas Freddie Mercury estava um estágio acima desse respeitável time. Ele não afetava coisa nenhuma: era uma bicha louca, mesmo.

À frente do Queen, ele transformou o hard rock — coisa de macho, meu — em *high camp*, espalhafato frívolo, aviadado e engraçado. Como sua maior influência, Little Richard, Freddie sabia que o rock de arena, tonitruante e "artístico" é a mais ridícula variante do rock — um gênero já intrinsecamente ridículo.

Foi melhor sucedido que Little Richard, até. Porque conseguiu transformar sua arte — um difícil equilíbrio entre cabaré e metal — em unanimidade junto ao público. Durante uns dez anos, tudo que o Queen lançava estourava — metal, baladaças românticas descabeladas, funk (muito bem-feito) e, principalmente, a especialidade do Queen: hinos existenciais grandiloqüentes. Foram oitenta milhões de discos vendidos durante exatamente vinte anos de carreira, centenas de shows gigantescos, videoclips extravagantes (aliás, o Queen foi um dos primeiros a usar e abusar da linguagem do vídeo).

Desde 85, quando esteve aqui no Rock In Rio, Freddie sabia que estava com o vírus HIV. No início deste ano morreu seu namorado e assistente Paul Prenter, que também estava doente. Finalmente, Freddie Mercury morreu no dia 24 de novembro, de complicações relacionadas à Aids. O rock'n'roll fica muito menos divertido sem ele.

ANDRÉ FORASTIERI

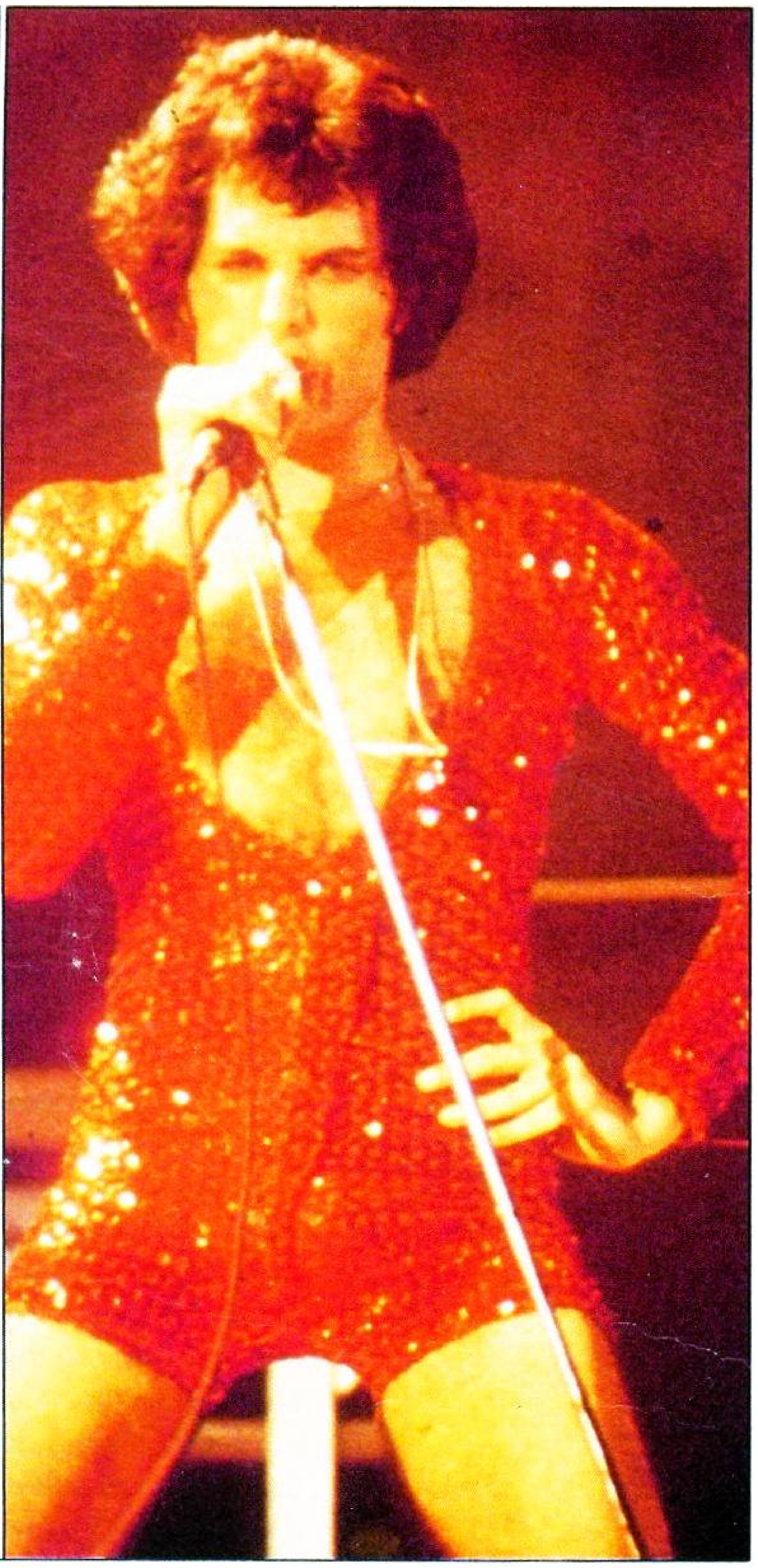


A MORTE DE ERIC CARR

Morreu no dia 24 de novembro de 91 em um hospital de Nova York o baterista do Kiss, Eric Carr. Eric, que sofria de câncer na garganta, tinha participado recentemente das gravações de um clip novo da banda, "God Gave Rock'N'Roll To You II" (conforme noticiado na coluna *Metal* da BIZZ de dezembro. Infelizmente, a "recuperação" do baterista, citada naquele texto, acabou não se concretizando).

Foi em 80 que Eric (nome verdadeiro: Paul Caravelo) entrou para o Kiss, substituindo o baterista original, Peter Criss. Embora não tenha participado da época áurea do grupo, Eric ainda tocou em alguns LPs de sucesso (já na fase sem máscara) como *Lick It Up* (83) e *Crazy Nights* (87), integrando ainda a formação que se apresentou no Brasil em 83.

ercury 1946 1991



ENRIQUEÇA SUA BIBLIOTECA

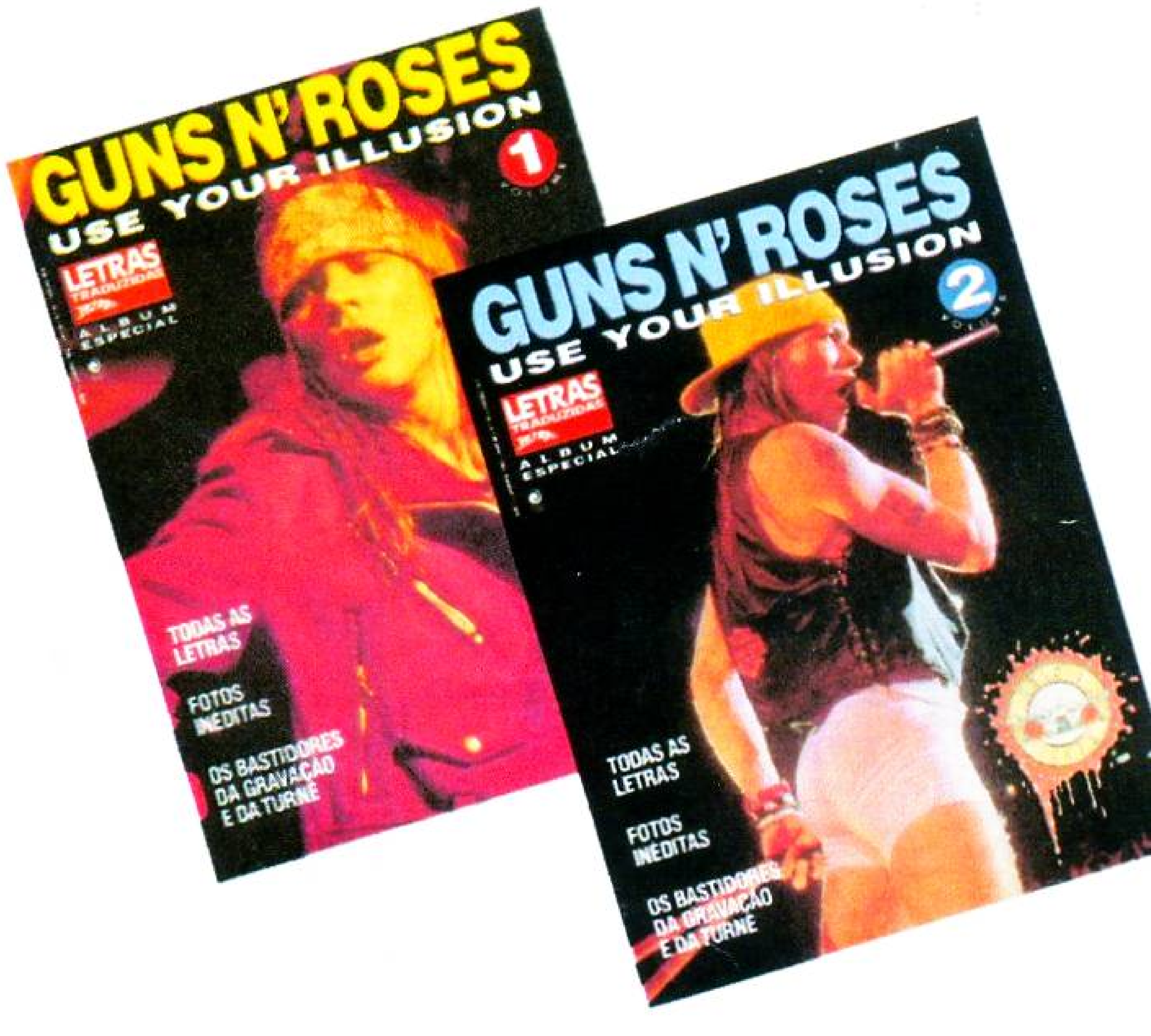
O velho drama do fã de pop/rock brasileiro que não dispõe de bibliografia especializada acessível pode estar perto do fim. A SBS (Special Book Services) conseguiu direitos exclusivos de tradução para língua portuguesa dos títulos da Omnibus Press — uma das maiores editoras de livros de música da Inglaterra.

Segundo a SBS, os livros serão impressos na Inglaterra — mesmo padrão dos importados — e vendidos no Brasil e em Portugal a preços compatíveis com o mercado.

DILÚVIO DE ESPECIAIS

Guns N'Roses e os astros do Hollywood Rock chegam este mês às bancas

Em janeiro estão saindo três especiais da BIZZ. LETRAS TRADUZIDAS vai trazer os maiores sucessos dos artistas que vêm para este Hollywood Rock. Na capa está o Extreme.



E o ÁLBUM ESPECIAL tem Guns em dose dupla: uma revista traz as letras do *Use Your Illusion I*, outra as de *Use Your Illusion II*. Igualzinho ao disco — mas com uma diferença: quem comprar as duas ganha um desconto.

Fotos Sony

Você põe a bolachinha prateada sob a agulha pós-moderna do laser, e o som vem de um jorro como um murro daqueles do Mike Tyson nos bons tempos: uma bateria nervosa, um baixo musculoso e, sobre essa base — uma base incandescente, que solta fagulhas a cada segundo — uma guitarra em chamas sanguínea, encapetada, uma guitarra absolutamente ígnea, quase descontrolada de tanta paixão. É um espanto, um susto, um assombro nesta era de comedimentos e polimentos, algo remanescente de um outro tempo, como uma mensagem na garrafa enviada por power trios d'antanho, Cream, Jimi Hendrix Experience...

Aí você descobre que os três moleques que estão fazendo todo este divino barulho mal chegaram aos vinte anos. Eugene Gales, o baixista, tem exatamente vinte e Hubert Crawford Jr., o baterista, tem 22 — Eugene, só para piorar as coisas, começou a tocar aos oito anos.

Mas o mais indigesto é mesmo o guitarrista — rosto de criança, cara de quem nem saiu do ginásio. E não saiu — Eric Gales, que dá nome à incandescente Eric Gales Band. Tem dezesseis anos recém-completos. E sabe do que mais? A guitarra não foi nem sua primeira opção musical. "Ah, não, a guitarra veio depois", ele diz, seriíssimo, sem a menor intenção de ironia. "Eu comecei batucando na bateria,

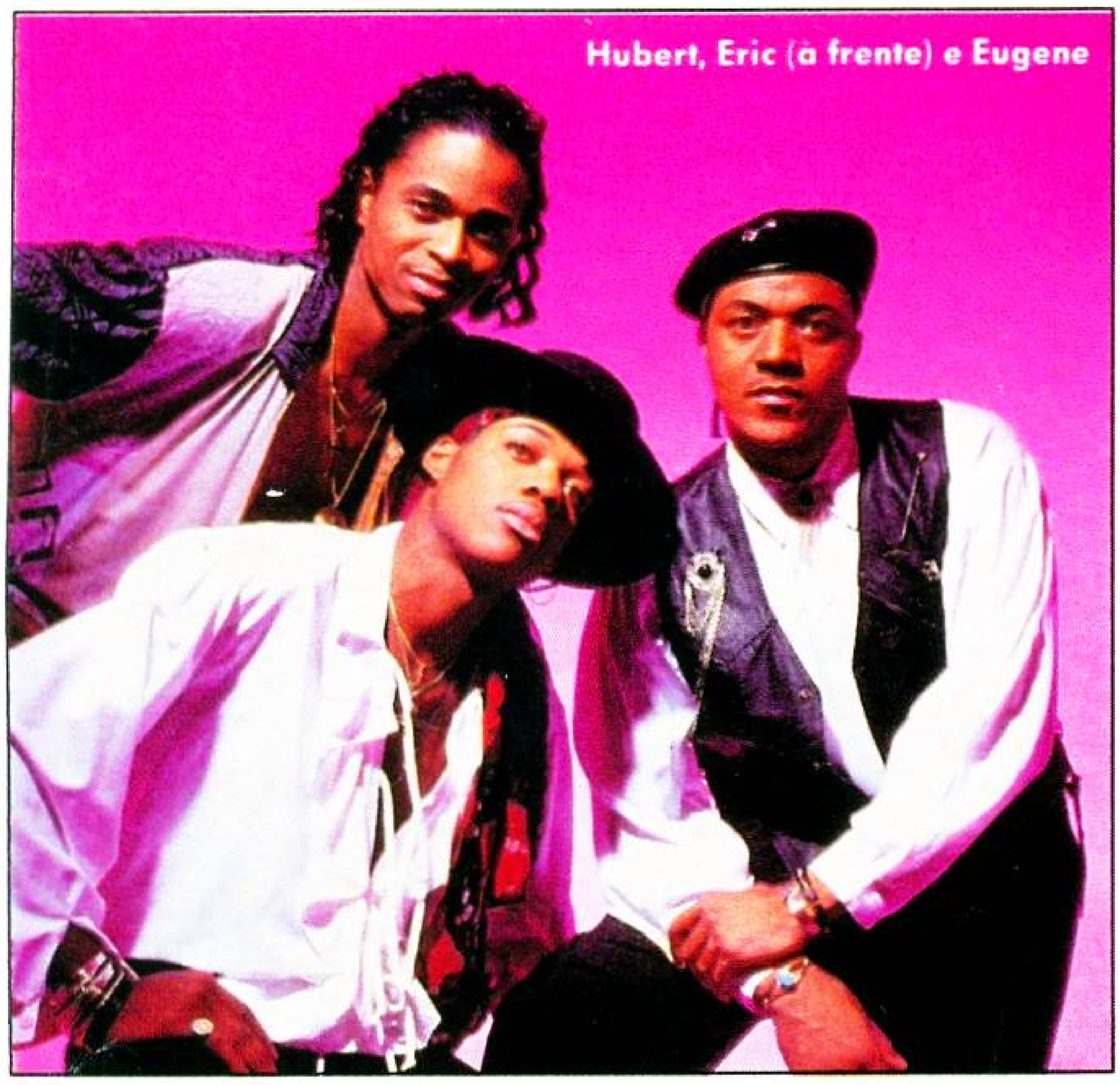
O novo deus da g

cara é de anjinho

Gales Band, e

apavorando

trinômio blues-



Hubert, Eric (à frente) e Eugene

toda noite eu massacrava a bateria do meu outro irmão. Eu me interessei pela guitarra mais tarde, de tanto ver meu irmão tocar. Meu irmão Eugene estava numa outra banda, com um outro baixista, e eu ficava só vendo. Aí um dia eu peguei a guitarra, e tinha essa musiquinha na cabeça que nunca tinha ouvido antes, e saí tocando."

É bom esclarecer que Eric batucava na bateria, sua primeira escolha, quando tinha "um ou dois anos, mais ou menos". E que apossou-se da guitarra do irmão "bem mais tarde — eu já tinha feito quatro anos".

Mozart, quem diria, reencarnou-se em Memphis, Tennessee. A família de Eric e Eugene, ao contrário da de Wolfgang Amadeus, não tinha precedentes que pudessem indicar tais inclinações musicais — a mãe, dona de casa, e o pai, motorista de caminhão, tinham, contudo, acesso a um dos maiores celeiros de boa música nos Estados Unidos: a igreja protestante negra, onde ela cantava no coral, ele era diácono e a filharada comparecia em todas as funções. E lá na base da árvore genealógica está uma figura fundamental na vida de Eric: sua avó materna, filha de escravos, que "cantava o dia inteiro aqueles velhos *spirituals* que os escravos costumavam cantar enquanto trabalhavam. Muitas vezes, quando estou solando, as velhas canções da minha avó vêm à cabeça".

Além dos blues de raiz, Eric tem um vasto arsenal de referências e influências contemporâneas. "Quando a gente começa a tocar cedo assim, a gente sempre começa querendo soar como algum outro músico", diz Eric. "No início eu queria ser como Steve Ray Vaughn, depois eu queria soar como Robin Trower, como Jeff Healey, como Frank Marino, como Eric Clapton. Agora acho que cheguei a um ponto em que misturo todos eles e tenho meu próprio som."

O "som próprio" de Eric impressionou tanto seu irmão mais velho que Eugene não apenas decidiu trocar sua guitarra por um baixo como entregar sua banda — até então chamada Weird e integrada por ele e por Crawford Jr. (filho de um grande do soul e r&b de Memphis, Hubert Crawford, e também músico precoce, tocando com bandas de jazz e r&b desde os doze anos) — à tutela do irmão caçula.

Rebatizado Eric Gales Band, o trio começou a trabalhar em material próprio, escrito de parceirada pelos irmãos, e a fazer a ronda dos shows de calouros — isso cinco anos atrás, quando Eric tinha onze anos e, na descrição de Eugene, "era quase do tamanho da guitarra — a galera ria quando ele subia no palco, mas calava a boca rapidinho assim que ele começava a tocar".

Em 90, o trio venceu uma das mais cobiçadas competições de Memphis e atraiu a atenção do produtor Paul Ebersol. Em quatro semanas, com Jim Gaines (produtor de Stevie Ray Vaughn e sugestão de Eric, que ainda considera o guitarrista texano sua "maior influência") nos controles dos estúdios, Eric, Eugene e Howard gravaram seu álbum de estréia, singelamente intitulado "The Eric Gales Band". "Queríamos um som poderoso, mas à moda antiga", diz Eric. "Queríamos alguma coisa como o som de guitarra do final dos anos 60, começo dos 70."

Além do vigoroso "som à moda antiga", a Eric Gales Band também tem letras sugestivas, em que imagens de inspiração religiosa são uma constante: "sei que há um longo caminho até o céu/e não sou digno da coroa de espinhos", diz, por exemplo, o verso de abertura de "Sign Of The Storm", o primeiro single extraído do LP. Seriam Eric e seus companheiros uma forma disfarçada de militantes religiosos? "Não", diz Eric, enfático. "Nossa família é intensamente cristã, mas nós não. Estas são apenas nossas influências, o ambiente em que crescemos. Nós não estamos tentando pregar para ninguém. Sequer temos pretensões políticas, como o Living Colour — que eu admiro muito, musicalmente. Queremos passar apenas uma mensagem positiva, e essa mensagem é puramente musical."

ANA MARIA BAHIANA

uitarra tem mais

. À frente da Eric

le incendeia o

batuque-boa fé

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Fica todo mundo aí babando ovo para o Metallica, que é o futuro do metal e não sei mais o quê. Pois tudo o que atribuem a esses megalomaníacos é real predicado e atributo do **Prong.** Dadaísmo, hardcore, cyber, pré e pós-punk numa porrada metal da melhor qualidade, em **PROVE YOU WRONG.** *E.O.*

O disco é de hard rock vadio e porradão, com letras inteligentes e bem-humoradas ("Sai Pra Lá Vudu" é a canção certa na hora certa). **SUPLA** é bom paca. *A.F.*

Com seu novo álbum *(Magic And Loss)* prestes a sair por aqui, **Lou Reed** ainda comparece em um pacote de seis CDs que inclui os antológicos **TRANSFORMER** (72) e **BERLIN** (73), ambos inéditos em vinil no Brasil. *Take a walk on the wild side!* *C.P.*

OF THE HEART... blablablá, o nome é muito extenso. O que importa é que o hip hop cósmico-bubblegum da estréia do **PM Dawn** é o som para o momento. O rap de Prince Be é como bolhas de sabão — de chá de cogumelo. *C.R.*

Santuário do sexo ilegal

Em seu próprio estúdio, o Van Halen explica um disco chamado *F.U.C.K.*

Nem a gravadora sabia. Durante meses, o Van Halen trabalhou em silêncio dentro de seu próprio estúdio. Só avisou a Warner quando *For Unlawful Carnal Knoledge* (popularmente conhecido como *F.U.C.K.*) estava pronto.

Depois de três anos sem gravar, circulavam boatos de que Sammy Hagar — o substituto de David Lee Roth — estava sendo chutado da banda, e especulações sombrias rondavam o futuro de um dos principais *best-sellers* do hard rock nos anos 80. Mas, contradizendo todas as previsões pessimistas, o novo álbum não só continha Sammy Hagar como foi se alojar no topo das paradas americanas assim que foi lançado.

Para melhor entender esta volta por cima do quarteto californiano, o jornalista Stephan Chirazi — da revista metálica *Kerrang!* — foi ao estúdio 5150, onde *F.U.C.K.* havia sido gravado, para colher as primeiras impressões de três quartos do Van Halen: os irmãos Eddie e Alex, além de Sammy Hagar.

"Este álbum é para durar", divaga Hagar. "Você vai escutá-lo o ano inteiro, ouvindo-o mais e mais até perceber que é um disco bem profundo. Pessoalmente, não queria explicar nada além disso, porque iria parecer que estou tentando vender o meu peixe, entende?" Já Eddie faz jus à sua fama de não gostar de entrevistas. Afinal, ele é um músico e parece preferir que você ouça sua guitarra, portanto não tem muito a explicar: "O que eu gosto de fazer é gravar, lançar o disco e deixar a critério das pessoas gostarem dele ou não. É um problema delas".

Por seu lado, o mano baterista Alex dispõe-se a explicar o título do álbum, *F.U.C.K.*: "Originalmente, nos livros de Direito, o termo era uma abreviação de "fornicação sob consentimento do rei" *(Fornication Under Consent of the King)*, o que significava que não havia crime de adultério se o rei dissesse que você podia fazer sexo fora do casamento. Quando chegou aos EUA, assumiu um novo significado: se você fosse preso por sexo ilegal, era condenado "por conhecimento carnal ilegal" *(For Unlawful Carnal Knowledge)*. Daí vem a abreviação. Quando surgiu esta nova onda no lance da censura, Sammy — com seu modo de pensar peculiar — queria chamar o disco de *Fuck* ou *Fuck Censorship* ("Foda A Censura"). Foi sobre esta idéia que um amigo dele — o boxeador Ray Mancini — chamou a atenção para a origem da palavra e assim surgiu o título.

Boa parte do resultado sonoro de *F.U.C.K.* foi mérito da produção a cargo do velho chapa do grupo, Ted Templeman, e do veterano Andy Johns. Eddie explica: "Foi interessante ver todo mundo tão unido, desde o homem que foi um dos criadores do Van Halen *(Templeman)* até o homem que trouxe ao mundo o Led Zeppelin *(Johns)*.

"Música é prazer, não competição. Tem espaço para muita banda nova"

Surgíamos com canções novas todos os dias, e Ted é o tipo de sujeito — ele provavelmente vai me detestar por dizer isso! — com uma mentalidade calcada em formatos, planejamentos e cronogramas. Na verdade, foi ele que finalizou a coisa, pois já trabalhamos juntos em cinco ou seis álbuns, então ele sabe o que fazer. Já gravar com Andy foi muito divertido. Era mais ou menos assim: 'Ei, Andy! Como você consegue este som?' E ele: 'Sei lá, cara. Isto aqui não é ciência, é rock'n'roll' ". Alex completa: "O que mais me causava admiração era estar trabalhando com o cara que gravou e mixou 'Stairway To Heaven'. Então, o que mais poderíamos precisar como inspiração".

O longo período em que a banda ficou sem gravar, porém, não significou que eles ficaram inativos. "As excursões do disco anterior se estenderam até 89", argumenta Alex. "Depois levamos meio ano para reformarmos o estúdio 5150, abrimos o clube Cabo Wabo em San Lucas, no México, e aí sentamos para trabalhar nas novas músicas." A questão é se este afastamento, ao menos dos veículos de comunicação, não poderia levar outras grandes bandas de Los Angeles a tomarem conta do pedaço que um dia foi do Van Halen. Alex: "Bem, a resposta é meio filosófica. Se você faz alguma coisa só para provar algo, nove entre dez vezes o tiro sai pela culatra direto na sua cara. Como aqueles músicos que tentam fazer uma levada dançante: quanto mais se esforçam, pior fica. Neste caso, é melhor seguir os instintos naturais". Já Eddie é mais objetivo: "Na verdade, nós nem pensamos a respeito deste lance de outras bandas se projetarem na nossa ausência. Em primeiro lugar, música não é competição. É prazer. Entramos no estúdio, fazemos uma *jam session* e, se surge algo que toda a banda goste, imaginamos que haverá duas ou três pessoas lá fora que gostarão também. Há bastante espaço para bandas novas no pedaço — esta competição não existe para mim, de jeito nenhum".

Se o Van Halen parece não ligar para a competição externa, haveria algum problema interno a abalar o grupo? Sammy: "Acho que a gente funciona pelo fato de termos um cantor, um guitarrista, um baixista e um baterista. Cada um faz o que faz". Então, o também guitarrista Sammy não sentiria vontade de voltar ao instrumento, de vez em quando? "Se eu quisesse, tocaria, mas realmente não quero. Seria como se Eddie dissesse para mim: 'Ei, cara, me deixa cantar uma estrofe'. Aí eu provavelmente *(tossindo)*: 'Arrã..., como que é?' "

Hora de levantar o velho boato: Sammy Hagar está saindo, David Lee Roth está voltando. Há alguma verdade nisto? "Boataria e nada mais. É surpreendente, pois isso nunca foi discutido. Deixamos isso rolar porque seria ridículo sairmos do nosso santuário, onde estávamos gravando este disco maravilhoso, só para fazermos um discurso. Não valia a pena nos manifestar."

METAL
H A R D T H R A S H

Pelas barbas do velhinho!!! Outro dia falei sobre o The Four Horsemen, novo grupo do ex-baixista do Cult e do ex-guitarrista Zodiac Mindwarp. Sim, Evil Otto errou: os dois são o mesmo indivíduo, Haggis. Já saiu o LP, produzido por Rick Rubin, que leva o nome da banda. É paulada na moleira! • Gang Green se despede com uma coletânea, *King Of Bands*, e uma turnê • Ela é a coisa mais queridinha e loirinha. Ex-modelo e ex-junkie. Seu namorado morreu de overdose e ela ainda consegue cantar. Ela se chama Inger Lorre e encabeça com graça gelada o The Nymphs, o *the-next-big-thing* do mês. Algum débil já a carimbou como uma versão feminina e doidona do mala do Axl Rose. Periga... • O AC/DC está preparando um álbum duplo, ao vivo, gravado em diversos países por onde passaram na turnê 91 • Dweezil Zappa, o filho do pai, gravou uma versão de "Stayin' Alive", dos Bee Gees. Convidados especiais: Donny Osmond (antigo integrante da feliz família cantante, The Osmonds, hoje ator de filmes pornô gay), Nuno Betencourt (a guitarra mais veloz da terra de Cabral) e Zakk Wilde. Se isso é estranho, se liguem na faixa do labo B do single — "The Return Of The Son Of Shoogagoogagunga" • Com dez anos de carreira, os gordolões do Poison Idea lançaram, nada mais nada menos, do que três discos ao mesmo tempo — *Pick Your King*, *Record Collectors Are Pretentious Assholes* e *Kings Of Punk*. Essa Evil Otto assina embaixo.

EVIL OTTO

PolyGram

RAP

VIA JAN DÃO

Prince Be é o Dorival Caymmi do rap: malemolente, tranqüilão, amante da paz e da natureza e com um pé no místico. Seu parceiro é o DJ Minutemix e eles vieram de Nova Jersey, pertinho de Nova York. Atualmente moram na Inglaterra, onde sentem que as vibrações são melhores e sua música melhor compreendida.

Apesar disso, o hit da dupla, "Set Adrift On Memory Bliss", invadiu o *top 10* americano no meio de novembro. Viajandão, doce, contente e levemente estranho. Destaque para o brilhante sample de "True", do Spandau Ballet — que adorou ser recuperado, o vocalista Tony Hadley até participou do clip.

A música dá o tom do resto do disco *Of The Heart, Of The Soul And Of The Cross* (lançado este mês). Tudo que se pode esperar de rap que cita Crosby, Stills & Nash como influência. Estranho? Não, típico de um grupo dos 90. *C.R.*

10 PULSO

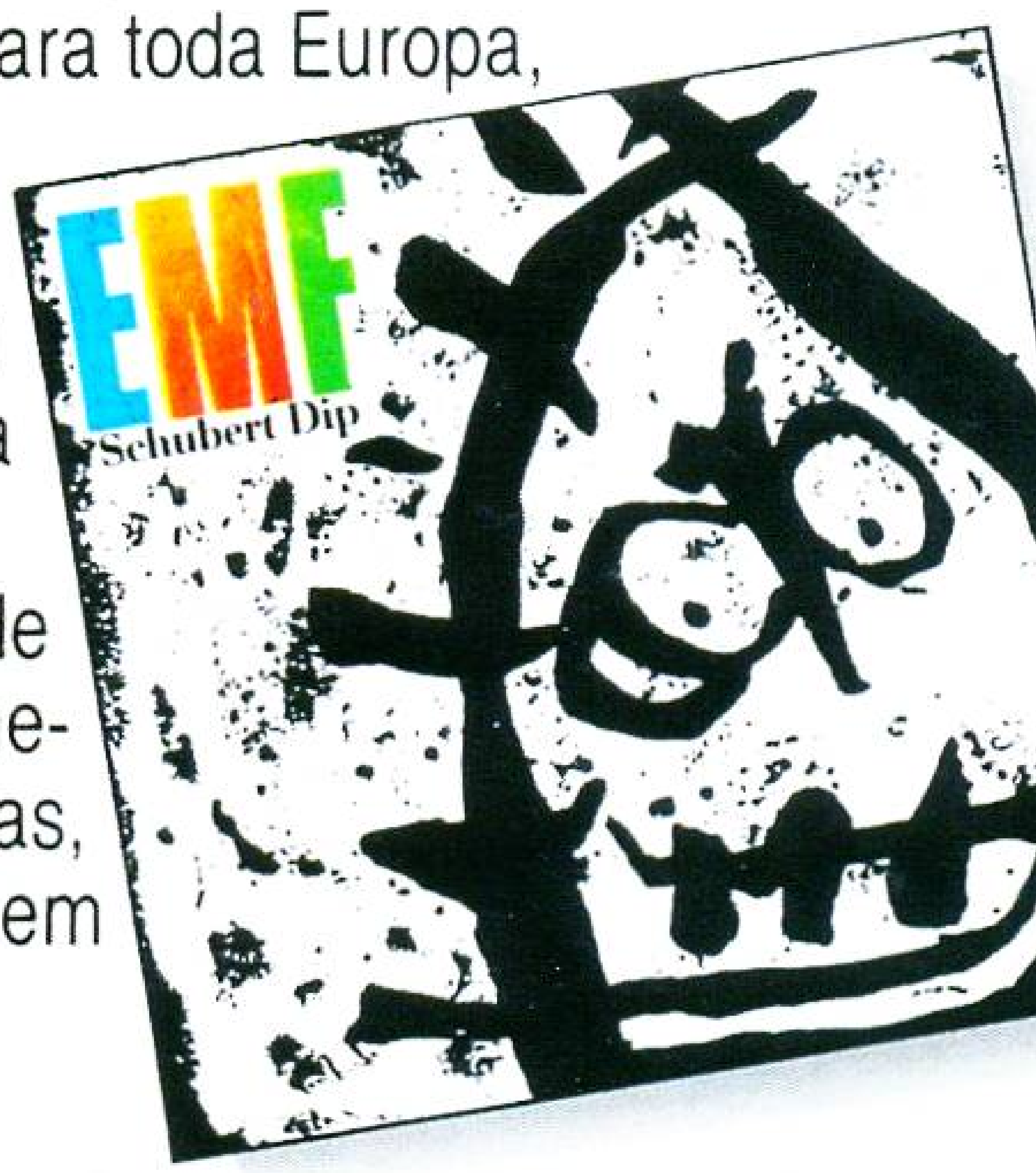
REGGAE WORLD BEAT

Hoje, como ontem e amanhã, o tema é sexo. Shabba Ranks, rei do dancehall, insinua na revista *Beat* que o rap dele é inspirado em seu próprio membro... O pênis do jamaicano segura — literalmente, segundo o dono — a sua liderança nas pistas do mundo • O norte-americano Chris McGowan (autor do livro *The Brazilian Sound*, Billboard Books) opina na seção sobre *riddims* brasileiros que o nosso país é de canibais: devoramos estilos musicais e produzimos "resultados notáveis na música de jovens artistas contemporâneos como Paralamas Do Sucesso, Marisa Monte e Margareth Menezes". Lá fora devoram os estilos verde-amarelos e produzem coisas como "Lambada" (Penthouse), de Cutty *The Stopper* Ranks e DJ Wayne Wonder. Lambada encontra dancehall e vira sucesso no eixo São Paulo-Kingston-Miami. A pergunta é: quem come quem? • Também sucesso nas pistas — com as mesmas raízes, só que no eixo Kingston-Londres-Chicago — é "Come And Get Me" (Mango/Island), do DJ/produtor inglês Shaka *alas* Jah Shaka *alas* Raggafunk. Extraído de seu primeiro LP, *Dub Symphony*, é mais house que reggae. Baixo espaçoso, vocal espalhado e produção extensa. Dub com BPM • Grandes homens atuando hoje na produção de vários estilos de reggae são Steely e Clevie, responsáveis por 65 por cento dos cem mais da Jamaica nos últimos três anos. Reggae para todos; paz é a mensagem, e deixe a porta aberta. Axé.

JOÃO MONTANHA

EMF

Esse é o EMF. Uma banda que, segundo seus integrantes, pode significar "**E**cstasy **M**other **F**uckers", "**E**at **M**ore **F**ruit", ou, a cada dia, qualquer outra loucura. Mas, para toda Europa, o EMF é um polêmico grupo de enorme talento que, em pouco tempo, se transformou num dos maiores sucessos da parada inglesa.



SCHUBERT DIP é seu álbum de estréia. Se você quer saber melhor o significado de suas letras, não perca esse lançamento em CD, K-7 e LP.

QUALIDADE
EMI

ECO MKT & COM

rendição incondicional

A electronic body music toma a América de assalto

Ilustração interna de *Friendly Fa$cism*, o segundo disco do Consolidated (91)

William Dickson II

A América absorveu a "nova" música eletrônica européia. Exemplos de cyber, body, techno e outros afiliados desta vertente musical estão mais em alta do que nunca na terra de Ronald McDonald.

Um dos melhores exemplos é o Nine Inch Nails. O principal membro, Trent Reznor, parece um suicida em potencial. Em uma carreira curtíssima, apenas um álbum (*Pretty Hate Machine*), conseguiram arrancar altos elogios da crítica americana.

Já chegaram mesmo a chamar o NIN de "a cura para os anos 90". Até Axl Rose foi atingido pelo fenômeno. *La Rose* procurava uma banda para abrir os shows dos Guns na Europa, tendo em mente algo como o Jane's Addiction.

Após assistir a um show do NIN em Los Angeles, Axl fechou com a banda. O acerto da escolha foi tal que o NIN literalmente pôs abaixo o Wembley Stadium, em Londres.

A Califórnia é a nova Meca eletrônica. Nomes estranhos como A: politiq, Biohazard, Xorcist, STG representam a nova força americana. São apoiados pelo tablóide *Technology Works*, que se encarrega da devida divulgação. Estas bandas atualmente estão abrindo shows para Front 242 e Nitzer Ebb, entre outros europeus do primeiro escalão techno.

Já a Wax Trax de Chicago, a pioneira ianque no gênero, aposta principalmente no crossover techno-metal. Os Revolting Cocks estão no patamar da primeira grandeza, já na cola do Ministry. Eles devem excursionar juntos no começo de 92.

Com a quebra do contrato de distribuição entre a Play It Again Sam e a Wax Trax, um outro selo tomou conta dos direitos da gravadora belga na América. É a Caroline Records de Nova York, que se tornou a principal distribuidora techno do país, junto à Cargo Records de Chicago.

Esta detém os direitos da KK Records (Vomito Negro, Force Dimension) e já lançou também os californianos Kode IV, especialistas em samplear músicas de seus próprios "colegas de classe", como Front 242, Skinny Puppy.

Não dá para se esquecer do grupo de San Francisco, Consolidated, que faz rap sobre body music de primeira. Eles foram aprovados até por Chuck D, do Public Enemy, que contará com a produção do trio em uma das faixas de seu novo disco. E essa agora, Tio Sam? *E.N.*

ELECTRO

TECNO POP
EBM

Cevin Key e Dwayne Goettel, membros do Skinny Puppy, estão excursionando com o enésimo projeto destes canadenses. *Doubting Thomas*, como foi batizada a nova cria, participará do Cyber Arts Festival de Pasadena (EUA) e deverá lançar um compacto precedendo o primeiro álbum, sem gravadora definida ainda. E os fãs do Skinny Puppy já podem ir comemorando. Já está pronto o novo álbum do trio, que eles afirmam ser o derradeiro. Será que dá para acreditar? • A gravadora Mute, responsável pelo Depeche Mode, Nitzer Ebb e Laibach, entre outros, está relançando todo seu antigo catálogo, exclusivamente em CD. Trabalhos dos precursores Die Krupps, Throbbing Gristle e SPK poderão finalmente desfrutar da tecnologia digital • Boris Mikulic (ex-In Sotto Voce) está de volta com *Philia Phobia*, via Antler/Subway. Neste disco o iugoslavo propõe um novo crossover sacro-metal-body music. É o disco mais ensurdecedor do ano!!! • Já Mark Verhaeggen (ex-Klinik) aposta em outra linhagem. Com um pé no som 4AD e outro no passado, *Semblance* (Antler/Subway) conta com as participações de Niki Mono e Mark Ickx (A Split Secon) • Aguardem pela primeira coletânea techno nacional, com Khomand 45, Símbolo, Individual Industry, Volv Unction e Bad Cock, entre outros. Detalhes na próxima edição.

ENEAS NETO

D O U B T

WHO?

WHERE?

No Brasil, uma certeza de sucesso em CD, K7 e LP.

WHY?

Porque é um ritmo superdançante, onde esses geniais skatistas londrinos misturam rock, dance e sampler, às incríveis letras de Mike Edwards.

QUALIDADE
EMI

papo SÉRIO

SUPLA já foi a grande piada do rock nacional. Prepare-se para mudar de opinião

"Eu até me identifico com o Vanilla Ice neste ponto, na burrada no começo da carreira. A gravadora armou e o cara se deixou levar — ficou falando que era o fodidão da praça, que tomou facada, e depois descobriram que era tudo mentira. Qual o problema do cara ser branco e cantar rap?"

E qual o problema de um garotão rico, pintoso e filho de pais famosos fazer rock? Em princípio, nenhum — mas só agora, com um disco que é um dos maiores petardos da história do rock nacional, é que Supla está conseguindo acabar com a imagem de filhinho de papai.

Demorou paca — o cara está metido em rock desde criança. "Eu morava na Califórnia nos anos 70 e lá rolava muito Dylan, Janis, Stones. Voltei para o Brasil para morar com a minha avó, e na frente da casa dela tinha um beatlemaníaco. Armei com ele um grupo chamado Os Impossíveis, como o do desenho animado. A gente fazia cover dos Beatles e dos Stones. Com 16 anos fui para o Havaí. Tomei tudo, detonei geral e acabei voltando ao boxe, para me recompor. Nessa época conheci B-52's, Devo." No ato o cara sai andando de quatro pelo chão e cantando "Mongoloid".

Depois dessas aventuras infanto-juvenis, Supla avançou para um grupo chamado Zig-Zag ("como aquela seda de enrolar baseado"), outro chamado Metrópole e depois o Tókio. A meta sempre foi a mesma: puro entretenimento.

O cabelo foi descolorido também por curtição — "e daquela coisa surfista de *california beauty*". Mas acabou funcionando contra Supla: as acusações de clone de Billy Idol voaram. "Acho que fui injustiçado", diz o homem. "Eu era uma criança, não conseguia nem cantar direito. A gravadora armou o lance, estávamos só a fim de tocar e foda-se."

Depois de quase desistir da carreira, "tocar e foda-se" é exatamente o que Supla está fazendo. Graças à insistência do paralama João Barone, que o convenceu a voltar a gravar quando os dois se cruzaram no Rock In Rio. Supla descolou o melhor power trio dando sopa no mercado — os irmãos Ivan e Andrea Busic, ex-Taffo, mais o guitarrista Eduardo Traíra, ex-Anjos da Noite. Agitou também o veterano Luís Carlini, para gravar umas guitarras havaianas.

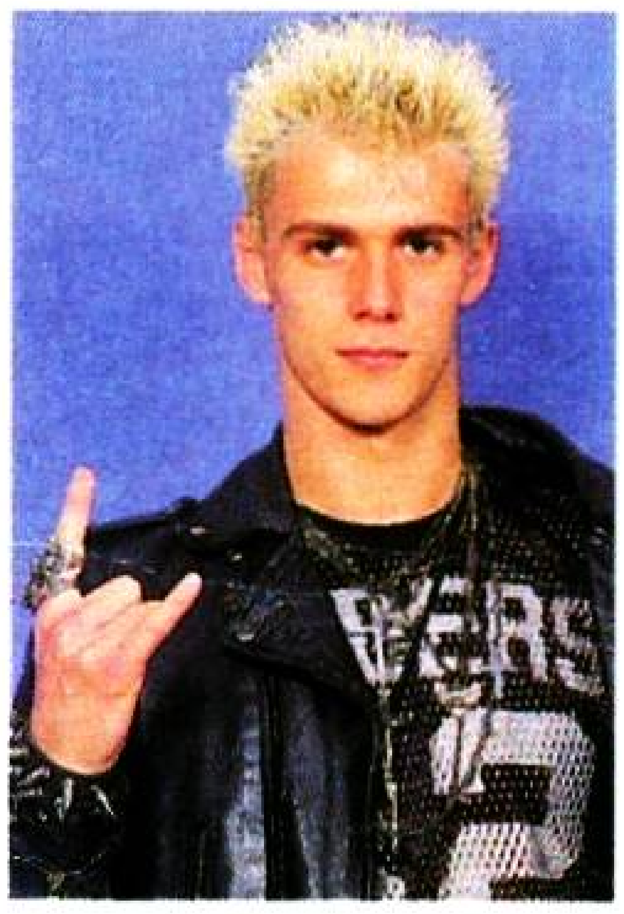
O resultado surpreende, mais ainda que o novo visual moreno (a cor natural de seu cabelo) ou a bunda de fora no clip de "Encoleirado". Não bastasse a eficiência dos rocks, Supla ainda canta uma versão de "Você Não Entende Nada" (aquela, do Chico Buarque/Caetano Veloso) e as baladas "Break The Ice" e "Você Só Pensa Na Fama". Nesta última, ronda o fantasma de "Rocket Man", de Elton John. É ou não é? O cara responde com absurda franqueza: "Sem dúvida, legal você falar isso".

Guardo para o fim a grande questão: como foi fazer aquele filme dos Trapalhões como namorado da Angélica? "Eu sou ator mesmo, cada música minha é uma performance. Agora, a Angélica tem que beijar, e naquele filme ela não beijou. Não que eu esteja querendo beijar ela, mas é atriz ou que diabo?"

"Agora, o filme que eu tinha o maior tesão de fazer era *Menino Do Rio*, só pegando onda e cantando. Elvis para caralho..."

CARLOS EDUARDO MIRANDA

Briski Jr./Azul



O DIA EM QUE SUPLA ENCONTROU BILLY IDOL

Ross Marino/LFI

"Eu estava em Los Angeles no ano passado e vi passar o Billy Idol com um segurança. Ele entrou na casa ao lado da minha, que é do empresário dele, do Tom Petty e do Bob Dylan. Fui falar com o cara e um segurança gordinho desceu arregaçando as mangas e dizendo 'What you want motherfucker, I'm gonna kick your ass!'

Fiquei espantado, o cara foi me empurrando e o Billy Idol desceu. Falei que ia tocar no Rock In Rio na mesma noite que ele, e ele disse 'good luck to you'. O gordinho me deu um puta empurrão, eu chamei ele para o pau mas o cara desencanou. Depois liguei para o empresário, que se desculpou. Aí chego em São Paulo e sai uma entrevista com o Billy Idol na *Folha* dizendo que ele nunca tinha ouvido falar de mim.

No Rock In Rio meu camarim era do lado do dele. Vem o segurança e me pergunta se eu ainda quero brigar com ele. Eu sou educado, o cara está no meu país, eu trato bem. E o Billy Idol estava toda hora fora do meu camarim esperando eu passar para falar alguma bosta.

Aprendi muito depois disso. Esse disco é um *comeback* para mim. Supla como ele é: ao mesmo tempo que jogo pólo a cavalo com os playboys, luto capoeira e sou vice-campeão de boxe da Gazeta, que é academia de tomado."

TAPAS & BEIJOS

91 foi um ano escrotésimo, que morreu como merecia: esbugalhando os olhos, babando, com decrescentes espasmos e ganidos, qual vira-lata sarnento recém-atropelado.

Agora é ano novo, vida nova — mas nem tudo são flores. Temos de estar atentos e fortes, porque vem aí uma — outra — tempestade de merda. A recessão global vai apertar. O Brasil continuará chafurdando no estrume. A podridão esotérica continuará a apodrecer as mentes da juventude. E, se não bastasse isso, vem aí a ECO-92, em que estaremos representados pela Zélia do Bernardão. Deus do céu, é suficiente para fazer um cara sair dando tiro nos mendigos.

O ideal, eu sei, seria só falar do sal-sol-sul de janeiro, do verão tropical, das mina pelada. Mas eu tô trampando, sacô? Como diz Harvey Pekar: "Quando eu era jovem passava o tempo todo pensando em sexo. Mas de lá para cá, amadureci muito. Hoje, me dedico ao que realmente importa na vida — ESMAGAR MEUS INIMIGOS!"

O presente, portanto, é negro. A saída? Ajoelhar com humildade aos pés do Caboclo Adamastor, guardião sempiterno dos brasucas hospitaleiros, progressistas e trabalhadores. Isso, e beber muita cerveja ao ar livre... ler... ouvir rock'n'roll para cacete, claro... namorar... e principalmente ter consciência de que a morte se aproxima célere e que a vida pode ser ocasionalmente bela. É tudo uma questão de sabedoria, grana, paz de espírito e sorte. Muita sorte.

ANDRÉ FORASTIERI

HOLLYWO

OS GRUPOS QUE VÃO TOCAR NESSE FESTIVAL, JÁ ESTÃO SE APRESENTANDO NAS LOJAS.

SEAL TITÃS BARÃO VERMELHO SKID ROW

OD ROCK
SLAVE TO THE GRIND
SKID ROW
SKID ROW ★ SLAVE TO THE GRIND
SEAL
SEAL
Titãs
★ TUDO AO MESMO TEMPO AGORA
BARÃO VERMELHO
BARÃO VERMELHO ★ NA CALADA DA NOITE
WARNER MUSIC
UM SHOW EM CD, LP E K7.

LEGIÃO

A longa jornada do trio,

"Que dia é hoje? Dezoito de outubro? O dólar tá quanto? 670? Esta entrevista vai ser publicada em dezembro? DEUS ME LIVRE do que vai acontecer até lá!!!"

É o Renato Russo que eu conheço. Hoje é treze de novembro e o dólar está a 800 e qualquer coisa (despencou. Mas só depois de ter estourado a barreira dos mil, para gáudio dos alarmistas em geral e dos especuladores em particular). E não aconteceu nada digno da preocupação de Deus — pelo menos nada que Ele já não esteja careca de conhecer.

Pô, já faz um mês que eu entrevistei os caras. E só depois de uma longa e tenebrosa primavera é que nos chegou às mãos, *hoje*, o raio do disco (aliás uma cópia pirata. Não, dona Odeon, não conto como eu consegui). Também é só hoje que parecem, finalmente, estar superadas todas as confusões que Russo & Cia. criaram com os fotógrafos que a BIZZ incumbiu de clicá-los — em geral uma missão prosaica, mas nunca no caso da Legião.

A velha Legião íntegra e frágil. A velha Legião sublime e pentelha. É só por isso que a Legião está na capa de *janeiro*, e não de *dezembro*, quando foi lançado o disco... Ou, do meu ponto de vista, quando *será* lançado, visto que eu estou transcrevendo, em *novembro*, a entrevista feita em *outubro*. De volta para o futuro, parte quatro. O dólar tá quanto, leitor?

ERRANTE

a fábrica de hits até o neoprogressivo

Jack Tristano

ROCKIT!

Que treta foi essa com a gravadora?
RUSSO É que nós negociamos, para o quinto disco, um contrato com total liberdade artística. Nossa relação com o pessoal da Odeon era quase afetiva e, no momento em que resolvemos fazer a coisa sozinhos, pintou um certo ressentimento.
DADO Eles já tinham pisado na bola. Tentaram lançar uma coletânea pelas nossas costas, a gente vetou... Aí cortamos o cordão umbilical.
RUSSO Mas agora já está tudo resolvido... É que nós éramos os "bichinhos mimosos", os *enfants gatés* da gravadora. Pô, eu estou com 31 anos, um homem casado, com filho. Não é mais aquela coisa (*imitando criancinha*) de "Oi, tio, e o disco, tio?" Vá falar com os nossos advogados! Se até o Axl Rose já reclamou da Geffen...

E como é o disco?
RUSSO Ih, tem umas coisas medievais, uns instrumentais. O primeiro lado é uma viagem. Vão dizer assim: "Legião repete fórmula e lança disco progressivo (*risos*)..."

Progressivo?!
RUSSO Ah, eu adoro progressivo! Porque não me faz pensar. É música escapista. Estou ouvindo o *Nursery Cryme* do Genesis, imagina... Não todo dia, é claro. Mas eu voltei a colocar na vitrola. Na MTV, se você pega o programa certo, tem umas coisas muito boas... eles passam DeFalla! Mas às vezes eu quero ouvir coisas que me acalmem. É todo meu imaginário, é o que eu ouvia quando tinha onze, doze, treze anos...

Você jogou seus discos progressivos fora? Porque eu, na época da new wave, dispensei e depois tive que comprar de novo...
RUSSO Não, eu guardo tudo! E tem bandas que eu nem percebia como eram boas... Eu achava Emerson, Lake & Palmer o máximo — hoje eu ouço e sei que é uma creca, aquilo não é bom de jeito nenhum. Agora, você pega o *Lark's Tongues In Aspic* ou até o *Islands* do King Crimson, e tirando aquelas coisas barrocas... Cara,"Ladies Of The Road" é bom pra caralho!

Nosso disco vai ter uma balada de onze minutos e meio, que se chama... (*em tom solene*) "Metal Contra As Nuvens"... A gente tentou fazer umas coisas pesadas, mas ficava tão frau... Fizemos isso por preguiça. Poxa, a gente tem que trabalhar no formato de LP. E seria muito desagradável repetir o *Quatro Estações*, que virou um *hit singles pack*. Até hoje está tocando "Sete Cidades"! Acho que não há uma música daquele disco que não tenha tocado no rádio, umas mais, outras menos... Até "Feedback Song", que é a que menos tocou, foi primeiro lugar na rádio 89 de São Paulo, ou coisa parecida. Aí como é que fica? A gente vai ser obrigado a fazer quantos *hits*, já que o último tinha *nove*...

E as outras faixas?
RUSSO O lado A começa com um texto em português arcaico, escrito em 1200. É a antítese do *Quatro Estações*, aquela coisa de que o amor-vai-salvar-todo-mundo... De repente este disco abre falando assim... "Pois nasci nunca vi amor/E ouço dele sempre falar". É assim. Nunca vi. Não existe. Acabou. Aí vem aqueles onze minutos daquela coisa superlenta... Fala de coisas de hoje em dia, mas de um ponto de vista meio medieval: "Não sou escravo de ninguém/Ninguém senhor do meu domínio..." Depois tem um instrumental chamado "Ordem Dos Templários", e mais oito minutos de "Montanha Mágica", que é uma música sobre heroína... Esse é o primeiro lado. Do outro é que está a realidade, as canções mais normais. Acho que é um disco bom para namorar, para fumar um...

É uma espécie de *Low* do David Bowie ao contrário, com o lado "difícil" na frente...
RUSSO Mas não deixa de ser Legião. A gente sempre é meio brega. No primeiro disco a gente ainda tinha uma certa virulência. Agora, em vez de ficar reclamando, a gente faz uma música totalmente linda (*cantarolando*), "parararará, o mundo está uma merda..."

Médico, e o Dado taí perguntando quando é o Dia do Músico Estagiário...
DADO O Dia do Músico Estagiário é de noite...
RUSSO O maior trabalho que esse disco deu foi para fazer a coisa *o mais simples* possível. Eu adorei escrever coisas como "Acrylic On Canvas", mas neste disco eu quis ser bem mais simples... A gente tem até público infantil... Eu já tenho trauma de ter falado coisas sérias demais.

No pop e no rock não adianta você ser panfletário. Eu não vou fazer o equivalente sonoro das fotos do Robert Mapplethorpe... Se eu falar do que está rolando, da miséria, da angústia, eu terei que falar disso duma maneira que não agrida, porque já existe muita, muita, muita agressão. Se a gente não tivesse tanta responsabilidade... Isso é uma coisa paradoxal e controvertida, as pessoas podem até me entender mal... Mas se nós não tivéssemos responsabilidade, com certeza estaríamos fazendo outras coisas.

Mas isso parece um marketing anti-Legião!
RUSSO Cara, a gente está num país em que as pessoas não têm educação! Na época do *Quatro Estações* a gente ainda fazia a coisa perigosamente. Aquilo é o disco de um cara descrente. A gente não vai esquecer "Que País É Este", que era uma música adolescente boba e quase fode com a gente! Ou daquele show em Brasília, vendo a garotada se matando.

"Não adianta ser panfletário. Só falarei da miséria e da angústia se for sem agressão"

E as letras?
RUSSO É um disco de transição...
BONFÁ Claro que é de transição. A gente grava só de dois em dois anos, *todos* os nossos discos são de transição...
RUSSO É de transição porque eu começei a fazer análise. Não tenho mais aquele *angst* de jogar tudo nas letras. Sei lá. É a primeira vez que eu tenho certeza de que as letras são boas, mas eu não sei se gosto. Antes eu gostava, mas não sabia se estava bom...

A Legião perdeu o ímpeto juvenil?
RUSSO Não, no disco tem uma letra que diz "o mundo começa agora/Só agora que começamos"... É claro que quando eu tiver 40 anos vou dar outra desculpa. O nosso amigo Mick (*Jagger*) dizia: "Como é que eu vou cantar 'Satisfaction' quando eu tiver X anos?" E hoje o cara está com X mais 14 e tá lá, cantando "Satisfaction"... A verdade é que a gente ainda nem sabe tocar direito. Hoje é o Dia do

... É melhor não chutar o pau da barraca?
RUSSO Eu tenho um filho pequeno, que está aprendendo a falar agora. Se eu quiser escrever sobre heroína, vou fazer de um jeito que, quando meu filho ouvir a música, não fique chocado.

A Legião já foi considerada porta-voz de uma geração...
DADO Tem uma dose de mitificação nisso.
RUSSO Aquela coisa do Herbert (*Viana*) dizer que Legião não é música... A gente é o quê?!
DADO ...É religião...
RUSSO No momento em que a gente não é tratado como igual nem por nossos pares, eu me sinto colocado contra a parede. Legião nem é tão bom nem tão especial. Claro que tem coisas bacanas, mas também tem muita coisa que não presta... Só que tem uma certa empatia. Como eu faço as letras sempre em primeira pessoa, há uma identidade, paradoxal, entre a música e o ouvinte... "Poxa, esse cara tá falando da *minha* vida!"

Já teve um cara que até quis me bater! Eu estava andando no Shopping da Gávea, chega esse cara e diz: "Você não tinha o direito de escrever 'Ainda É Cedo' sobre a minha história, de ficar espalhando isso para as pessoas! Como é que você sabia de tudo?", e me olhando, com aquela cara de psicótico... Pô, cara , eu estava falando de *mim*! Eu sempre gostei de Bob Dylan, desse tipo de compositor que mesmo quando está falando do social, do que quer que seja, passa isso por um prisma psicológico-afetivo-emocional-íntimo, sei lá... Mas qual era a pergunta mesmo (*risos*)?

Calma lá!

RUSSO Não estou dizendo que eu sou falso. Eu acredito no que eu canto. O que acabou foi essa coisa do Russo poeta romântico. Que nada, é só letra de música — e ainda por cima eles roubam toda a grana da gente! Tivemos que montar uma editora para cuidar dessas coisas... Será que não existe nada mais importante na vida que letra de rock'n'roll?

Para a molecada idealista, provavelmente não.

"Já passei a fase de morrer de overdose. Eu agora tenho mais é que virar Rod Stewart"

A Legião se sente parte dessa geração que está sendo detonada pela crítica por tentar mudar de registro? Tipo os Titãs, tentando fazer rock mais pesado, ou os Paralamas, cada vez mais românticos?

RUSSO Eu acho que esse disco dos Titãs é o disco mais Titãs deles. O dos Paralamas é o mais Paralamas. E o nosso é o mais Legião... O que era açucarado, agora é sacarina pura... O Metallica sim é que deu uma diluída!

E as comparações entre a Legião e os Engenheiros?

RUSSO Não estou muito em posição de falar de nenhuma banda, porque a coisa fica rebatendo durante meses. *Numa* entrevista, *uma única* vez na minha vida, falei alguma coisa dos Uns E Outros, que eu achava eles parecidos com a gente, e também reclamei um pouquinho do Capital, porque eles estavam dando no saco, pegando música antiga minha e gravando — e olha que eu sou amigo dos caras e tudo. Isso ficou rolando meses, era só abrir a revista... Eu li a entrevista do Humberto (Gessinger) na BIZZ, e achei que o que o cara falou tinha a ver, *eu* queria ter falado algumas coisas daquelas...

Lá fora esse tipo de coisa não existe porque para cada banda tem mais trinta iguais! Só banda-de-franjinha deve ter umas cinqüenta! Eu não sei qual é a diferença entre Charlatans e Inspiral Carpets e Ride e não sei mais o que... Que importa se é o Humberto ou o Russo quem escreve melhor? Que bobagem, eu faço música para ganhar dinheiro! Não foi o Humberto que disse que todos nós somos umas putanas? Eu tenho aluguel para pagar. Tenho 31 anos, já passei da fase de morrer de overdose... Todos eles morreram com 27... Eu agora tenho mais é que virar Rod Stewart...

RUSSO Eu estou sendo diplomático. Claro, tem coisas de que realmente eu não gosto. Por exemplo, todo mundo adora o Lenny Kravitz, e eu acho o Lenny Kravitz um *fake* de marca maior. Não gostava dos Guns N'Roses, ficava puto com as coisas que o Axl falava...

Hoje em dia até respeito o cara: ele pensa realmente desse jeito, e está tendo que assumir a responsabilidade pelo que diz. Nada é impune. Até comprei um disco dos Guns... Só não fico ouvindo porque acho que vai ser um desserviço enorme para o rock'n'roll. Toda a garotada que está vindo agora vai achar que foram eles que inventaram todos aqueles *riffs*... Na verdade eles chupam os caras que chupavam os Stones, que já tinham chupado de alguém antes...

DADO Tem que ter discernimento pessoal, subjetivo. Eu adoro Cowboy Junkies, é maravilhoso. É diferente de, sei lá, Divinyls... É tudo pop, mas dá para discernir. É tudo putana, mas tem as da rua Major Sertório e as da madame Claudette.

RUSSO O que me irrita um pouco é que não tem jeito de a gente falar do nosso trabalho sem citar outros. Eu vim para cá e já sabia: vão me perguntar dos Titãs, dos Engenheiros... Será que não dá para falar do nosso trabalho ?

É porque vocês se recusam a mostrar o disco... *(Confusão. Bonfá quer mostrar algumas pré-mixagens no toca-fitas do carro. Depois acabaríamos no estúdio onde o disco estava sendo mixado, para ouvir duas músicas... mas ambas do lado B).*

Você, que gravou em português arcaico, acha que quem está escrevendo em inglês está prestando também um desserviço para a língua portuguesa?

RUSSO *Que* língua portuguesa? Cadê nossas escolas? A língua portuguesa é muito bonita, mas é difícil. Dá muito menos trabalho escrever em inglês, que tem certos fonemas, e a divisão das sílabas... quando há sílabas! Porque o inglês é uma língua virtualmente monossilábica... Sério, é melhor fazer música em inglês do que uma música em português que diz "mulher é tudo vaca". Aí é o meu limite. Isso não dá.

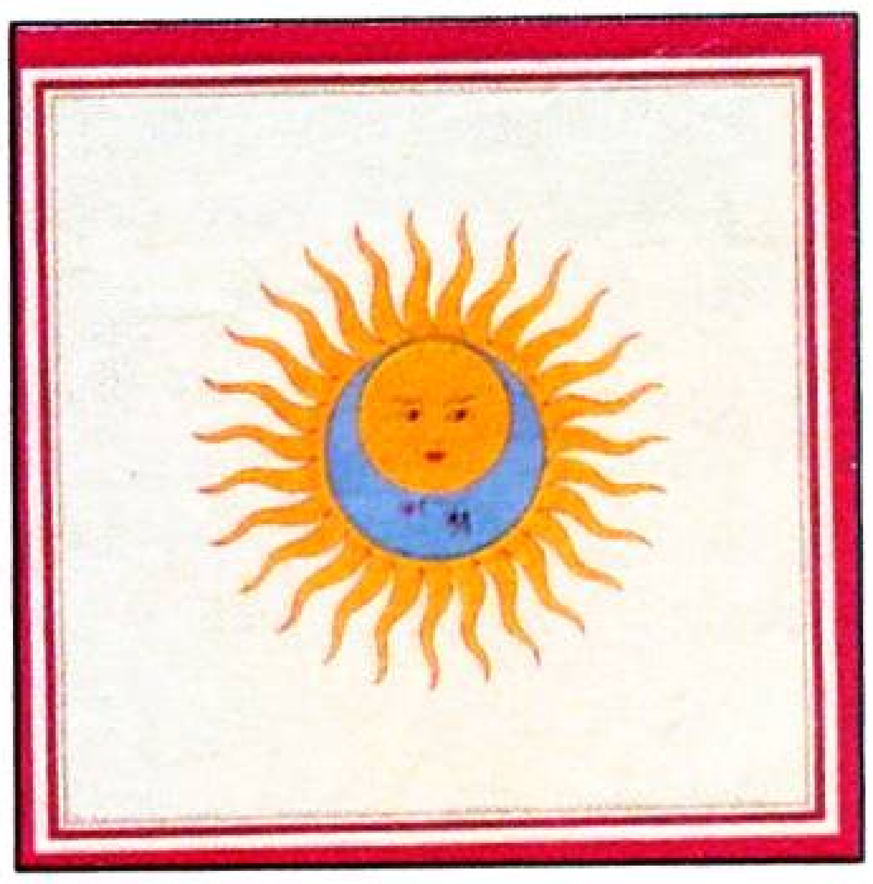
Você é a favor da censura?

RUSSO Censura não, *nunca*. Tudo bem, alguém fez, tem o direito de se expressar. Mas "mulher é tudo vaca" é o cúmulo...

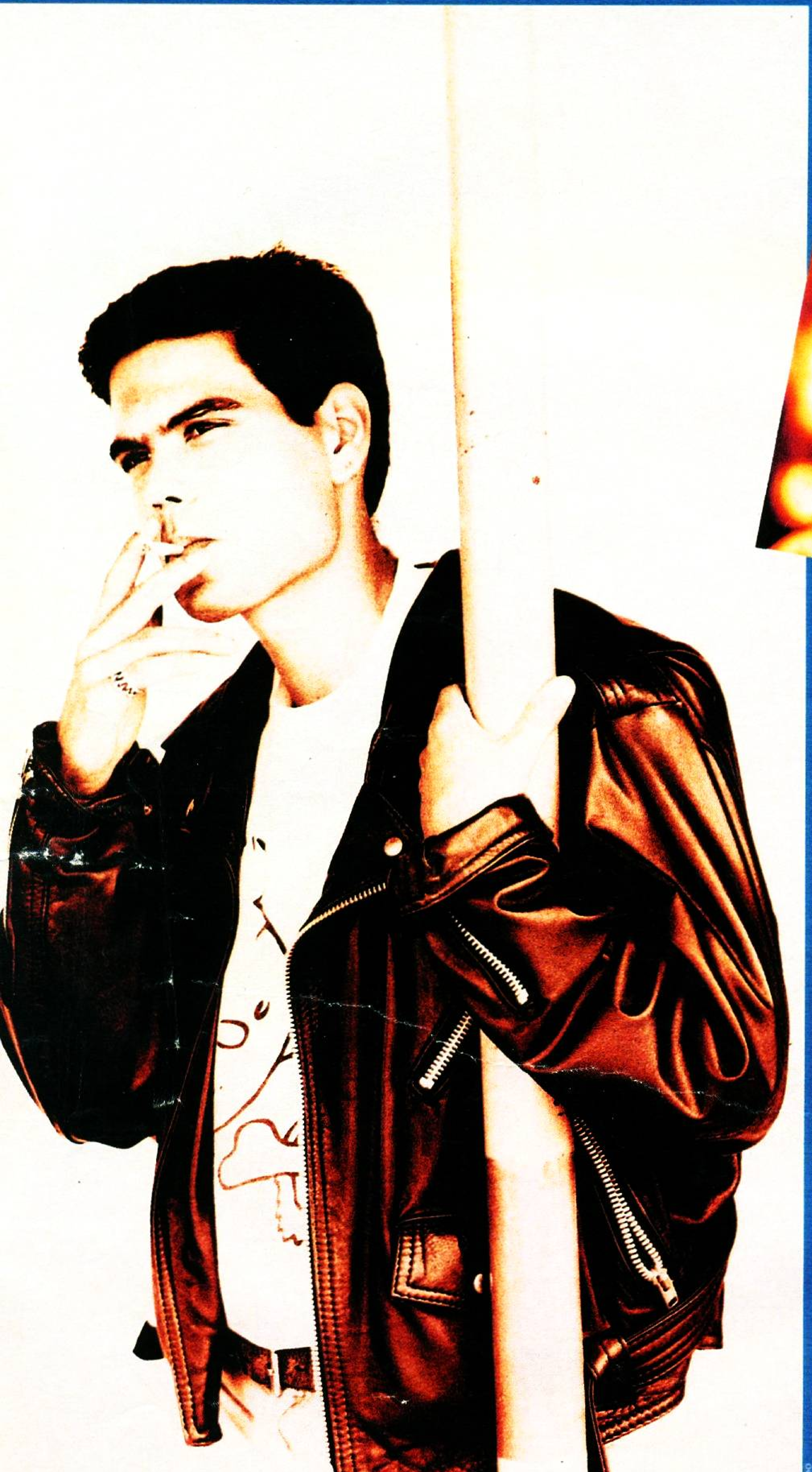
DADO A gente tinha umas coisas em inglês neste disco, mas acabaram não entrando...

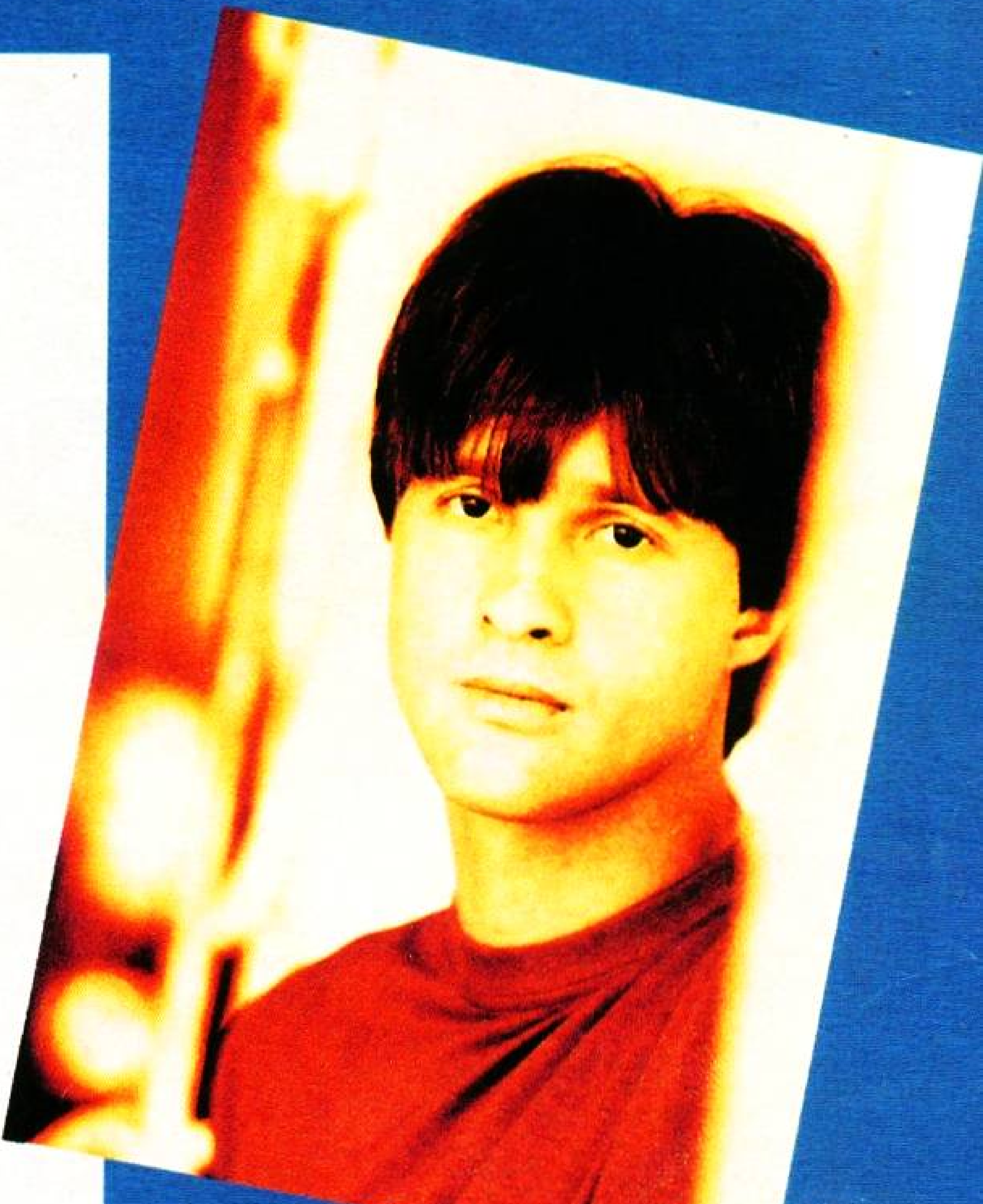
RUSSO É, eram três músicas em inglês. Não entraram de propósito. E olha que eu adoro cantar em inglês. Meu inglês é legal. "Feedback Song" eu escrevi em inglês porque era uma coisa pesada, sobre a Aids... Mas talvez também tenha sido vislumbre disso, de quem sabe tocar lá fora, como o Sepultura...

Que eu aliás considero, humildemente, a maior banda nacional hoje em dia. Em termos de tudo. Eu nem entendo muito de metal, mas respeito o espaço que eles conseguiram, fazendo o que querem... Pode esquecer o tal triunvirato Titãs-Paralamas-Engenheiros... Tem um trocadilho com o heavy metal no refrão de "Metal Contra As Nuvens" que é assim: "Eu sou metal, raio, relâmpago e trovão/Eu sou metal, e eu sou ouro em seu brasão"...



Influências do King Crimson: no som, e não só. A capa de cima é de *Larks Tongues in Aspic*





Se você me permite uma comparação escrota, pensando no show do Pacaembu, acho que o Sepultura é mais herdeiro da Legião do que os Engenheiros...

DADO (*Entusiasmado*) Totalmente verdadeiro!

RUSSO É, a postura é parecida, só a música é diferente. "Dead Embryonic Cells", aquele clip é um escândalo! E eles são bonitinhos (*risos*)... Isso no rock conta! Você quer um bando de trolhas lá em cima (*risos*)? Eu, pelo menos, as fãs dizem assim (*imitando tiete*): "O mais bonito é o Dado, o Bonfá também é lindo. Mas o Renato é o mais inteligente"... deixa elas pensarem...

DADO A beleza é inversamente proporcional à inteligência...

Isso é ofensa ou elogio (*gargalhadas*)?

RUSSO Tudo bem. Vocês são bonitos *e* inteligentes (*risos*)... A imagem é importante. É que nem o Donny dos New Kids. Ele tinha que ser alguma coisa, já que ele é o mais feioso. Então ele tem que ser o rebelde, o que fala as coisas.

Te preocupa não ser bonito?

RUSSO Só na hora de tirar fotos... (*Valeu o aviso, grandessíssimo filho da mãe!*)

Mas eu já ouvi fã dizer que você é o cara mais bonito do mundo...

RUSSO Poxa, avisa essas pessoas para me darem mole com mais freqüência (*risos*)! Pode chegar e dizer: "Renato, você é um tesão, vamos fazer isso e aquilo (*gargalhadas*)"...

ALEX ANTUNES

Fotos: Jack Trestano

Saco de Poeira

Quem, eu me preocupar? O vocalista Corey Glover não está nem aí para a crítica e para a crise no Living Colour

A bruxa anda sobrevoando as vizinhanças. Foram anos de apoio quase unânime da crítica e uma maré de popularidade que incluiu dois sucessos de parada: "Glamour Boys" e "Cult Of Personality" — essa ganhou até um Grammy. E inúmeros prêmios da MTV, quase três milhões de discos vendidos só nos EUA, uma capa da *Rolling Stone* em novembro de 90...

Mas o Living Colour conhece agora, talvez pela primeira vez, o significado da palavra *crise*. Muzz Skillings, o baixista, foi-se embora após seis anos no posto. Resultado das proverbiais "diferenças criativas" — o jargão desencavado pela diplomacia pop para explicar as impossibilidades de convívio. Até o final de novembro passado, quando eles começavam a fazer as malas para o Hollywood Rock, ninguém tinha a mais pálida idéia de quem entraria no lugar de Muzzy.

O mais inesperado: o EP que o Living Colour lançou em meados do ano passado, *Biscuits* (uma colcha de retalhos de faixas ao vivo, inéditas e covers de Hendrix, James Brown, Talking Heads e Al Green), provocou uma reação inédita.

Uma resenha publicada na revista *Spin* foi tão violenta que pôs em xeque a própria relevância musical da banda. "Todos nós sabemos o motivo verdadeiro pelo qual os críticos de rock se mijam pelo LC" escreveu Chuck Eddy. "Se eu fosse o Mordred, o Riot (ou o Rush), que fazem todos mais ou menos a mesma droga pomposa — e são quase tão ruins —, eu estaria considerando seriamente a possibilidade de pintar a minha cara de preto..."

"Ignorância, pura e simples. Não estamos fazendo o que fazemos porque somos pretos", diz o vocalista Corey Glover, rindo das mal-traçadas assinadas por Eddy. "Se os críticos têm complexo de culpa, é problema deles. E se Eddy, em particular, acha que eu sou a pior coisa do mundo desde David Coverdale (*a essa altura Glover já está às gargalhadas*), é porque ele cismou. Não temos nada a ver com isso."

EMI-Odeon

Um pouco de tensão talvez nem faça tão mal a uma banda tão elogiada — e tão sortuda — quanto o Living Colour. Nascida de um projeto iniciado pelo guitarrista Vernon Reid no início dos anos 80, o LC derrubou preconceitos de marketing — crioulo fazendo rock? Os últimos foram os Bus Boys, e em que sarjeta eles estão agora? Mas a mistura de rock pesado, funk e jazz do LC mergulhou na preferência nacional, trazida no colo de Mick Jagger e da Epic, a gravadora de Michael Jackson.

"Qual é a versão que você conhece, a versão HQ ou a *O Mágico de Oz*?", pergunta Corey, a respeito do encontro da banda com Os Velhos Lábios De Borracha. Na primeira, eles estavam tocando numa calçada do Harlem quando Jagger apareceu. Na cinematográfica, eles saíram pela Estrada De Tijolos Amarelos em busca de Mick. E nenhuma é de verdade.

"Jagger precisava de um guitarrista para seu álbum *Primitive Cool*, e foi ver o show nosso", explica Glover. "Gostou e achou que podia nos ajudar." Só? Jagger não apenas produziu a demo, os levou à Epic como também convidou o grupo para abrir os shows da turnê *Steel Wheels*, apresentando-os a três milhões de pessoas.

"Os Stones sempre fizeram isso. Veja só as pessoas que já excursionaram com a banda: Stevie Wonder, Bob Marley, Ike & Tina Turner, Prince. Eles mesmos são os primeiros a dizer que tipo de música gostam mais." Mas Corey prefere não superestimar o sucesso do Living Colour.

"Se tanto, o sucesso nos ajudou a sair da casa dos nossos pais. E garanto que eles adoraram..." De certa forma, a banda também abriu o mercado para grupos negros ou multirraciais como Hard Cops, Body Count e 24-7 Spyz. Teria acabado o preconceito no rock?

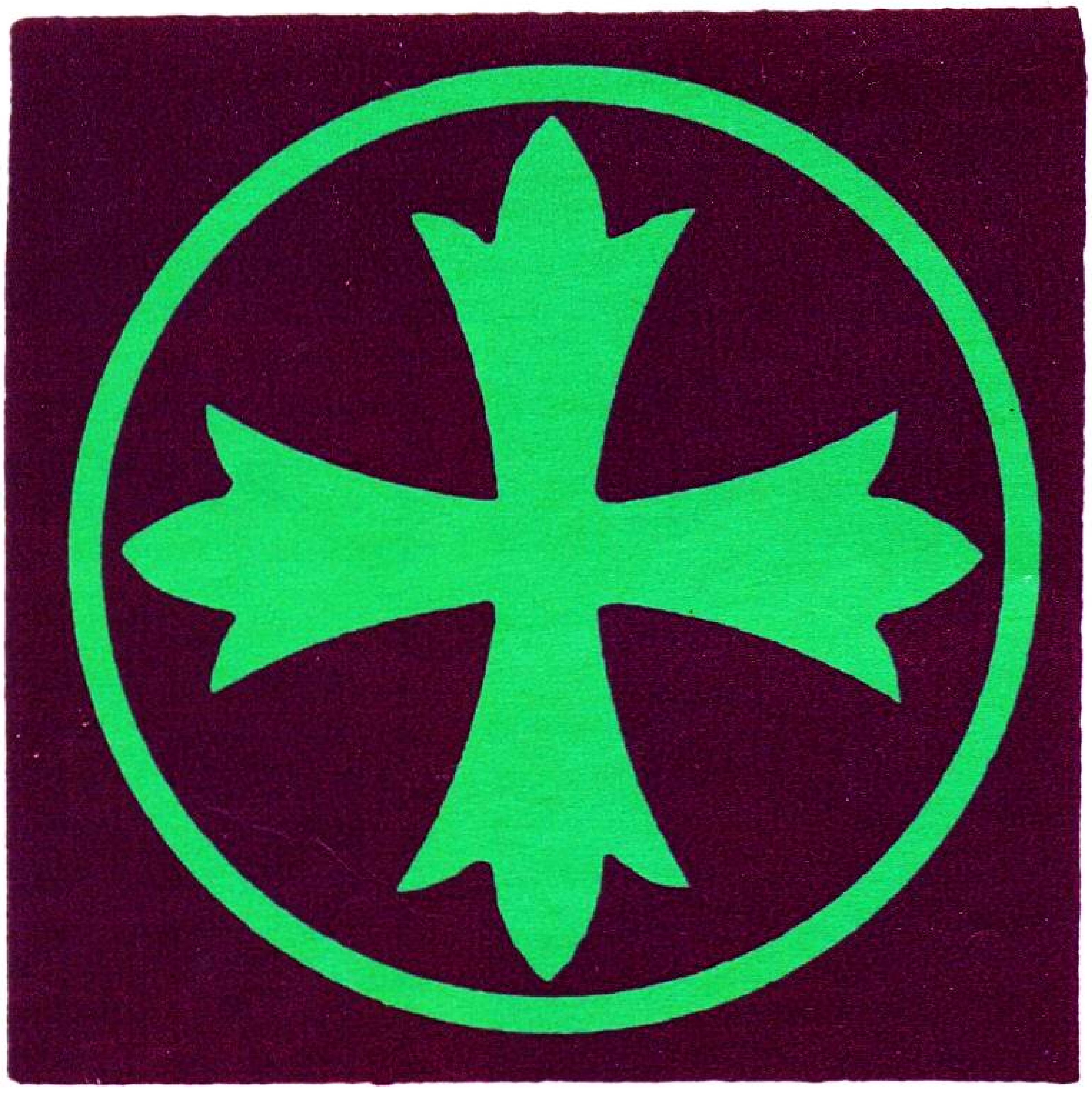
"Acabou e não acabou, entende? É muito bom saber que existem bandas por aí como o Follow For Now, cujo primeiro show, aliás, foi abrindo para nós em Atlanta. Mas você sabe como é: as gravadoras nos usam como barômetro. 'Ah, mas você não soa como o Living Colour?' Na verdade, os caras estão querendo tirar seu próprio som."

Corey não concorda quando se define sua música como "militante", ou mesmo tingida por pontos de vista políticos. "Basicamente, falamos do jeito como nos sentimos — o que não nos faz muito diferentes, digamos, do Van Halen!"

Os únicos planos do Living Colour em novembro eram "tocar no Hollywood Rock e gravar um disco novo, para lançamento no final do ano. Vamos continuar fazendo o que sempre fizemos, e foda-se todo mundo (*risos*). Não dou a mínima. Se você não entende nossa música, é porque nossa música não é para você".

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

JESUS JONES SUPERSTAR



O tecladista Iain Baker conta o que o Hollywood Rock pode esperar da banda inglesa que mais fez sucesso em 91

Em 89, o Jesus Jones estava com tudo para dar errado. Bandinha inglesa vinda de um obscuro selo independente, o Food. Um primeiro disco malsucedido, *Liquidizer*, que era pouco mais que Pop Will Eat Itself melhorado. Seu *crossover* de rock de guitarra com samples e grooves estava sendo ignorado em favor da turma de Manchester.

Em 91, estava com tudo para dar certo. O Food havia sido encampado pela EMI e a *hitmaker* SBK lançou o grupo nos EUA. Seu segundo disco, *Doubt*, manteve a fusão dance-rock, mas com melodias pop eficientes. A crítica começou a admitir que o Jesus Jones... sabe, até que é bem legal!

E aí deu certo. *Doubt* foi número um na Inglaterra e nos EUA vendeu mais de um milhão de cópias. "Right Here, Right Now" e "Real, Real, Real" chegaram no *Top 10* americano. No MTV Awards o Jesus Jones levou o prêmio de revelação. Mike Edwards, o líder e vocalista, se transformou num símbolo sexual.

O cantor disse à *Vox* no início do ano que se o grupo emplacasse sua "revolucionária" fórmula musical, as pessoas iriam mudar suas idéias com relação à música. "Essa coisa retrógrada seria abandonada e aí seríamos mais famosos que o U2. As pessoas esperariam nossos discos como esperavam os dos Beatles."

Ele realmente falava sério quando diz que seu objetivo é mudar os rumos do rock? Iain Baker confirma.

"As pessoas têm uma visão muito estreita com relação à música. Têm medo da tecnologia, acham que estão conseguindo grandes resultados se a evitarem. Queremos mudar isso."

O recém-inaugurado estilo de vida de rico e famoso do JJ é diferente do roqueiro padrão. Mike proibiu o uso de drogas e bebida antes de shows. Os caras do JJ nunca pareceram mesmo daqueles que passam noites a fio detonando.

"Odeio esse clichê de modo de vida de roqueiro famoso. Parece que assim que você começa a ganhar dinheiro tem de começar imediatamente a freqüentar o clube *privé* mais caro, comprar um carrão, torrar o dinheiro com roupas e desenvolver o hábito de cheirar cocaína. Somos caras normais, continuamos fazendo o que sempre fizemos."

Mas Mike Edwards não aproveita de seu status de *sex symbol* para carregar umas duas ou três groupies para o quarto?

"Nããão *(risos)*! No começo, sim, era novidade e era excitante. Mas com o tempo vai perdendo a graça."

O que acham dele ter virado "um objeto de desejo"?

"É tudo muito engraçado. Mike é amigo nosso há muito tempo. Nunca foi considerado bonitão, tem um nariz grande, uma cara gozada. Quer dizer, as pessoas vêm falar que ele é lindo e a gente não consegue ficar sem tirar um sarro dele."

Mike é o líder natural da banda. "Ele é um 'control freak' mesmo. Faz questão de que tudo saia como quer e está sempre decidindo as coisas. É o seu jeito."

"Todos nos conhecemos há muito tempo, então não há problema nisso. Temos certeza de que ele sabe bem o que faz. Independente disso, cada um pode dizer o que acha e lançar suas opiniões."

Esse modo de Edwards conduzir o grupo é freqüentemente chamado de carreirista e calculado. Uma das acusações mais comuns é contra a transformação do som da banda do primeiro para o segundo disco, mais pop e bem-sucedido.

"Estão falando merda. *Doubt* foi feito em pouquíssimo tempo. Não é uma cuidada produção de meses planejada para dar certo. As diferenças entre os dois discos são resultado de uma evolução no som do grupo."

"*Liquidizer* tem boas canções desperdiçadas numa produção e arranjos fracos. É tudo muito linear, não há muita variação. Só uma massa de guitarras que entra a mil por hora, atravessa a música e termina. Já o som de *Doubt* é o que realmente procurávamos. A produção é perfeita e há variedade."

"Citam 'Right Here, Right Now' como exemplo de uma música feita só para estourar. É absurdo, quando a gravamos nem imaginávamos que poderia resultar num single."

Já existe algo pronto para o próximo disco?

"Muita coisa. O estilo é basicamente o mesmo, mas agora usamos muito mais samplers e tecnologia. Temos ouvido muito dance, especificamente tecno." E todas aquelas guitarras, aonde foram parar? "Praticamente não há guitarras. Todos os sons de guitarra vão ser feitos no sampler."

As guitarras só aparecem mesmo no palco. "O JJ ao vivo é bem mais rock'n'roll, mais barulhento. Usamos muitas guitarras, o baixo e a bateria são 'de verdade' e os samples são executados na hora. É uma energia impressionante."

É bom que seja. Afinal, as platéias aqui podem chegar a 80 mil. Iain fica meio pasmo, já que o maior público que eles já tiveram foi 72 mil, na Inglaterra.

"Vou estar muito nervoso na hora de entrar, mas quando chegar no final, espero estar me divertindo muito na frente desse mar de 80 mil pessoas."

Qual foi a melhor coisa que aconteceu em 91 para o Jesus Jones?

"Na carreira foi o prêmio do MTV Awards. Foi uma surpresa total. Fora disso, andei de jet-ski pela primeira vez. Fantástico."

CAMILO ROCHA

DANCE MUSIC

Num ano coalhado de supervocalistas, Rozalla foi considerada a diva house do ano. Para isso bastaram uma voz forte, feliz, e três singles: "Born To Love Ya", "Faith (In The Power Of Love)" e o maior hit, " Everybody's Free (To Feel Good)".

A cantora nasceu na Zâmbia e com treze anos já cantava em discotecas. Mudou-se para o vizinho Zimbábue, onde começou uma bem-sucedida carreira musical — chegando até a emplacar um primeiro lugar na parada local.

Depois foi tentar carreira na Inglaterra. Conheceu os produtores Nigel Swanston e Tim Cox (também conhecidos como 3 Man Island e Band Of Gypsies), que forjaram seu som — house com forte sotaque ítalo e um ocasional detalhe afro. Com os refrões e grooves certos, Rozalla aconteceu nas pistas européias. O irônico é que, embora venerada pela geração do ecstasy, Rozalla abomina drogas.

A diva de 24 anos grava pelo selo Pulse-8 — um dos mais promissores do momento — e promete um primeiro álbum para breve.

nas PISTAS

"O.P.P." **NAUGHTY BY NATURE** (Tommy Boy) Apadrinhados por Queen Latifah e elogiados por gente de Chuck D a Fab 5 Freddy,estouram com um hip hop eficaz que sampleia "ABC" do Jackson 5.

"The Pressure Pt. 1" **SOUNDS OF BLACKNESS** (Perspective) Gospel para os anos 90 produzido por Jimmy Jam & Terry Lewis (Janet Jackson). Remix inesquecível de Frankie Knuckles.

"Emotions" **MARIAH CAREY** (Columbia) Nas abençoadas mãos de Clivillés e Cole, Mariah consegue o hit que sua voz merecia. Abertamente baseada no clássico dos 70 "Best Of My Love", das Emotions.

"Everybody's Free (To Feel Good)" **ROZALLA** (Pulse 8) O mundo é lindo, basta acreditar no que uma das divas dos anos 90 está dizendo.

"James Brown Is Dead" **LA STYLE** (Watts) O nome da música é espertinho, iconoclasta, atrevido... pena que num arranhão de qualquer disco de JB haja mil gerações de vida a mais do que nessa tranqueira cibernética.

"You Know How To Love Me" **PHYLLIS HYMAN** (Arista-80) Uma fantástica vocalista americana, infelizmente pouco conhecida no Brasil. Esta faixa de 80 é seu único hit com registro aqui. Memorável.

"The Hustle" **VAN McCOY** (Avco-75) A "Whistle Song" original está aqui — instrumental com flautinha. O prolífico McCoy geralmente forçava na suntuosidade, mas isto aqui é perfeito. CAMILO ROCHA

parada

DJ BADINHA
(Overnight, São Paulo e São Caetano) Novembro

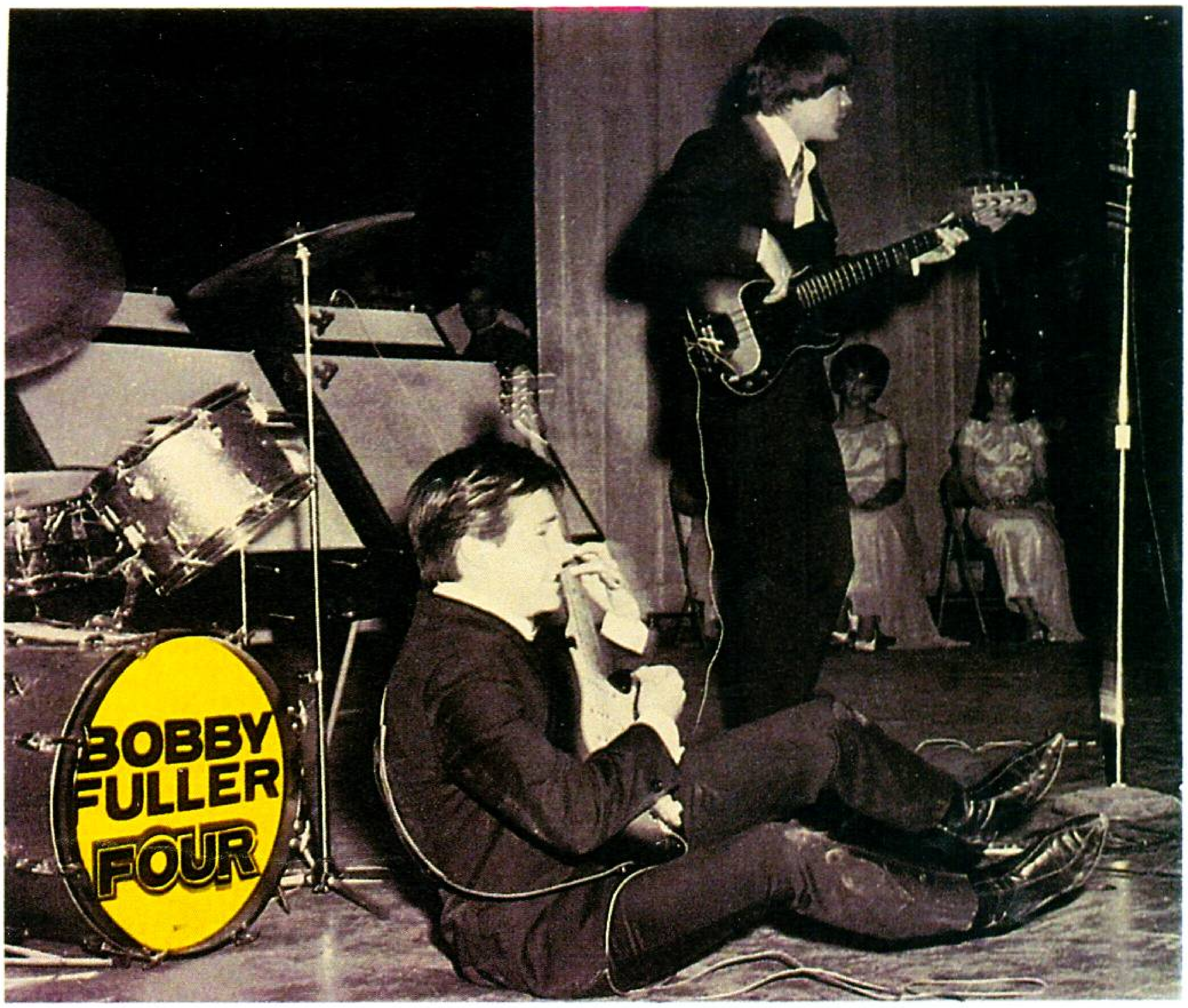
"Blame It On Samba" MCL
"Cream" PRINCE
"Makin' Happy" CRYSTAL WATERS
"There Must Be An Angel" EURYTHMICS
"The Promises" WHEN IN ROME

INGLATERRA
Music Week 2/11

"DJs Take Control" SL2 XL
"40 Miles" CONGRESS Inner Rhythm
"Go" MOBY Outer Rhythm
"Dance With Me" CONTROL AATW
"Finally" CE CE PENISTON A&M

EUA Billboard 2/11

"The Pressure Pt. 1" SOUNDS OF BLACKNESS Perspective
"Running Back To You" VANESSA WILLIAMS Wing
"Move Any Mountain (Progen 91)" SHAMEN Epic
"I'm Not In Love" BASSCUT Charisma
"Emotions" MARIAH CAREY Columbia



BOBBY FULLER

Na tradição dos rockers de seu estado e influenciado pela surf music californiana, o texano Fuller, dentro do padrão de rock rigorosamente americano, atingiu um pico de perfeição único nos anos 60.

Foi igualado, talvez, apenas pelos Beach Boys de uma certa fase, num certo momento.

Na virada dos anos 50, o rock'n'roll tradicional se esvaecia. Bobby instalou um estúdio na casa de El Paso, Texas, para gravar demos com composições próprias e covers dos artistas que mais admirava.

A partir de 61 começou a editar essas demos em selos pequenos: Yucca, Eastwood, Exeter, Todd. Em 63 esteve pela primeira vez em Los Angeles, fazendo contatos com Bob Keene, o descobridor de Sam Cooke e Ritchie Valens.

Voltando a El Paso, inaugurou um clube, The Rendevous, nos moldes dos clubes da Sunset Strip em LA. Ano e meio depois mudava-se de vez para LA com sua banda — Randy Fuller (baixo), Jim Reese (guitarra) e Dewayne Querico (bateria).

Assinaram com Bob Keene e imediatamente saiu o primeiro single, enquanto já lotavam os principais clubes da cidade, usando os nomes The Fanatics e The Cavemen. Assumiram o nome definitivo, The Bobby Fuller Four, e emplacaram dois hits locais. "Let Her Dance" e "Never To Be Forgotten" precederam um clássico, "I Fought The Law".

Bobby tornava-se uma celebridade, *the talk of the town*, uma sensação. Abriu seu próprio clube, The Boss, produziu e acompanhou Johnny Crawford e Jay Horton, participou do filme *Ghost In The Invisible Bikini* (no Brasil, *Fantasma De Biquini* com Boris Karloff!). Finalmente o primeiro LP da banda, *KRLA King Of The Wheels*, foi gravado, num acordo com a rádio KRLA. Em fevereiro de 1966, lançaram outro hit, "Love's Made A Fool Of You", enquanto partiam para uma excursão por dezessete estados.

Na volta, irritado por Keene ter entregue a produção do último single a Barry White, estafado pela excursão e frustrado pelo cancelamento da apresentação que faria pela Europa, Bobby considerou a possibilidade de romper com o produtor, acabar o grupo e iniciar carreira solo. Acabou mantendo tudo como estava para finalizar as gravações do novo LP, *I Fought The Law*, que foi editado em abril de 1966. Também gravou um álbum ao vivo no PJ's, jamais lançado.

Em julho de 1966, Bobby renegociava seu contrato com Keene e mostrava-se entusiasmado com novos planos para a banda. Marcou encontro com Keene e o pessoal do seu grupo na manhã do dia 18, mas não apareceu.

No final da tarde, foi encontrado morto dentro de seu carro, em Hollywood. Coberto de sangue, com escoriações e a garganta cheia de gasolina, sua morte foi oficialmente considerada "suicídio". Mas por que um rapaz querido, bonito e cheio de vida iria beber gasolina até morrer?

Ele nunca conseguiu revelar todo seu potencial musical, e ainda assim sua perda foi irreparável. Muitos o consideram um gênio. Bobby Fuller foi a derradeira esperança, o último herói do rock'n'roll.

RENÊ FERRI

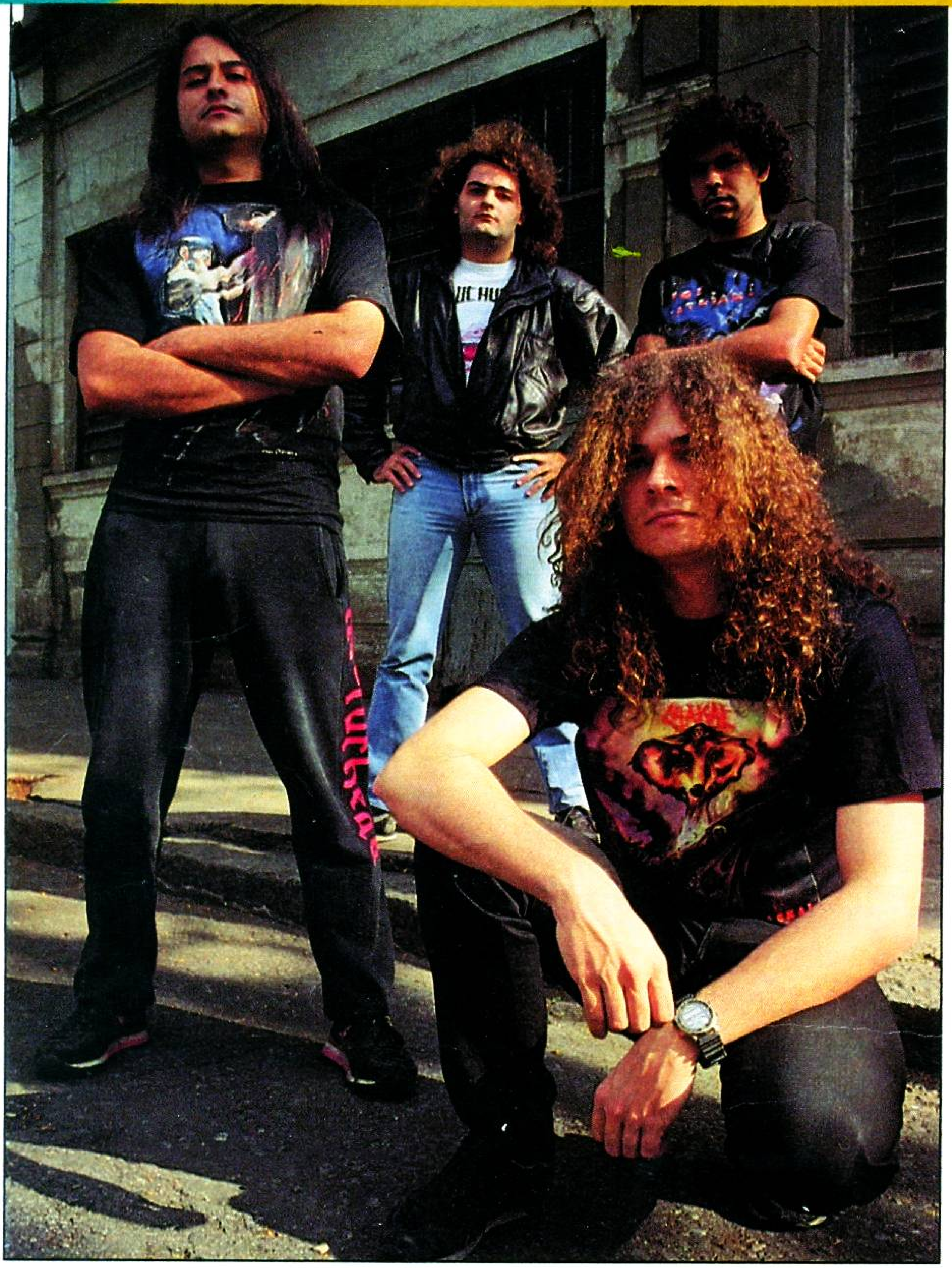
DISCOGRAFIA SELECIONADA

LPs editados nos EUA

KRLA King Of The Wheels **(Mustang, 65)**
I Fought The Law **(Mustang, 66)**
The Best Of **(Rhino, 81)**
The Bobby Fuller Tapes **(Rhino, 83)**

PAULA ABDUL
MUSIC TELEVISION

QUERO TE VER NA MTV



RÁDIO

TERESINA
Cidade Verde FM (101.3)
Ultraleve (Sábado, 17 às 18 h) Rock, com biografias das bandas e notícias quentes.

Cidade Radio Reggae (Sábado, 19 às 20 h) Música e informações, incluindo notícias de São Luís, capital do estilo no país.

Cidade Radio Dance (Sábado, 22 às 24 h) Dance music.

Sincronicidade (Domingo, 17 às 18 h) As bandas ascendentes da cena rocker.

O Dia (96.3 MHz)
Radio Flight (Sábado, 21 às 24 h) Dance music, com espaço para o pop e o rock.

Domingo Tropical (Domingo, 11 às 13 h) O melhor da world music.

Circuito 96 (Domingo, 14 às 18 h) Dance music e pop nacional.

O DIA DO CHAKAL

"O dia do Chakal chegará. Rápido, espero, para o bem de todos nós." Com essas palavras, Morat (crítico da *Kerrang!*) arrematou o comentário que fez sobre *The Man Is His Own Jackal*, o mais novo álbum do quarteto thrash Chakal.

Tal aval externo ao grupo não é um fato isolado. Em Nova York, a faixa "Santa Claus Has Got Skin Cancer" integra a *playlist* da WLAY FM. Já na Inglaterra, a introdução de "ACME" (com sampleagens do popular "Papa-Léguas" dos desenhos animados) virou vinheta de um especial heavy da Radio One. E isso, é bom frisar, sem que o Chakal tenha qualquer de seus discos lançados lá fora.

Composta atualmente por Laranja (baixo, vocal), Eduardo (guitarra), Mark (guitarra) e Wizz (bateria), a alcatéia mineira vem predando vítimas desde 85. Além da execução precisa e do peso que não pode faltar ao gênero, chama atenção o humor extra-acre.

É algo que surge tanto na capa-paródia aos contos da carochinha do EP *Living With Pigs* (em que os Três Porquinhos são assados por lobos esfomeados) quanto na letra da citada "Santa Claus...". Esta, a um só tempo, espezinha o comercialismo do Natal e a poluição que gerou o "buraco de ozônio".

Em dezembro, o Chakal arreganha a bocarra no reinaugurado Kaverna, no Rio de Janeiro. Em suas presas, o gume do HM animal.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU...

...É o disco de estréia da Salva-Vidas Corporation, gravadora encabeçada por Wander Wildner, ex-Replicantes. Trata-se de uma coletânea de demos de grupos proeminentes do underground porto-alegrense. Portanto a qualidade de gravação é um tanto desigual. Vale a pena para conferir o trabalho da baterista Biba Meira e do baixista Carlo Pianta (ambos ex-De Falla) no grupo Ceres. Falta sujeira mas os caras são feras. Smog Fog também é maluquice cabeça/porralouca de primeira. Cheia de clima. Pére LaChaise tem à frente a poesia "clássica" de Plato Dvorak. Sangue Sujo, o novo grupo de Wander, é punk tradicionalista. Plastic Dream é patuscada rock inglês e Barba Ruiva e Os Corsários rockabilly mal das pernas. Os próximos! *C.E.M.*

Stamp ano 07

CAMISETAS - BLUSÕES - JAQUETAS

MANGA CURTA E LONGA — DE MOLETON — ESTAMPA NAS COSTAS

100% ALGODÃO — MALHA MERCERIZADA — TAMANHOS P,M,G

CONFECÇÃO PRÓPRIA — MODELAGEM GRANDE

RECEBA PELO CORREIO

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

TEL.: (011) 299-7478 — HORÁRIO: 2ª A 6ª DAS 8:00 ÀS 17:30 HS.

PREÇOS

Manga Curta (MC)	Cr$ 11.000,00
Manga Longa (ML)	Cr$ 14.000,00
Blusão (MT)	Cr$ 19.000,00
Blusão C/Capuz (BZ)	Cr$ 21.000,00
Jaqueta (JQ)	Cr$ 23.000,00

VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA BIZZ

DESCONTO! DESCONTO! DESCONTO! DESCONTO!

Envie Cheque nominal à Stamp ou Vale Postal (já com desconto) e ganhe 20% de desconto

Preencha o Vale da seguinte maneira:

Unidade Pagadora: Ag. Shopping Center Norte — Código: 403369 —
Destinatário: Stamp — Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 156
CEP 02013 — São Paulo — SP

ENTREGA URGENTE — SEDEX A COBRAR

— Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, senão a encomenda será devolvida.
— A despesa postal será paga pelo cliente na retirada do pedido.
— O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade.
— O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem.
— Todas estampas estão disponíveis nos cinco modelos. Camiseta Manga Curta (MC), Manga Longa (ML), Blusão (MT), Blusão com Capuz (BZ) e Jaqueta (JQ).

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ OU VALE POSTAL ☐ NO VALOR DE ....

PREFIRO PAGAR AO RECEBER AO VALOR DE ....

REF.	TAM.	MOD.	REF.	TAM.	MOD

NOME: ____________________

END.: ____________________

CEP: ________ CID.: ____________ EST ____

ASSINATURA: ____________________

R.G. ____________ TEL.: ____________

Envie este cupom ou cópia p/ Stamp. Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156
CEP 02013 — São Paulo — SP

SEAL
Hammersmith Odeon (Londres)

Estudado, pesquisado, egocêntrico com atitude. Seal deve se imaginar uma grande estrela desde a infância.

"Estou de volta, em casa", ele grita para uma platéia hipnotizada. "Esperei por isso durante 28 anos." De jaqueta e calça pretas, Seal começa cantando "Crazy" acompanhado só de um violão.

A banda — guitarra, baixo, bateria e teclado — aparece para "Violet". O guitarrista desafina nos backings e o baixista se veste como um Chili Pepper, mas se comporta como se estivesse no AC/DC...

Com "The Beginning" (o público enlouquece!) e "Future Love Paradise" (o público desmaia!), fica cada vez mais claro que, embora Seal tenha uma voz especial — poderosa e frágil ao mesmo tempo —, é fácil destruir tudo com estes músicos. Uma versão de "Hey Joe" tem introdução meio pesada, solo de guitarra horrendo e vocais desajeitados. Crime!

"Killer" sobrevive ao massacre porque é uma ótima música: nos lembra de quando Seal era "aquele cara que canta com o Adamski", uma voz intrigante e uma presença misteriosa. Hoje sua imagem é bem lustrada, mas planejada demais.

O mais interessante é que, por incrível que pareça, a voz é puro soul, mas a performance é ROCK! Ele joga o microfone para o alto, passa a mão nos cabelos e se imagina cantando com o Guns N'Roses num estádio. Pensando bem, o metal até que precisa de uma voz interessante. Vai nessa, Seal.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Chris Vogrem Retna

A indústria de entretenimento tem dessas coisas: um dia uma banda está tocando em seu habitat natural, um bar esfumaçado ou uma boate escura, onde seu rock básico e íntimo faz sentido.

De repente... os estádios estão lotados, uma camiseta custa vinte libras e há crianças de dez anos aplaudindo seus grandes hits. Dizem que esta é a maior turnê da história: sete milhões de ingressos vendidos etc. Antes mesmo de ter sido lançado, 3,5 milhões de cópias do disco *On Every Street* — que título mais apropriado — já haviam sido encomendadas. Mesmo depois de seis anos, o mundo ainda ama e compra Dire Straits.

Deixemos para trás os números e recordes quebrados... em sua primeira noite em Londres, Mark Knopfler e sua banda são extremamente pontuais. O som — milagre! — está impecável. Com suas calças largas e paletós vermelhos e azuis, os nove músicos no palco parecem estar num ensaio.

Já de cara, com "Calling Elvis", dá para ver que Mark Knopfler está em ótima forma. Ele só tem um estilo, é verdade, mas que estilo! Os famosos licks entre um vocal e outro são perfeitamente suaves. Mas nada como um velho hit para animar o povão, e "Walk Of Life", com seu sabor meio Nashville, faz exatamente isso. "Heavy Fuel" é um rock mais pesado, *à la* "Money For Nothing"... só que ainda falta emoção. A famosa guitarra da capa de *Brothers In Arms* provoca uma nova onda de aplausos, e "Romeo And Juliet" finalmente traz um pouco de calor à voz de Knopfler; uma voz gravíssima que, segundo a jovem senhora sentada ao meu lado, está mais sexy do que nunca.

Mas algo começa a incomodar: as músicas estão ficando outra vez mais longas. "Planet Of New Orleans", por exemplo, tem solos (de guitarra, sax, teclado) no começo, meio e fim. Até "Private Investigations" parece durar horas.

Alegria, alegria! Depois de dez segundos de silêncio, "Sultans Of Swing" nos lembra do passado quase glorioso desta banda, de quando o Dire Straits era mais do que música para bancários.

"Vamos tentar tocar a canção-título, certo, rapazes?" Tentar? A música já está tão envernizada que qualquer coisa mais "humana", como um erro, seria mais do que bem-vinda. O perfeccionismo continua, menos nas letras. Rimas como "sacred/profane" e "pleasure/pain" são embaraçosas. "The Bug" lembra "Walk Of Life". Mas a esta altura está difícil prestar atenção.

"Esta é uma música que nunca gravamos. Demos ela para o Jeff Healey", diz Knopfler anunciando "I Love You Too Much". A frase "a gente gosta de esticar essa um pouco" causa uma verdadeira corrida aos banheiros e bares. Com a próxima, "How Long", eles conseguiram ler minha mente.

Segue-se uma versão totalmente esquecível de "Tunnel Of Love". O resto você pode imaginar: o final grandioso, a banda toda na frente do palco, de cabelos molhados e toalhas na mão, os minutos de aplauso e assobios pedindo bis. E o bis, é claro, é "Money For Nothing": os lasers iluminam as caras de muita gente que vai voltar para casa feliz.

Faltou muita coisa: "Lady Writer", "Your Latest Trick" e, principalmente, empolgação. Sobraram solos e mais solos intermináveis, lasers e fumaça, e boas intenções. Mas sabe como é, boas intenções, má poesia, blablablá. O pior mesmo é olhar para o público e saber o que eles estão pensando. "Isso é que é música... nada de máquinas... esses jovens de hoje não sabem o que estão perdendo!"

A. G. L.

A SUA REVISTA DE CINEMA E VÍDEO

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

BLOOD SUGAR SEX MAGIK
Red Hot Chili Peppers

(Warner)

Warner

Some weirdo shit... pensando bem, os Peppers só não são brasileiros por engano. Peladões, suingados, sarristas, só pensam em sacanagem e em esculhambar as autoridades, qualquer otoridade, do bispo ao papa. Típica banda carioca, caso existissem bandas cariocas de rock legais.

Pô gente, que coisa injusta para se dizer.

O fato é que os tabasquinhos acabam de cometer seu melhor disco, o que mais tem cara de Peppers, o que mais corresponde ao impacto fulminante dos caras ao vivo. Pelo menos é o que dizem, e como eu sou imprensa de Terceiro Mundo — só vi eles "ao vivo em vídeo", ha ha ha — digo amém.

Por que é o melhor? Porque os caras acharam seu produtor ideal, e os Peppers nunca tiveram a menor personalidade em estúdio. Lá, eles são o que é seu produtor.

Confira: o primeiro disco era muito tosco e esparso, os Peppers tentando ser um grupo pós-punk — o produtor era Andy Gill, do Gang Of Four. *Freaky Styley* era muito complicado e mezzo-psicodélico, zicado demais — o produtor foi George Clinton, do Parliament/Funkadelic, um gênio, mas também um hippie cabeção. *The Uplift Mojo Party* e *Mother's Milk* eram funkão pesadão com excelente acabamento—foram produzidos por Michael Einhorn, ex-membro do supergrupo de funk intelectual de estúdio, o Material.

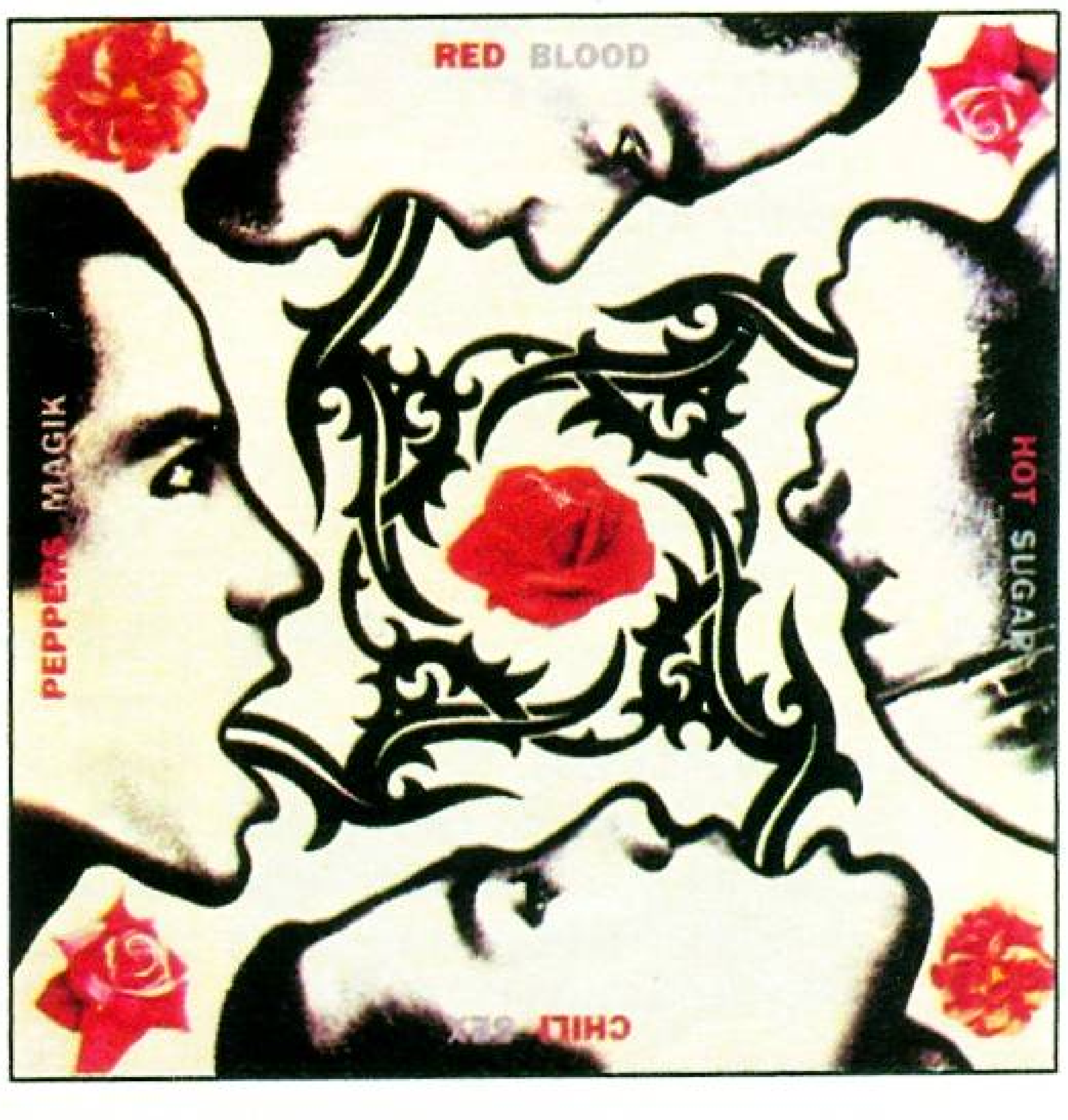
E agora foi a vez dos meninos encontrarem sua cara metade: Rick Rubin, um barbudo fora-da-lei que gosta de confusão. Seu negócio é hip hop radical e metal pesadíssimo. O cara descobriu Public Enemy e fez a fama do Slayer (mais detalhes na BIZZ de novembro).

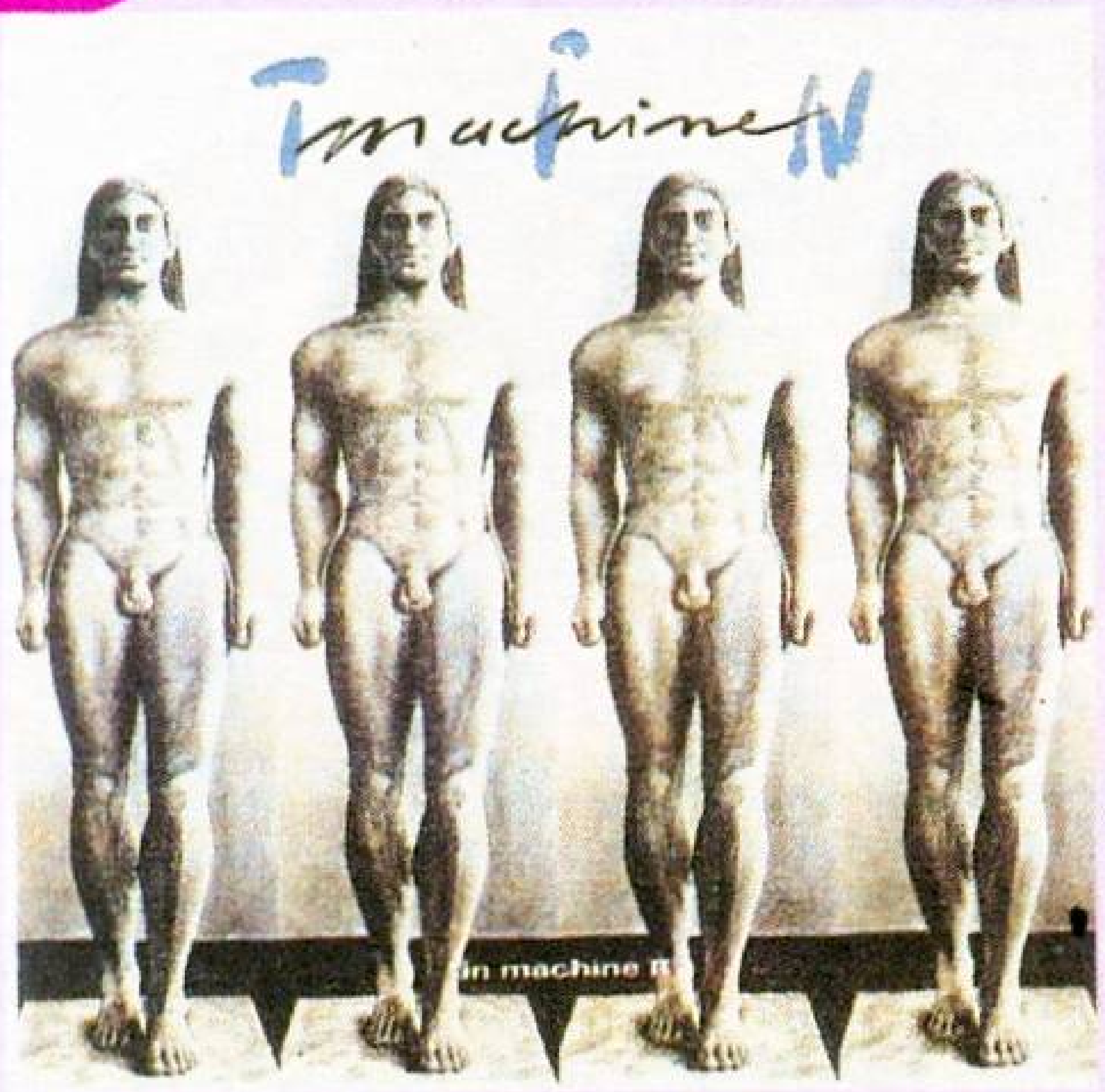
Mas o álbum duplo *não* é só distorção e letras sacanas, *não* é todo igual aos seus primeiros singles ("BloodSugarSexMagik" e "Give It Away"). Tem momentos acústicos delicados, como "If You Have To Ask" e "Under The Bridge"; funks alucinógenos na tradição do P-Funk, vide "Funky Monks" e peppers tradicional, em "Naked In The Rain" e "My Lovely Man".

Tem — incrível — uma balada "gótica" com um pé no folk jimmy-pageano: "I Could Have Lied", em que o habitualmente gritalhão Anthony Kiedis prova que é um *cantor*. O resto da banda também está o fino: Flea desencanou de fazer firulas excessivas com seu baixo e o guitarrista John Frusciante, do alto de seus 21 anos e com a cabeça cheia de Lou Reed e Snakefinger, humilha babões de Berklee e idiotas do IGT.

BloodSugarSexMagik bate uma bola *legal*. Está para o rock como Dadá Maravilha para o futebol: é negão, malaco e boa gente; é pesadão e meio desajeitado, mas flutua no ar como helicóptero e beija-flor. Grêmio Recreativo e Detonativo Pimentas Ardidonas... a melhor banda carioca da história.

ANDRÉ FORASTIERI





TIN MACHINE II
Tin Machine (Victory/PolyGram)

É chato ter de meter o pau em David Bowie. Afinal de contas, ele sempre foi um cara legal, pelo menos até o começo dos anos 80. Só depois de *Let's Dance* é que se pode dizer que ele dançou, literalmente, com sua discografia entrando em parafuso através de gororobas como *Tonight* e *Never Let Me Down*. Talvez por isso é que em 89 ele tenha inventado de se disfarçar de "mais um integrante" do quarteto Tin Machine. Seria consciência pesada?

Provavelmente, pois o álbum de estréia homônimo do grupo apregoava o "retorno" de Bowie ao puro espírito do rock'n'roll. Não colou: à exceção do meu colega André Forastieri, não conheço nenhum outro fã que tenha gostado de tal iniciativa do velho camaleão. É certo que aquele primeiro disco até chegava a enganar em alguns momentos — até os irmãos Reid, do Jesus & Mary Chain, se surpreenderam com a faixa "Pretty Thing" numa *Cabra Cega* da BIZZ.

Mas a coisa ficou pior neste *II*. Em vez da linha pesada de seu antecessor, aqui a opção foi "diversificar" o som, o que em português claro significa o seguinte: canções como "You Belong In Rock' N'Roll", "Baby Universal", "Shopping For Girls" e a "exótica" "Amlapura" parecem pálidas reproduções do Bowie *early seventies* tocadas por uma banda cover. Já a versão de "If There Is Something", do Roxy Music, chega a soar patética (lembra-se do *Pin-Ups*, David?), enquanto o pseudo-blues "Stateside" e a baladinha "Sorry" (cantadas pelo baterista Hunt Sales com timbre de Phil Collins) dispensam maiores comentários a respeito de sua escrotidão.

Por fim, os rompantes de sub-Adrian Belew do guitarrista Reeves Gabrels estão irritantemente presentes como sempre e a cozinha do baixista Tony Sales e seu irmão nem conta com o peso do álbum anterior. Com muita boa vontade, dá para considerar que "A Big Hurt" salva-se pelo instrumental ou que "Goodbye, Mr. Ed" até possui uma boa melodia. Mas acabam só como relances de criatividade para livrar a cara de Bowie e seus parceiros nas entrelinhas de um álbum medíocre.

É chato ter que dizer isso, mas que disco chato!

CELSO PUCCI

STRAIGHT OUTTA HELL'S KITCHEN
Lisa Lisa And The Cult Jam (Columbia/Sony)

No seu quarto disco, LL deixa de lado sua faceta latina para cair matando no soul. Um lado é produzido pelo Full Force — seus descobridores e tradicionais parceiros de estúdio — e, tirando uma balada fraquinha, é satisfação garantida. O outro lado — responsabilidade de C (livillés) + C (ole) — está em ligeira vantagem, principalmente pelo massacre de "Let The Beat Hit'Em". Ninguém vai ficar parado. *C.R.*

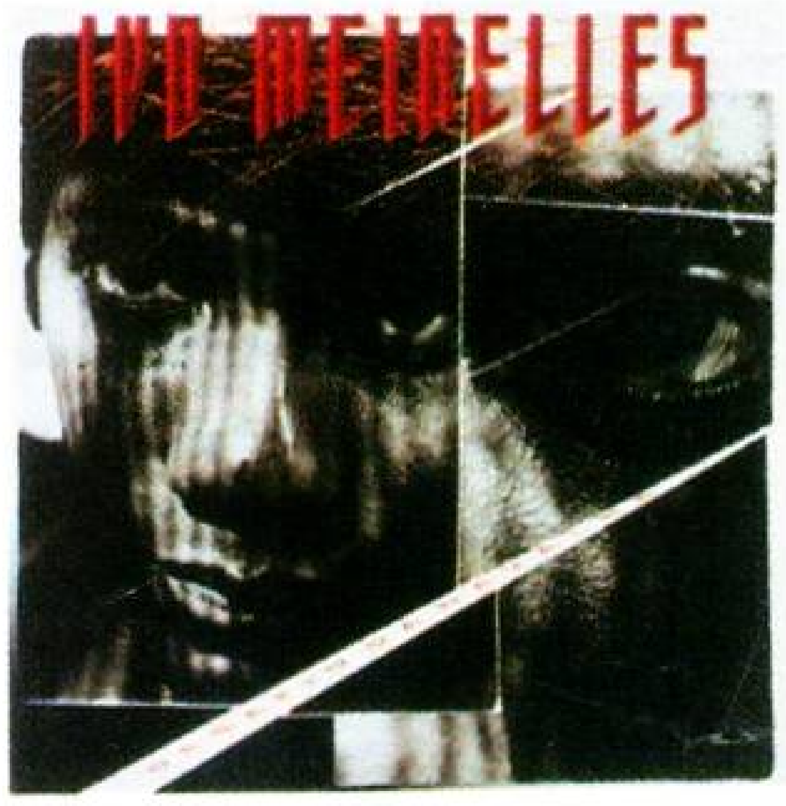
DECADE OF DECADENCE: '81 – '91
Mötley Crüe (Elektra/Warner)

Podem dizer que o Mötley Crüe é um bando de *poseurs* maquiados, que faz um hard rock de perfumaria e o escambau. Mas é certo que os caras são bambas na jogada. Esta coletânea cronológica, com duas faixas de cada álbum deles e mais algumas inéditas, prova muito bem a importância do grupo.

Está tudo lá: "Live Wire", "Shout At The Devil", "Smokin' In The Boys' Room", "Girls, Girls, Girls", "Dr. Feelgood" e "Kikstart My Heart" são pauladas que honram qualquer toca-discos. Tem ainda "Rock'N'Roll Junkie" (da trilha de *The Adventures Of Ford Fairlane*), a versão de "Anarchy In U.K." dos Sex Pistols e as inéditas "Primal Scream" e "Angela" (que, ao contrário do que se poderia esperar, não são baladinhas oportunistas). *E.O.*

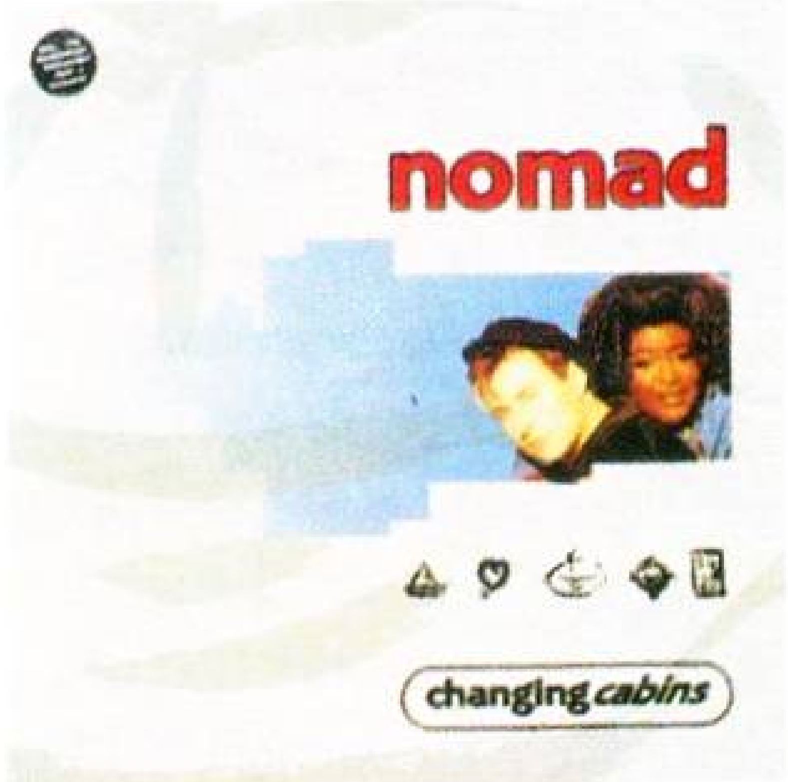
JAHMEKYA
Ziggy Marley And The Melody Makers (Virgin/EMI-Odeon)

Um dos melhores discos de reggae lançados por aqui em 91. Ziggy & Cia. fizeram uma síntese do estilo das raízes ao *dancehall* — como na faixa "Drastic", que sampleia "War", de papai Bob. Não é à toa que o ex-Wailers Tyrone Downie (teclados) e o guitarrista Earl "Chinna" Smith marcam presença, bem como Clevie (do Steely & Clevie) programando a bateria de "Good Time": "Apesar de o mundo ser cruel e cego/Vamos curtir". A mensagem é essa. *J.F*



DESAFIO DA NAVALHA
Ivo Meirelles (EMI-Odeon)

Este cara é uma boa promessa. Comete lá seus deslizes em algumas letras ingênuas ou quando enxerta trechos da manjadérrima "I Shot The Sheriff" (Bob Marley) na faixa "Reggae Soul". Mas isso fica pequeno perante os acerios, quando o ritmo come solto naquilo que se convencionou chamar de samba-rock, numa síntese envolvente. Neste contexto, mesmo a fraca voz de Ivo acaba caindo como uma luva, como na faixa-título em que divide os vocais com Lobão. *C.E.M.*



CHANGING CABINS
Nomad (Toco/PolyGram)

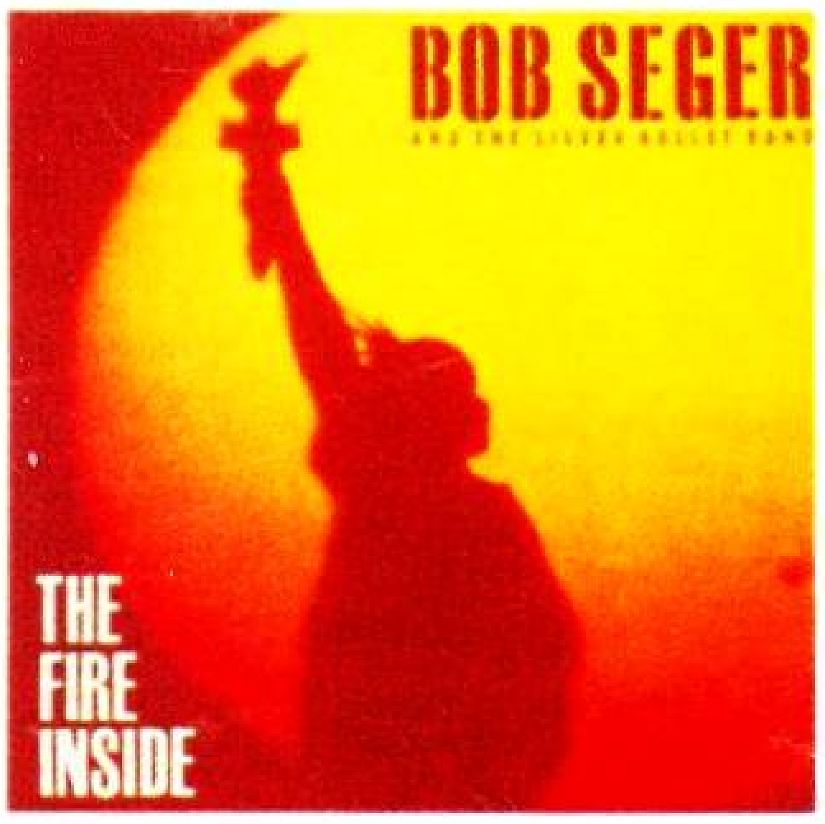
"(I Wanna Give You) Devotion" já estava com lugar garantido em qualquer lista sensata de melhores do ano. O Nomad não precisava fazer mais nada. Mas fez: "Just A Groove", tão devastadora de pistas quanto a anterior. Nas outras faixas de seu álbum, o DJ/produtor inglês Da-

CASSETE COMPACT DISC

mon Rochefort e a vocalista Sharon Dee Clarke também se saem bem: confira a instrumental "Barcelona", a orbital "Higher Than Heaven" e a ítalo-house "Something Special". *C.R.*

STREET
Nina Hagen
(Mercury/PolyGram)

Dada e desbocada, ela podia ter sido uma espécie de Cicciolina germano-operística — se não fosse feia pra chuchu. Vai ver que a faixa "Gretchen" é uma reflexão sobre o assunto. Agora está mais para Lady Miss Kier. Sua tentativa *dance,* com direito a Adamskis e tudo, até que engana bem (também o produtor Zeus B. Held, com esse nome, já salvou até o Fashion). Mas, digam o que disserem, a maior façanha da moça ainda é ter descabaçado o Supla. *R.M.*



THE FIRE INSIDE
Bob Seger And The Silver Bullet Band (Capitol/EMI-Odeon)

Nos idos de 76, este veterano compositor e guitarrista conheceu o ápice de sua carreira, em discos como o ao vivo *Live Bullet* e *Night Moves.* Mas, de lá para cá, foram poucos os momentos em que conseguiu repetir com sucesso sua fórmula de hard rock com toques country.

Nesta nova investida, Seger convidou o notório Don Was para produzir metade do álbum, cercou-se de bons músicos e participações especiais como as dos guitarristas Mike Campbell (dos Heartbreakers, de Tom Petty) e Joe Walsh. O resultado, porém, decepciona pela falta de pique. Possível exceção? A faixa-título, a única com uma certa chama interior. *C.P.*

SLOW FOOD
Nouvelle Cousine
(Warner)

BLEN BLEN CLUB
Heartbreakers
(Eldorado)

Duas bandas atípicas no cenário pop nacional, ambas em seu segundo LP. Em comum, um integrante (o vibrafonista Guga Stroeter), ligações com o jazz e elogios constantes da crítica. Mas na prática, são muito diferentes.

Os Heartbreakers, vindos de uma sólida experiência ao vivo (um ano e meio de apresentações no Aeroanta, em SP), tentam recriar o clima festivo dos bailes que animam. Aqui, a sofisticação — expressa em complexas fusões entre ritmos brasileiros, africanos e latinos — está a serviço da dança. Você pode até achar um saco o disco inteiro, mas não vai resistir em ensaiar alguns passos ao som de "Facundo" e "Drume Negrita".

Já o Nouvelle faz o oposto: a competência musical do grupo é que está a serviço da sofisticação — esta sim, o objetivo a ser alcançado. Há sempre aquele "toque de gênio" para estragar o que teria sido uma boa idéia. Existem exceções como "Catsy" (que mistura Dave Brubeck e Stray Cats!) e "Power Flower", um Stevie Wonder convertido à bossa nova. Mas esse você não vai conseguir ouvir inteiro. *M.A.G.*

FORCE BEHIND THE POWER
Diana Ross (EMI-Odeon)

Como foi mesmo que uma das vozes mais influentes do pop chegou a esse estado? Algo a ver com casamentos com milionarios suecos, excesso de cirurgias plásticas, distanciamento progressivo do mundo real? Pelo amor de Berry Gordy, este disco é todo errado: cafona, chato e vazio. Diana precisa acordar para a vida, descolar um produtor decente e prestar um pouco de atenção no que acontece do lado de fora do seu castelo. Ainda há tempo. *C.R.*

LEGIÃO URBANA V
Legião Urbana (EMI-Odeon)

Os fãs devem adorar. Quem nunca aturou as lamentações de Renato Russo e o instrumental do grupo — beirando a indigência — terá munição para execrá-lo. Mas ouvido com imparcialidade, *V* mostra-se um bem elaborado trabalho poético-musical. Uma das poucas coisas aceitáveis que foram produzidas em 91 pela geração 80 do nosso rock.

O disco é bastante amargo e acaba funcionando como uma radiografia de nossa época. Musicalmente o grupo nunca pretendeu soar como virtuose e aqui a simplicidade parece ser a alma do negócio. Os temas — geralmente impregnados de melancolia — fluem embalados pelas tramas de guitarras e violões de Dado e Russo, a discreta cama de teclados (também de Russo) e a cozinha feijão-com-arroz de Bonfá e do baixista convidado, Bruno Araújo.

A faixa de abertura é "Love Song", a única cuja letra não leva a assinatura de Russo, que a resgatou de uma "cantiga de amor" do século XIII escrita por Nuno Fernandes Torneol. É uma síntese do disco: a Legião volta à Idade Média para falar destes tempos de desesperanças, Aids e "Cóllera". Nessa linha, temos, ainda a épica "Metal Contra As Nuvens" (com seus climáticos onze minutos), a deprê de "O Teatro Dos Vampiros" (que sintomaticamente introduziu o disco nas rádios) e a confessional "Sereníssima".

De cara, quatro canções se destacam: "L'Âge D'Or" (com boas guitarras blueseiras), "Vento No Litoral" (com um lirismo que lembra os contos do jovem Dylan Thomas nas praias galesas), "A Montanha Mágica" (um dos melhores momentos do letrista Renato Russo em um relato de suas experiências com a heroína), além da já citada "Love Song". Tudo costurado por introduções e dois temas instrumentais: "A Ordem Dos Templários" e "Come Share My Life", uma melodia tradicional americana. O que dá tonalidades especiais para os claros e escuros de um disco que funciona como uma suíte, para ser saboreada na íntegra.

ANTONIO CARLOS MIGUEL

CHANGING TIMES
The Heptones
(Moving Target/RGE)

Não só pela tradição reggae dos Heptones este disco é importante mas também por marcar a entrada no Brasil do selo nova-iorquino Moving Target, especializado em música negra e distribuído pela Celluloid.

O álbum flagra o trio vocal jamaicano em 86, na segunda formação — Earl Morgan, Barry Llewellyn e Naggu Morris, que substituiu Leroy Sibbles — reinterpretando alguns de seus hits dos *sixties* e em boas versões, como "Do You Really Want To Hurt Me?" (celebrizada pelo Culture Club), "Giving Up On Love" (do *soulman* Jerry Butler) e "Thank You, Lord", de Bob Marley. *C.P.*

ZONA DE FRONTEIRA
João Bosco
(Columbia/Sony)

Até que começa bem. E o conjunto de letras, vindo de quem vem (Antonio Cícero e Waly Salomão), impressiona pela ausência de afetação — parece que a viadice de um anulou a viadagem do outro... Só que a insistência em alternar as músicas mais elétricas com a visitação forçada de gêneros abregalhados — bolero, "habanera-country" (?!) — desarma todo o conjunto.

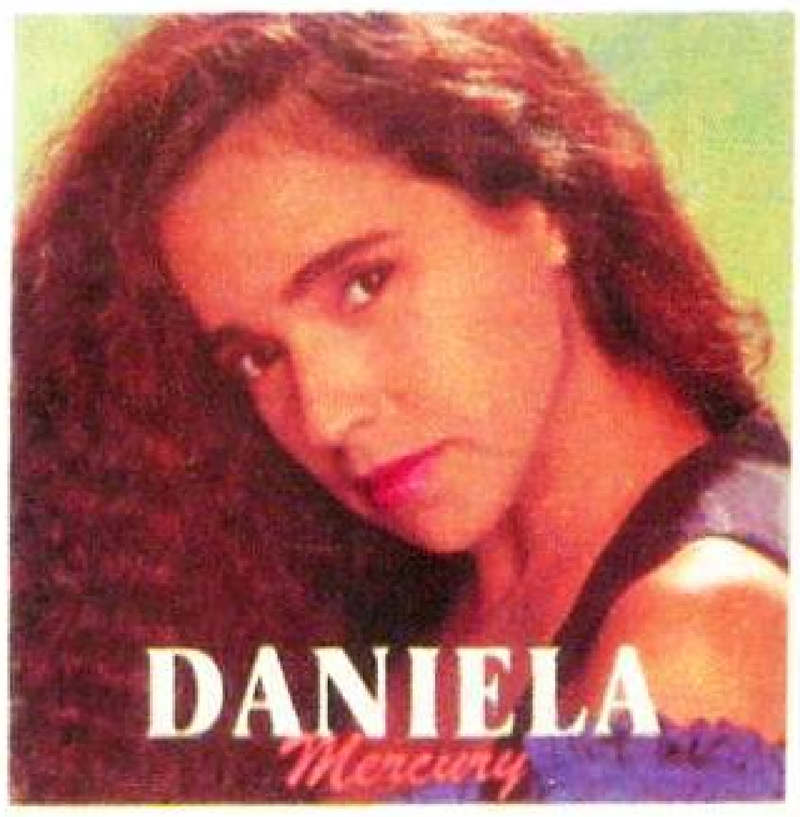
Daria para sugerir, para quem tem CD, programar só as faixas ímpares, se lá pelo meio do lado B não embananasse de vez. Para MPB atual até que está razu. Mas para quem já fez o afro-alucinado *Cabeça de Nego* é pouco. *A.A.*

STARS
Simply Red (EW/Warner)

Por que Mick Hucknall e sua banda insistem em tanta pose, pretensão e conceitos se eles não passam de um revival medíocre do soul/funk dos anos 70 — Rufus e Chaka Khan, *Sound of Philadelphia*, do Spinners etc.? Tudo bem, eles já apareceram com algumas boas melodias no passado — se bem que duas das melhores, "If You Don't Know Me By Now" e "Money's Too Tight To Mention" não são deles. Mas desta vez nem isso eles têm ("Your Mirror" lembra Supertramp — ugo!). Portanto podemos sem remorso isolar o Simply Red no lugar devido: CDtecas de yuppies burros. *C.R.*

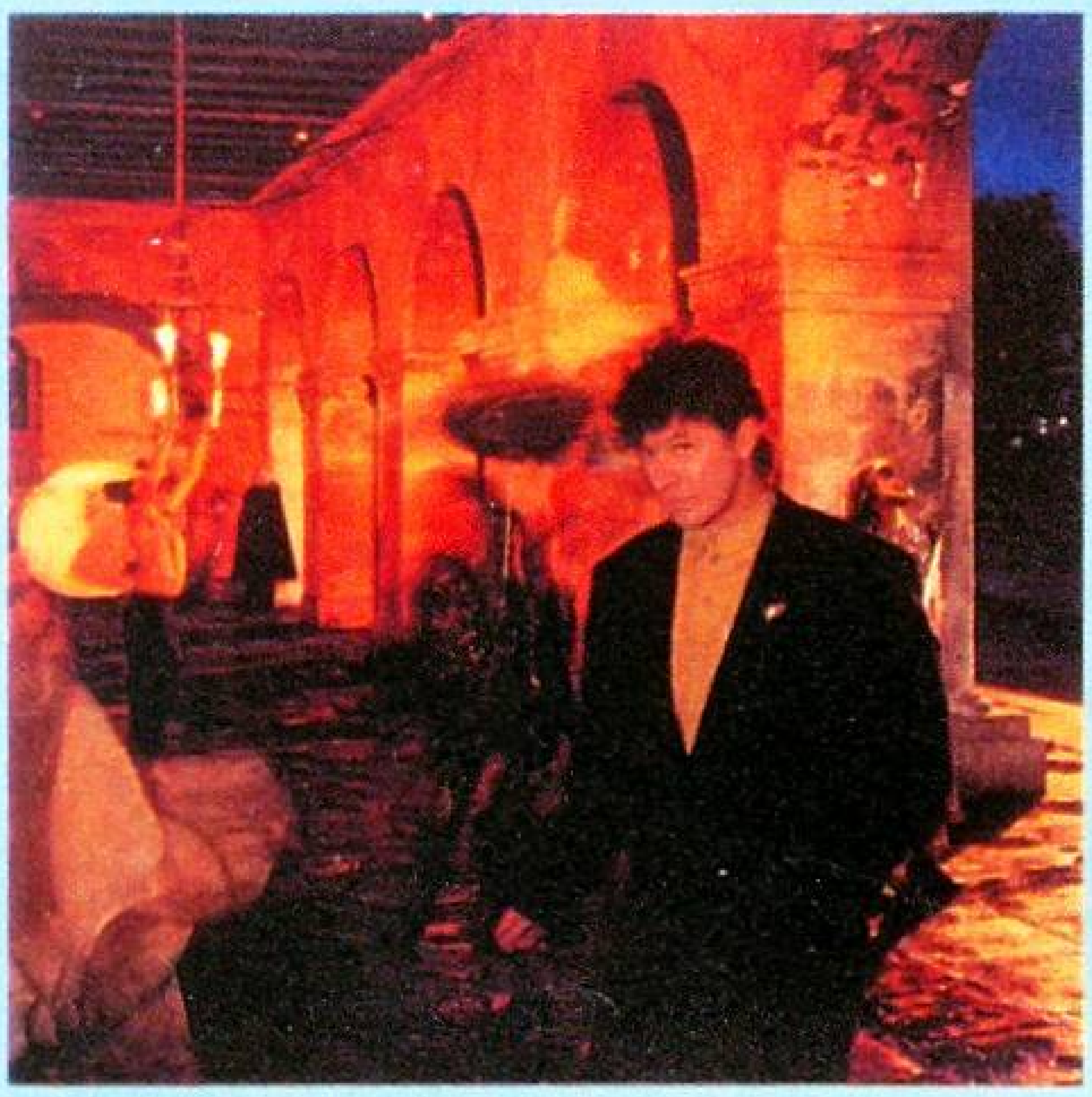
FUNKE, FUNKE WISDOM
Kool Moe Dee
(Jive/BMG-Ariola)

A biografia de Malcolm X, Carlos Castañeda e livros de filosofia esotérica estão entre as leituras recomendadas por Kool Moe Dee no encarte deste seu novo disco. Mas o rap que faz não trata de assuntos tão espirituais, situando-se entre o militante e o bandidão. Aqui KMD se dá especialmente bem, escorado pelas criativas programações de Keith Spencer, Dale Hogan e Teddy Riley, em faixas como "Funke Wisdom", "Gangsta Boogie" e "Rise'N'Shine" — esta com pontas de Chuck D (Public Enemy) e KRS-One (Boogie Down Productions). *C.P.*



DANIELA MERCURY
(Eldorado)

Não se assuste com a capa, pois o álbum de estréia desta cantora baiana não é tão ruim.



STORYVILLE
Robbie Robertson (Geffen/BMG-Ariola)

Ele demorou uma década para gravar um disco solo depois de ter saído da extinta The Band. Este *Storyville* foi feito "apenas" cinco anos mais tarde. Robertson não parece ter pressa alguma. Ou seria mera falta de inspiração do guitarrista?

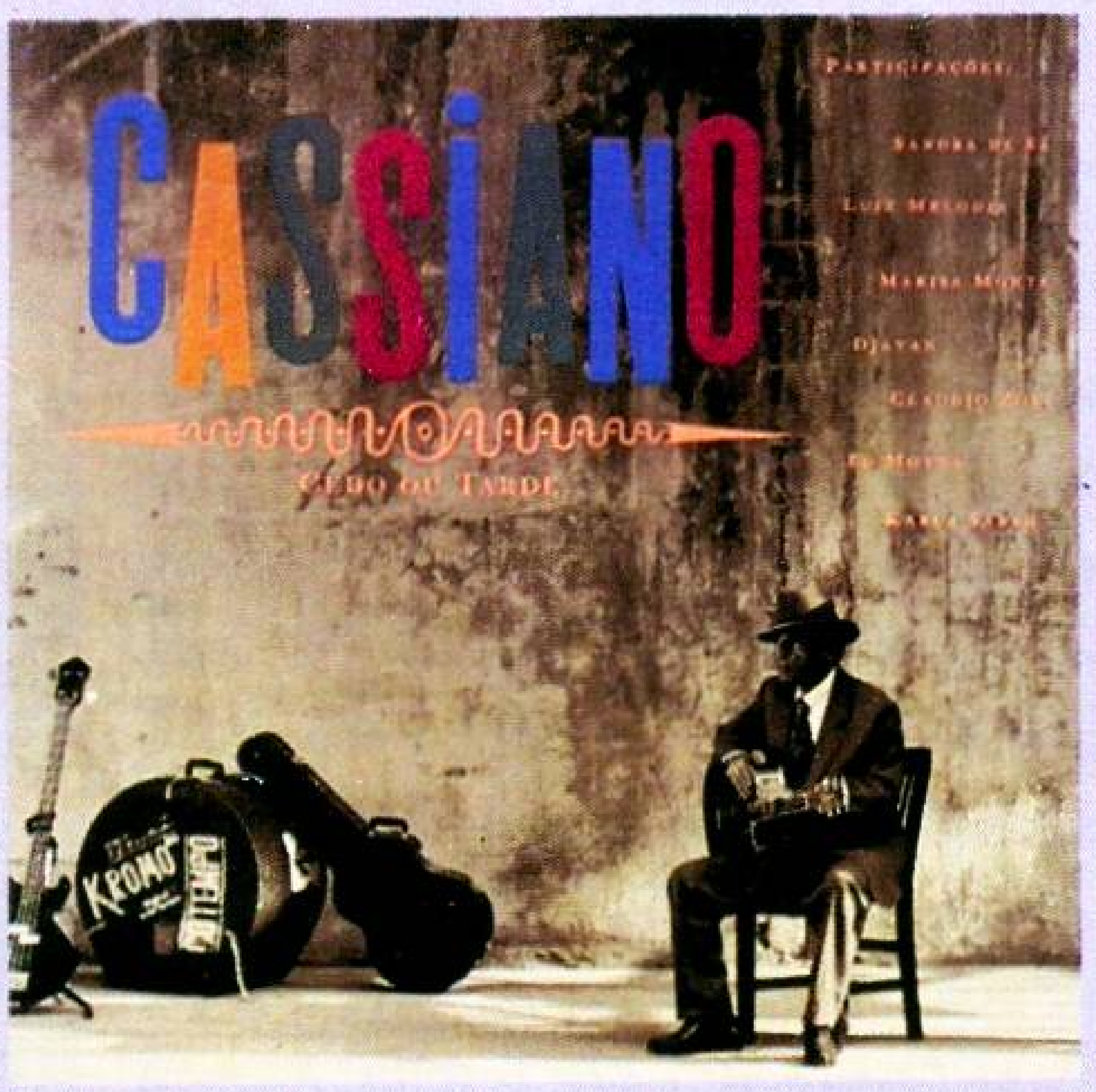
Apesar de suas inúmeras qualidades — e a escolha de Nova Orleans é apenas uma delas —, *Storyville* dá uma desagradável impressão de ser mero eco de *Robbie Robertson*, o disco de 87. De fato, há faixas que parecem saídas diretamente de seu primeiro álbum solo, como a nova "Day Of Reckoning", prima irmã da infinitamente superior "Somewhere Down The Crazy River".

Não pense, contudo, que *Storyville* — o título — vem de uma parte de Nova Orleans que corresponderia à Lapa carioca, um reduto boêmio de vasta tradição musical. Trata-se mais de uma série de idéias antigas requentadas por Robertson, que parecem ter sido reunidas por ele ao longo de cinco anos para o seu segundo álbum. Trazem vida e vigor ao disco as participações especiais dos Neville Brothers, dos Meters (o antigo grupo de Art Neville, reunido especialmente para a ocasião), Bruce Hornsby, Neil Young e até do baixista do R.E.M., Mike Mills. Só a voz de Aaron Neville em "Sign Of The Rainbow" jã seria razão suficiente para avalizar o disco.

Mas existe algo em *Storyville* que soa relutante, reticente. A guitarra de Robbie Robertson denota uma timidez que não existia quando ele fazia parte — e também era o principal compositor — de sua antiga banda, durante os anos 60 e 70.

É verdade que enquanto cantor ele nunca foi grande coisa. E como fica comprovado neste *Storyville*, ele mais recita do que canta as letras, e as limitações de sua voz aparentemente estão comandando as composições. Afora algumas raridades como "Night Parade" e "Shake This Town", as canções de *Storyville* parecem desenhadas conforme os limites das interpretações de Robertson. A não ser que ganhem outros contornos nas vozes de cantores de verdade. *JOSÉ EMILIO RONDEAU*

Começa OK com "Swing Da Cor", com canja do Olodum e segue melhor ainda no arranjo tecno-retrô para "Geléia Geral" (Gil e Torquato Neto). Pena que os bons momentos estejam perdidos entre bobagens como "Milagres" (Herbert Vianna) e "Maravilhê", que mais parece jingle de campanha turística do governo. C.E.M.



CEDO OU TARDE
Cassiano
(Columbia/Sony)

Cassiano é a múmia sagrada do soul brasileiro (um clube com pouquíssimos sócios), que passou os últimos quinze anos embalsamado, alheio a mudanças.

Veja seu habitat original. No lugar de KC & The Sunshine Band os bailes de subúrbio do Rio vão de *miami bass;* Marlboro deixou de ser só um cigarro, e no lugar do cigarro estão consumindo coisas que Cassiano nunca ouviu falar; "amo você" é caretésimo, é melhor ir de "pega na minha".

E como Cassiano está longe disso! Veja a singela foto da capa: Cassiano e seu Dancing Club e um velho ônibus, situados em alguma brecha do tempo onde o Estado da Guanabara ainda existe e há adesivos de "Ame-o ou Deixe-o" nos TLs.

Cassiano é nostalgia por todos os poros: sons acústicos, tecnologia discreta, pé-no-chão, "essa coisa da música negra autêntica" etc. Não diz mais nada às platéias suarentas do Realengo. Seu público agora é a classe média chata que vai ouvir seu CD e bater o pé em shows no Canecão e no Palace.

As participações do seu disco matam a charada: Marisa Monte, Ed Motta, Claudio Zoli e Karla Sabah. Só a velha-guarda traz um pouco mais de credibilidade: Sandra de Sá, Luiz Melodia e Djavan.

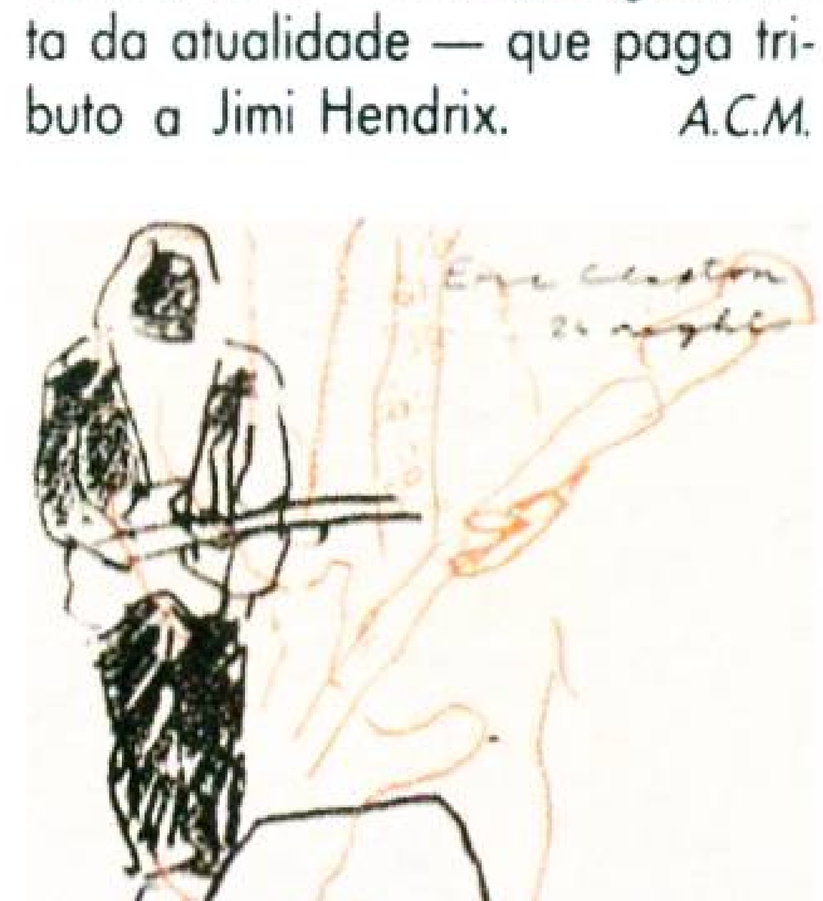
A produção do funcionário público Liber Gadelha foi na medida para a yupparada que "descobre" Cassiano. Seus conceitos burocráticos mediocrizaram a música, resultando num acabamento final bunda e coalhado de clichês. "Eu Amo Você" e "Primavera" (com Sandra de Sá) são as únicas que conseguem botar a cabeça para fora e respirar ar puro.

O talento de Cassiano merecia muito mais que um revival yuppie-zona sul. Alguém pode dizer que são os únicos que o ouviriam hoje. Tolice. Sua voz é segura, tem um timbre jovem e limpo, com 2% de rusticidade necessária. Tem melodias enxutas e letras despretensiosas. Ele só precisa da orientação certa. Ouça dando o desconto. *CAMILO ROCHA*

BISCUITS
Living Colour (Epic/Sony)

As seis faixas do EP *Biscuits* devem aplacar a fissura dos seguidores do Living Colour, depois dos demolidores *Vivid* (88) e *Time's Up* (80). Duas são sobras do segundo álbum: a versão do hit de Al Green "Love And Hapiness" e "Money Talks". Duas outras — aqui ao vivo — tinham sido lançadas no disco de estréia: "Desperate People" e "Memories Can't Wait", dos Talking Heads.

Mas o melhor está nas versões fresquinhas (gravadas em maio de 91). Em "Talkin' Loud, Sayin' Nothing", eles recriam um suingante James Brown safra 72 (do álbum *There It Is*), enquanto em "The Burning Of The Midnight Lamp" é Vernon Reid — o melhor guitarrista da atualidade — que paga tributo a Jimi Hendrix. A.C.M.



24 NIGHTS
Eric Clapton
(Reprise/Warner)

Ao ouvir este disco, me lembrei do show de Clapton que assisti no ano passado, durante sua turnê brasileira. Ali já estava expressa toda a infelicidade da atual fase musical do guitarrista — estendida até o plano pessoal, com as mortes de seu filho e do amigo Stevie Ray Vaughan. Eram velhos hits requentados ao lado de canções do horrendo *Journeyman,* apresentadas de forma burocrática e previsível.

Pois esta falha eleva-se à enésima potência neste álbum duplo. São gravações ao vivo realizadas no Royal Albert Hall em 90 e 91, divididas em quatro segmentos: Clapton mais um trio, uma banda de blues, um octeto e... uma orquestra!

É preciso dizer que esta última parte inclui-se entre as piores coisas já concebidas pelo guitarrista, sem contar as modorrentas e longas faixas que habitam dois dos outros lados do álbum. Só a parte da *blues band,* pela presença de feras como Buddy Guy e Johnnie Johnson, joga alguma luz em *24 Nights.* C.P.

SIX, SEVENS & NINES
Junkyard
I LOVE YOU
(Geffen/BMG-Ariola)
POUR IN THE SKY
Liquid Jesus
DANCIN' ON COALS
Bang Tango
(MCA/BMG/Ariola)
NO RULES
Kik Tracee (RCA/BMG-Ariola)

Começou: o vírus do hard rock que empesteia os EUA já se alastra pelo Brasil. O problema é que as filiais tupiniquins das gravadoras não sabem ainda lidar com a praga. Senão como explicar estes pacotões do gênero, quando o mercado já está devidamente voltado para Guns N'Roses, Skid Row, Mötley Crüe etc.? Um tipo de lançamento sem a menor discriminação, que invariavelmente erra o alvo.

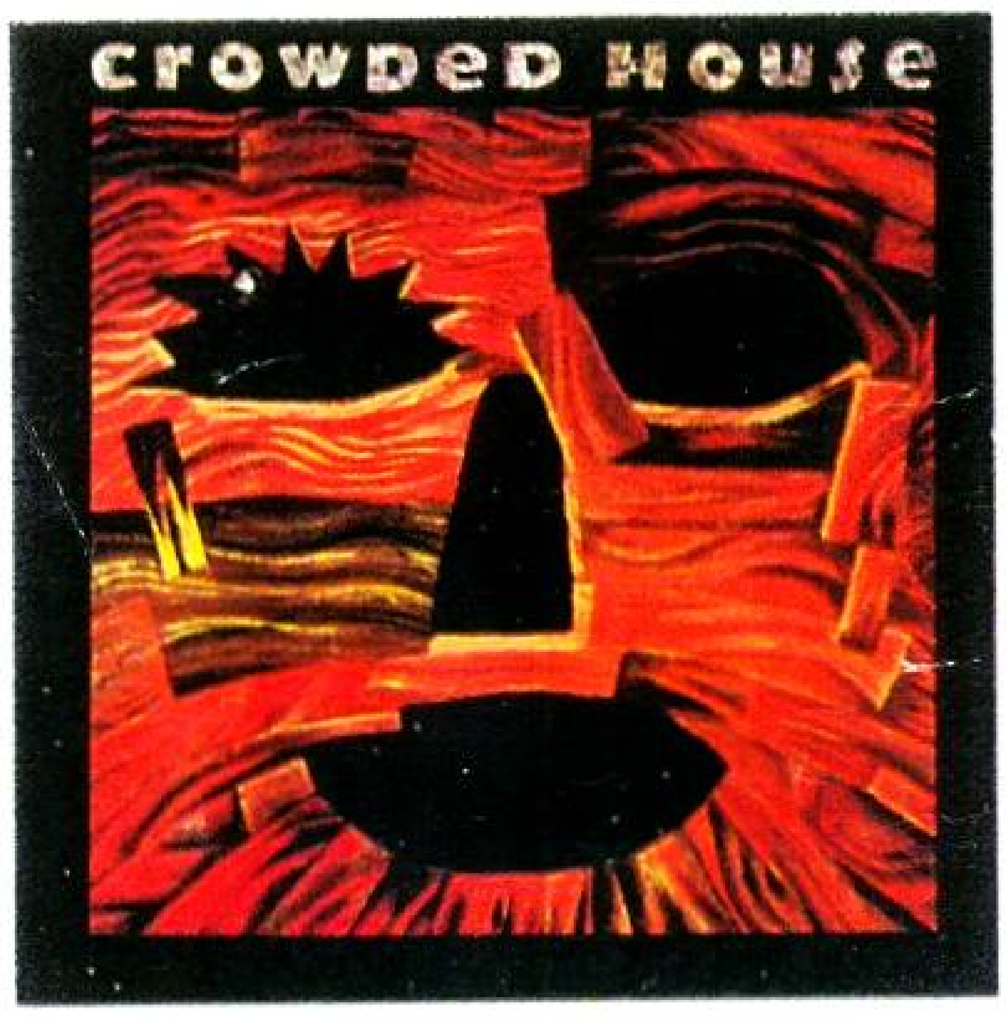
Este tal pacote *Hard California* tem desde o rock curto e grosso do Junkyard até filhotes do Cult como o asqueroso I Love You e a meleca hard gótica do Bang Tango. No meio do fogo cruzado, ficam discos como o do Kik Tracee, descaradamente pop metal e que tem até uma cover sebenta para "Mrs. Robinson", de Simon e Garfunkel.

Já os espertinhos de plantão podem achar uma maravilha o álbum do Liquid Jesus: uma mistura meio cabeça de psicodelia hendrixiana, ópera (!) e hard rock moderninho. Na verdade, este *Pour In The Sky* até que se salva em meio a toda esta misturança, mas ainda fico com a burrice honesta do Junkyard em seu *Six, Sevens & Nines.* E.O.

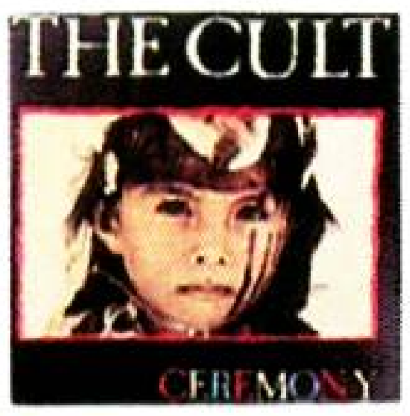
RÁPIDO E RASTEIRO

Não é à toa que os estreantes do **Color Me Badd** já emplacaram dois megahits nos EUA. "I Wanna Sex You Up" e "I Adore Mi Amor" são bons exemplos do pop/soul palatável deste **C.M.B.** (Warner), um disco acima da média FM — mas nada além disso ● O outro álbum dançante desse pacote é, por incrível que pareça, **BREAKDOWN** (A&M/PolyGram), de **Paulinho da Costa**. Em vez de optar pelo instrumental, o percussionista preferido pelas estrelas (de Sara Vaugham a Madonna) chamou o vocalista Darryl Phinnesse e embarcou no dance/pop. Apesar das duas ou três faixas bem balançantes, não valem o preço do disco ● E não é que o público brasileiro deu uma dentro? Todas as vaias recebidas pelo **Maggie's Dream** são justificadas pelo seu disco de estréia (Capitol/EMI-Odeon), um amontoado de baladinhas "metálicas" descaradamente ruins ● A Odeon aposta em dois grupos que já tiveram seus hitzinhos aqui. Mas nem o **Crowded House**, com seu **WOODFACE** (Capitol/EMI-Odeon), nem o **Bliss**, com **A CHANGE IN THE WEATHER** (Parlophone/EMI-Odeon) parecem ter fôlego para mais ● O que dizer de uma cantora que regrava um sucesso do Nazareth e ainda o usa como título do LP? Grandioso, pomposo, kitsch... nenhum adjetivo é capaz de descrever a breguice de **LOVE HURTS** (Geffen/BMG-Ariola), o novo álbum de **Cher** ● Mas sossegue, afinal sempre tem um disquinho do **Moraes Moreira** para você curtir o balanço, a ginga, a manemolência do povo da Bahia. Em **CIDADÃO**, ele repete seus treze LPs anteriores — sem um décimo da criatividade do tempo dos Novos Baianos.

MARISA ADÁN GIL



BOLSA DE DISCOS



	DIAMONDS AND PEARLS Prince And The New Power Generation (Paisley Park/Warner)	VÁRIAS VARIÁVEIS Engenheiros Do Hawaii (RCA/BMG Ariola)	CEREMONY The Cult (Beggars Banquet/PolyGram)	CEM ANOS DE ROCK'N'ROLL João Penca E Seus Miquinhos (Eldorado)	GOO Sonic Youth (Geffen/BMG Ariola)	ON EVERY STREET Dire Straits (Vertigo/PolyGram)
ALEX ANTUNES BIZZ	Razoável	Interessante	Fraco	Bom	Ótimo	Razoável
ANDRÉ BARCINSKI Notícias Populares, SP	Interessante	Fraco	Fraco	Bom	Bom	Fraco
ANDRÉ FORASTIERI BIZZ	Bom	Interessante	Razoável	Bom	Interessante	Fraco
CAMILO ROCHA BIZZ	Ótimo	Fraco	Fraco	Interessante	Razoável	Fraco
ROBERTO MAIA FM Brasil, 2000, SP	Razoável	Fraco	Interessante	Fraco	Ótimo	Bom
TÁRIK DE SOUZA Jornal do Brasil	Bom	Razoável	Bom	Bom	Bom	Razoável
ZECA CAMARGO MTV	Ótimo	Razoável	Bom	Bom	Ótimo	Fraco
CELSO PUCCI BIZZ	Bom	Fraco	Fraco	Bom	Ótimo	Razoável

OTIMO · BOM · INTERESSANTE · RAZOÁVEL · FRACO

DE VOLTA AO MONO

Uma caixa de CDs sintetiza as obras-primas do criador da wall of sound

Phil Spector em meados dos anos 60

São os extremos que se tocam: nada como ouvir em tecnologia digital as maravilhas criadas por **PHIL SPECTOR** em glorioso som monaural, talvez o veículo ideal de suas "muralhas sonoras" celebrizadas nos *sixties*. É o que apresenta um minucioso compêndio da fase áurea da carreira do produtor nova-iorquino, intitulado **Back To Mono (1958-1969)**.

Editado pela PS/ABKCO, o pacote abrange desde o primeiro hit produzido por ele — "To Know Him Is To Love Him", com seu próprio trio The Teddy Bears — até os esporádicos trabalhos a que se dedicou no final dos anos 60. Nesta trajetória desfilam seus sucessos iniciais produzindo Ray Peterson ("Corrina, Corrina"), Ben E. King ("Spanish Harlem") e Gene Pitney ("Every Breath I Take"), além das inúmeras jóias que lapidou com *girl groups* como The Crystals — "There's No Other (Like My Baby)", "Uptown", "He Hit Me (It Feels Like A Kiss)", "He's A Rebel" etc. — e The Ronettes ("Be My Baby", "Walking In The Rain"...).

A se destacar também as quatro faixas de Ike And Tina Turner presentes na compilação, encabeçadas por "River Deep, Mountain High", considerada pelo próprio Spector como uma de suas melhores produções.

Com tudo isso, é até fácil passar batido pelas faixas com The Righteous Brothers ou então, ao menos, se interessar por curiosidades como The Alley Cats ou The Modern Folk Quartet.

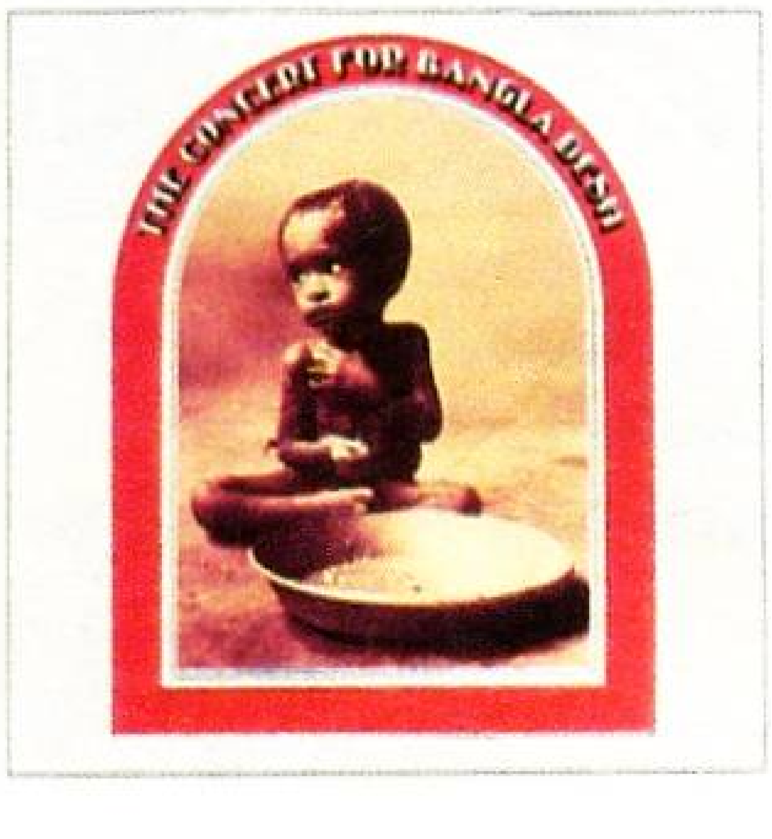
Para completar, a edição ainda traz na íntegra o álbum *A Christmas Gift To You* (63), depois relançado como *Phil Spector's Christmas Album* (ver *Discoteca Básica* BIZZ 42), além de um livro de 96 páginas com fotos, fichas técnicas e ensaios sobre o produtor.

Um pacote fino e esperto.

CELSO PUCCI

Poucas e Boas

O fino do CD, aqui e lá fora



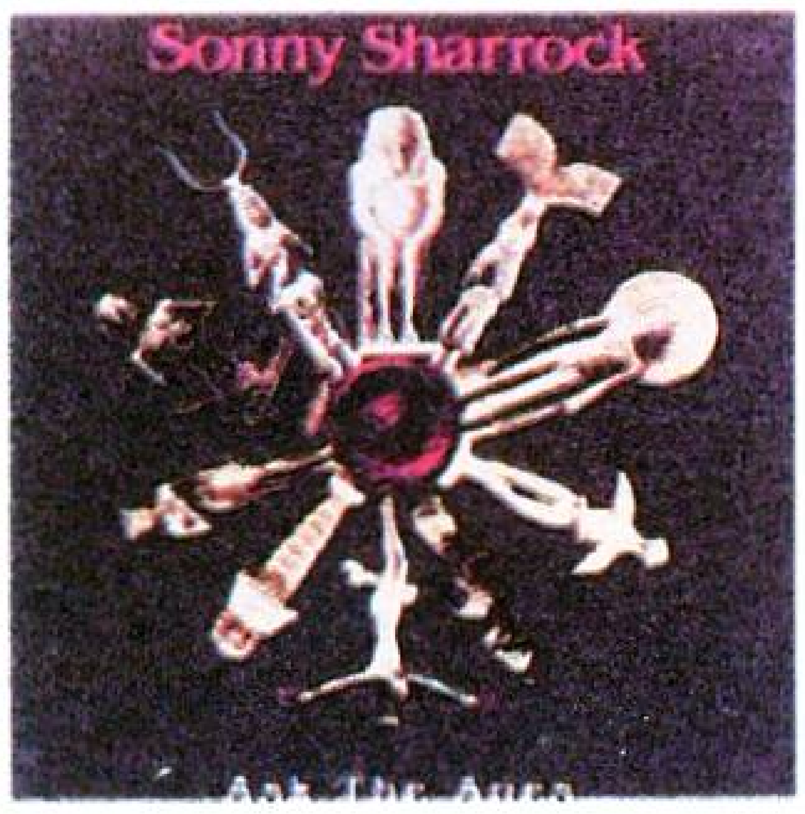
NACIONAIS

GEORGE HARRISON All Things Must Pass (71, EMI-Odeon)/**The Concert For Bangladesh** (72, Epic/Sony). O ex-Beatle num par de CDs duplos: o primeiro produzido por Phil Spector e com o hit "My Sweet Lord", enquanto o outro — um pioneiro no campo do "rock beneficente" — traz Harrison e convidados (Bob Dylan, Eric Clapton, Ravi Shankar) ao vivo no Madison Square Garden, em Nova York ● **TALKING HEADS The Name Of This Band Is Talking Heads** (82, Sire/Warner). CD duplo e ao vivo do grupo, com um disco dedicado apenas à formação enquanto quarteto (77/79) e outro com o acréscimo de outros músicos (80/81) ● **THE ANIMALS The Singles Plus** (88, EMI-Odeon). Vinte dos melhores compactos lançados nos *sixties* pela banda de Eric Burdon. Coisa fina ● **RAUL SEIXAS: Raulzito E Os Panteras** (69, EMI-Odeon). Álbum de estréia do guru baiano. Uma brasa, mora!

IMPORTADOS

THE SPECIALS The Singles Collection (91, 2 Tone/Chrysalis). Reunião dos compactos da banda ska de Conventry. No repertório, "Gangsters" (o single independente que deu origem ao selo 2 Tone), "Rudi, A Message To You", "Rat Race", "Ghost Town" e muito mais ● **THE SHADOWS The Early Years — 1959/1966** (91, EMI). Pacotão de seis CDs abordando a época dourada do som instrumental de Hank Marvin e seus comparsas ● **MINUTEMEN What Makes A Man Start Fires?** (83)/ **Double Nickels On The Dime** (84), ambos SST. O primeiro traz o trio angeleno detonando canções como "Mutiny In Jonestown" e "Bob Dylan Wrote Propaganda Songs". O segundo apresenta nada menos que 45 das microcanções do grupo.

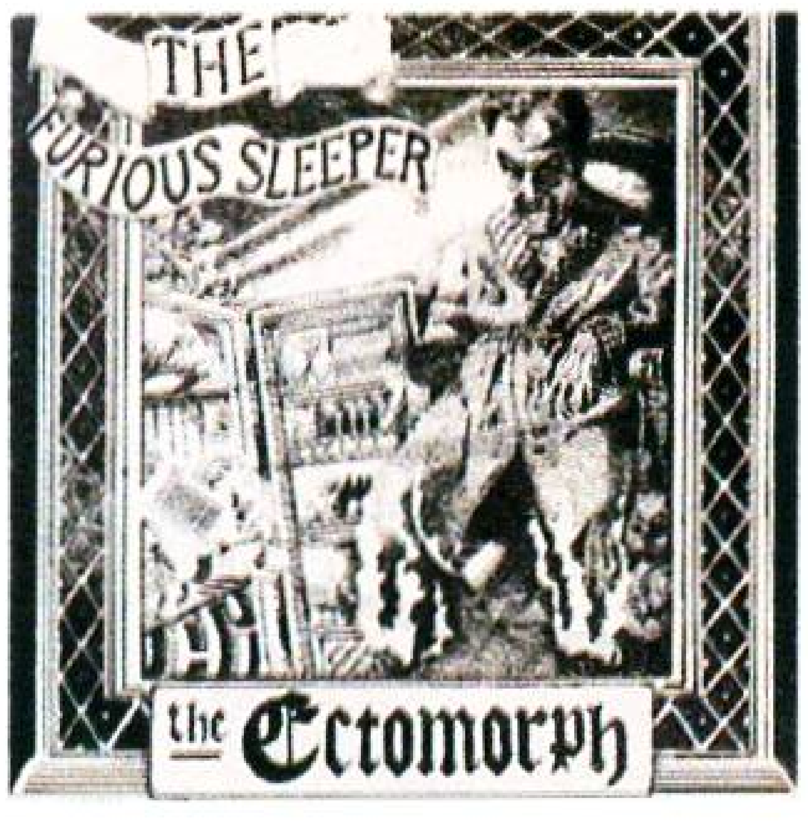
C.P.



Não é surpresa que a nova geração da guitarra elétrica pareça estar partindo do jazz. O próprio Jimi Hendrix — até agora o trampolim para o instrumento que ninguém conseguiu tornar obsoleto — inclinava-se para o jazz pouco antes de ter sido convocado para aquela grande *jam session* no céu.

E é exatamente isso que o jazzista **Sonny Sharrock** está fazendo: reescrevendo a cartilha da guitarra elétrica. Enquanto as legiões metálicas cultivam o lado "simostral" do legado de Hendrix, poucos como ele — quarentão e escolado — exploram novos vocabulários. Gravado com dois veteranos das bandas de John Coltrane — o baterista Elvin Jones (de 64 anos!) e o saxofonista Pharaoh Sanders —, este **ASK THE AGES** (Axiom/Island) estimula mais do que qualquer pirotécnica vinda dos dedos de Eddie Van Halen ou de Steve Vai.

JOSÉ EMILIO RONDEAU



Boas novas do planeta Woronzow, o selo *indie* dedicado aos psicodélicos: acaba de sair o esperado álbum de estréia do sexteto londrino **The Ectomorph**. **THE FURIOUS SLEEPER** foi gravado no estúdio da banda em Hammersmith e abre-se num leque de atmosferas que vai desde referências tradicionais tipo Jefferson Airplane até flertes com a geração gótica da Skeletal Family em sua segunda formação.

Tudo isso apoiando-se na voz sóbria e segura de Bernardette Keeffe, que brilha na calmaria balsâmica de "The Man Who Dreamt Himself" e nos abusos de "Dark Breakfast".

FÁBIO MASSARI

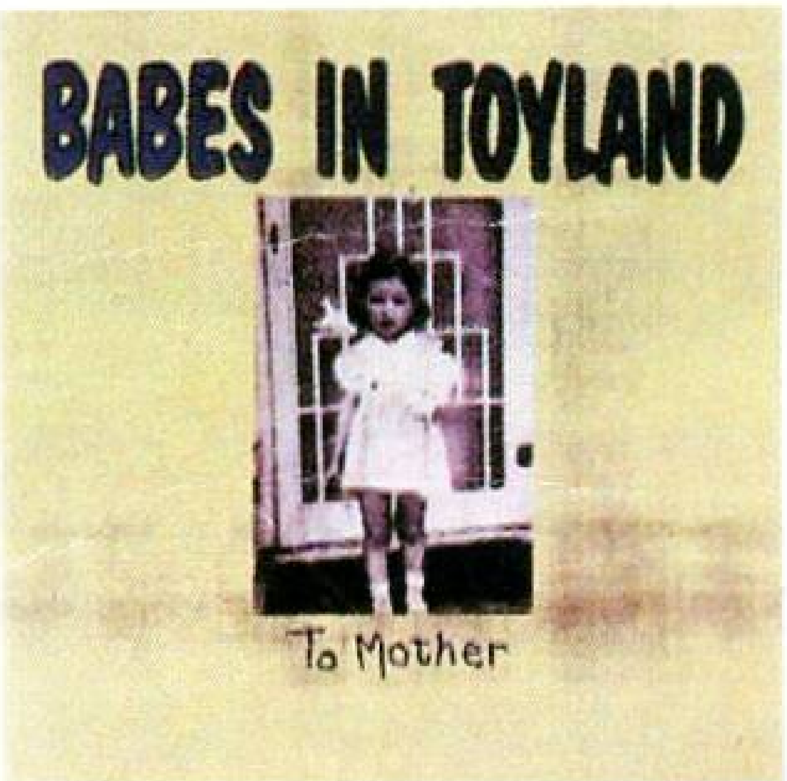
Imagine a cena: num canto mal iluminado do estúdio Avalanche, em Birmingham, a *dance music* urra ao ser currada por um bando de noise-industrialistas asquerosos. A perversão parece exagerada? Então experimente submeter seus tímpanos a **SLAVESTATE** (Earache) — a nova oferenda do **Godflesh** — e me desminta, se for capaz.

Tudo que Steve Albini e o Big Black sonharam um dia está aqui: uma banda *grindcore* às voltas com atos extremos de terrorismo sônico levados a cabo por zilhões de riffs petrificados de guitarra, grunhidos e BPMs cuspidas por um seqüenciador. Ou parafraseando John Lydon: "A alienação também pode ser uma energia."

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Pegar tudo que apareceu e deveria aparecer na *Discoteca Básica* da BIZZ (Van Morrison, T. Rex, James Brown, Bob Marley, Afrika Bambaataa, Doors, Sly Stone etc.) e servir-se à vontade de samplers, sonoridades e inspiração. Foi assim que a dupla inglesa de rappers/produtores **Definition Of Sound** concebeu **LOVE AND LIFE: A JOURNEY WITH THE CHAMELEONS** (Circa). Para começar: a maconheira "Moira Jane's Cafe" e "Now Is Tomorrow", com refrão perfeito e muito *phaser* nas guitarras.

CAMILO ROCHA.



De Minneapolis, a terra de Prince e do Hüsker Dü, vêm as perversas garotinhas chamadas **Babes In Toyland.** Em seu novo disco — **TO MOTHER** (Twin Tone) — o trio apresenta cancões cáusticas e barulhentas, calcadas em riffs dementes de guitarra. Verdadeiros petardos como "Laugh My Head Off", "Primus" e a inaudita "Ripe", em que a guitarrista Kat Bjelband arrasa nos vocais.

LEANDRO FORTIÑO

O nome? **Meat Puppets**, um trio do Arizona formado em 81 pelos irmãos Kirkwood — Curt (guitarra/vocais) e Cris (baixo/vocais) — junto a Derrick Bostrom (bateria). O som? Um country punk ensandecido, algo como um híbrido de ZZ Top e Minutemen. O disco? **FORBIDDEN PLACES** (London), uma paulada na moleira com boas melodias detonadas pelos caras, em cancões como "Nail It Down", "Popskull" e no *hillbilly* instrumental "Six Gallon-Pie". *CELSO PUCCI*

Blur foram os Charlatans/Stone Roses de 91. A aposta de Londres contra o *hype* de Manchester. Guitarras funky sobre harmonizações Beatles 66 e um visual Stones 65 que faz crianças do outro sexo trocarem de babador de meia em meia hora. "There's No Other Way" de seu álbum de estréia — **LEISURE** (Food) — é tudo o que se pode pedir para dançar: riffs de Hendrix e Page sobre batucada *rave*. A nova grande banda britânica de sexo e drogas. E algum rock'n'roll. *MARCEL PLASSE*

VÍDEOS

LIVING COLOUR
Time Tunnel
Direção: Bruce Leddy, 1990
(59 min., hi-fi stereo. SMV)

As primeiras apresentações no CBGB's; o grupo abrindo a turnê *Steel Wheels* dos Stones, em 89; os trabalhos anteriores de cada membro; cenas das gravações do LP *Time's Up* e alguns poderosos números musicais fazem de *Time Tunnel* um vídeo fundamental para os adeptos do Living Colour. Entre as músicas, "Cult Of Personality", "Sailin' On", "Type" e "Pride".

A.C.M.

INXS
Live Baby Live
Direção: David Mallet, 1991
(100 min., hi-fi stereo. PolyGram)

Este vídeo traz na íntegra a apresentação no estádio de Wembley, Londres, em 13 de julho de 91 — enquanto o álbum homônimo mistura trechos de shows em 16 cidades ao redor do mundo, incluindo o do Rock In Rio. 72 mil fãs deliram com o som ganchudo do INXS, mesmo que não passe de uma versão australiana, mais pop e grandiloqüente, dos Stones. Mas num palco, e muito bem flagrados por 15 câmeras, o grupo funciona. Apesar dos excessivos 100 minutos do show. *A.C.M.*

AEROSMITH
The Making Of Pump
Direção: John Kalodner, 1990
(110 min., hi-fi stereo. SMV)

Como o título já diz, este vídeo flagra o processo criativo de *Pump*, o álbum que recolocou o Aerosmith de volta ao cenário roqueiro. Sessões de estúdio, ensaios descontraídos, discussões entre os membros do quinteto ou reveladoras entrevistas estão entre os principais ingredientes do menu. De quebra, as versões originais dos clips "The Other Side" e "What It Takes" (que tinham sido censurados pela TV "wasp"). *A.C.M.*

THE BEATLES
Help
Direção: Richard Lester, 1965
(90 min., hi-fi stereo digital. SMW)

Lester foi um dos caras que melhor transpôs para o cinema a linguagem pop. Foi ele quem injetou psicodelismo na fórmula já experimentada pelos musicais da Metro e nas aventuras *bubblegum* de Frankie Avalon, Anette Funicello e a turma da praia. Depois da experiência bem-sucedida de *A Hard Day's Night (Os Reis Do Iê-iê-iê*, no Brasil), o diretor embarcou mais uma vez na viagem dos Beatles, esparramou cores na tela e costurou com aventura e humor *nonsense* uma série de músicas que se tornaram clássicas, de "Ticket To Ride" a "The Night Before".

Mais do que isso, a narrativa frenética imprimida aos números musicais resultou em algo muito próximo do estilo clip usado e abusado hoje em dia. *Help* é um corre-corre do começo ao fim. Ringo descola um anel, pertencente a uma obscura seita oriental consagrada à deusa Kali, que fica preso em seu dedo. Os maquiavélicos seguidores do culto perseguem o narigudo dispostos até mesmo a cortarem seu dedo para recuperar o artefato ritual.

Está armada a desculpa para os outros três Beatles empreenderem uma perigosa aventura em prol da integridade física do baterista. Se o cara já tocava mal com cinco dedos em cada mão, imaginem desfalcado...

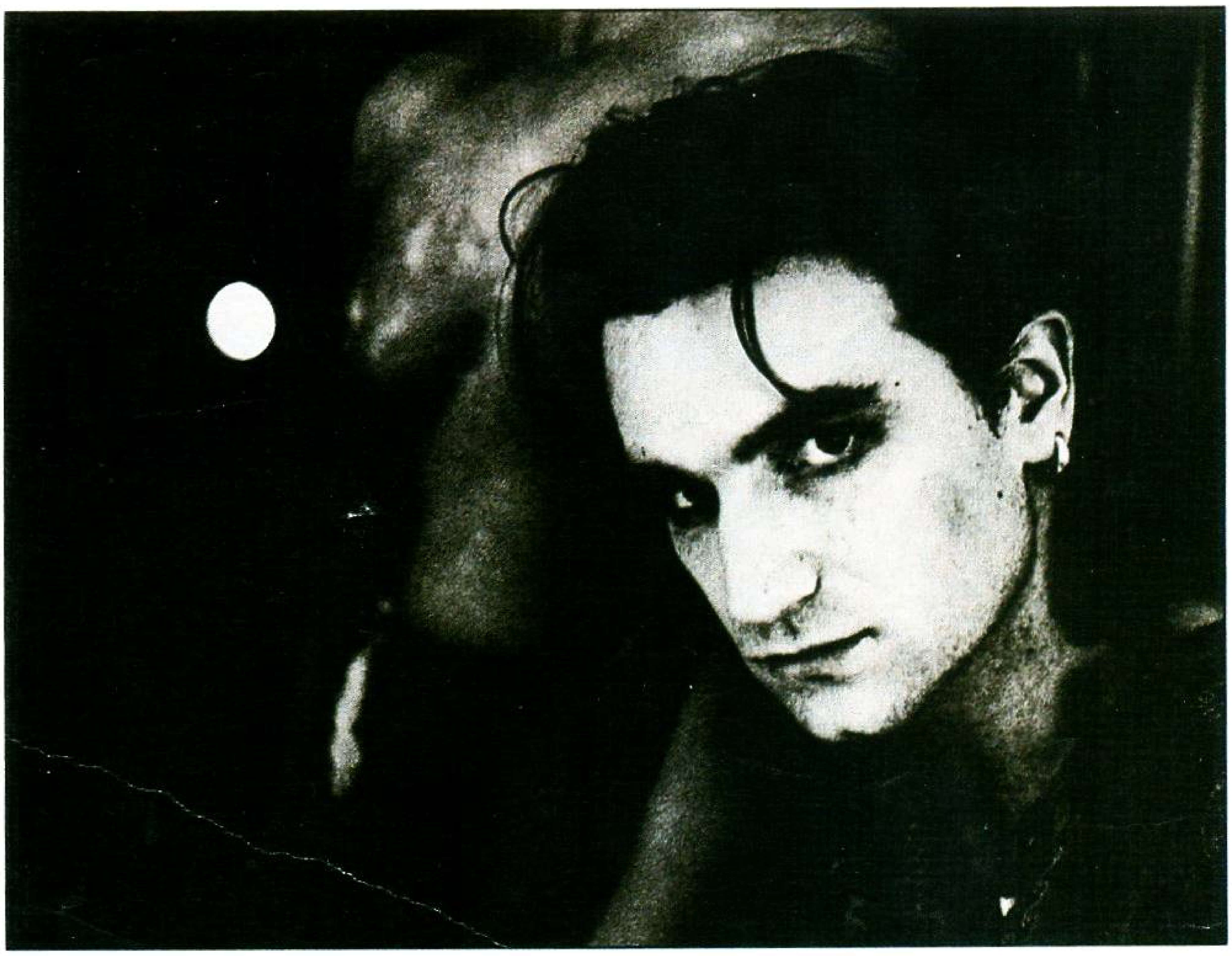
Os vilões são malvadões de primeira, as cenas domésticas do grupo são lisérgicas e hilariantes e o filme serviu de base para inúmeras aventuras musicais posteriores (incluindo *O Diamante Cor De Rosa*, com Roberto Carlos). Motivos mais do que suficientes para elevar *Help* à categoria de clássico. *C.E.M.*

IMPORTADOS

MARC BOLAN & T. REX *The Ultimate Collection (GB, 1991, Telstar)/The Complete Video Biography (GB, 1991, Virgin)*. Roqueirinhos de butique, *poseurs* de plantão, tremei. Ressuscitado por um comercial da Levi's, é ele o rei do lamê em pessoa, que vem mostrar que o *glam rock* era trejeito, sim, mas movido a música de verdade. Bolan morreu em 77, em amistosa convivência com os punks que hoje, notem bem, não hesitariam em partir a cara de qualquer Sebastian Barbie que se dignasse a habitar o mundo real. *Collection* são vinte hits pré-clip, extraídos de programas de TV e quetais. *Biography* compila dois vídeos antigos em uma hora e meia de material variado. *R. M.*

LEGIÃO URBANA V
LP, CD E K7.
EMI

SOME CAND



Warner

THE FLY

(U2)

A MOSCA

It's no secret that the stars are falling from sky
it's no secret that our world is in darkness tonight
they say the sun is sometimes eclipsed by a moon
y'know I don't see you when she walks in the room

It's no secret that a friend is someone who lets you help
it's no secret that a liar won't believe anyone else
they say a secret is something you tell one other person
so I'm telling you... child

(low voice)
A man will beg
a man will crawl
on the sheer face of love
like a fly on the wall
it's no secret

(gospel voice)
Love, we shine like a
burning star
we're fallin' from
the sky... tonight

It's no secret that a conscience can sometimes be a pest
it's no secret ambition bites the nails of success
every artist is cannibal, every poet is a thief
all kill their inspiration and sing about the grief

(low voice)
A man will rise
a man will fall
from the sheer face of love
like a fly from a wall
it's no secret at all

(gospel voice)
Love, we shine like a
burning star
we're fallin' from
the sky... tonight

(repete)

It's no secret that the stars are falling from the sky
the universe exploding 'cos of one man's lie
look, I gotta go
yeah, I'm running outta change
there's a lot of things
if I could I'd rearrange

Não é segredo que as estrelas estão caindo do céu
não é segredo que nosso mundo está em escuridão esta noite
dizem que o sol é, às vezes, eclipsado por uma lua
você sabe que não te vejo quando ela entra na sala

Não é segredo que um amigo é alguém que te deixa ajudar
não é segredo que um mentiroso não acredita em mais ninguém
dizem que um segredo é algo que se conta a uma outra pessoa
então estou te contando... criança

(voz baixa)
Um homem é capaz de implorar
um homem é capaz de rastejar
pela simples face do amor
como uma mosca na parede*
não é nenhum segredo

(voz gospel)
Amor, brilhamos como uma
estrela em combustão
estamos caindo do
céu... esta noite

Não é segredo que uma consciência pode, às vezes, ser uma peste
não é segredo que a ambição rói as unhas do sucesso
todo artista é um canibal, todo poeta é um ladrão
todos matam sua inspiração e cantam seu pesar

(voz baixa)
Um homem há de ascender
um homem há de cair
da simples face do amor
como uma mosca de uma parede
não é nenhum segredo

(voz gospel)
Amor, brilhamos como uma
estrela em combustão
estamos caindo do
céu... esta noite

(repete)

Não é segredo que as estrelas estão caindo do céu
O universo explodindo por causa da mentira de um homem
olha, eu tenho de ir embora
é, meus trocados estão acabando
há um monte de coisas
que, se pudesse, eu rearrumaria

U2

** A expressão "mosca na parede" significa a atitude de alguém que fica deliberadamente em segundo plano, para passar despercebido enquanto observa atentamente tudo ao redor*

© U2 Warner Chappell International Music Publishers Ltd. (Direitos cedidos para o Brasil à Warner Chappell Eds. Musicais Ltda)

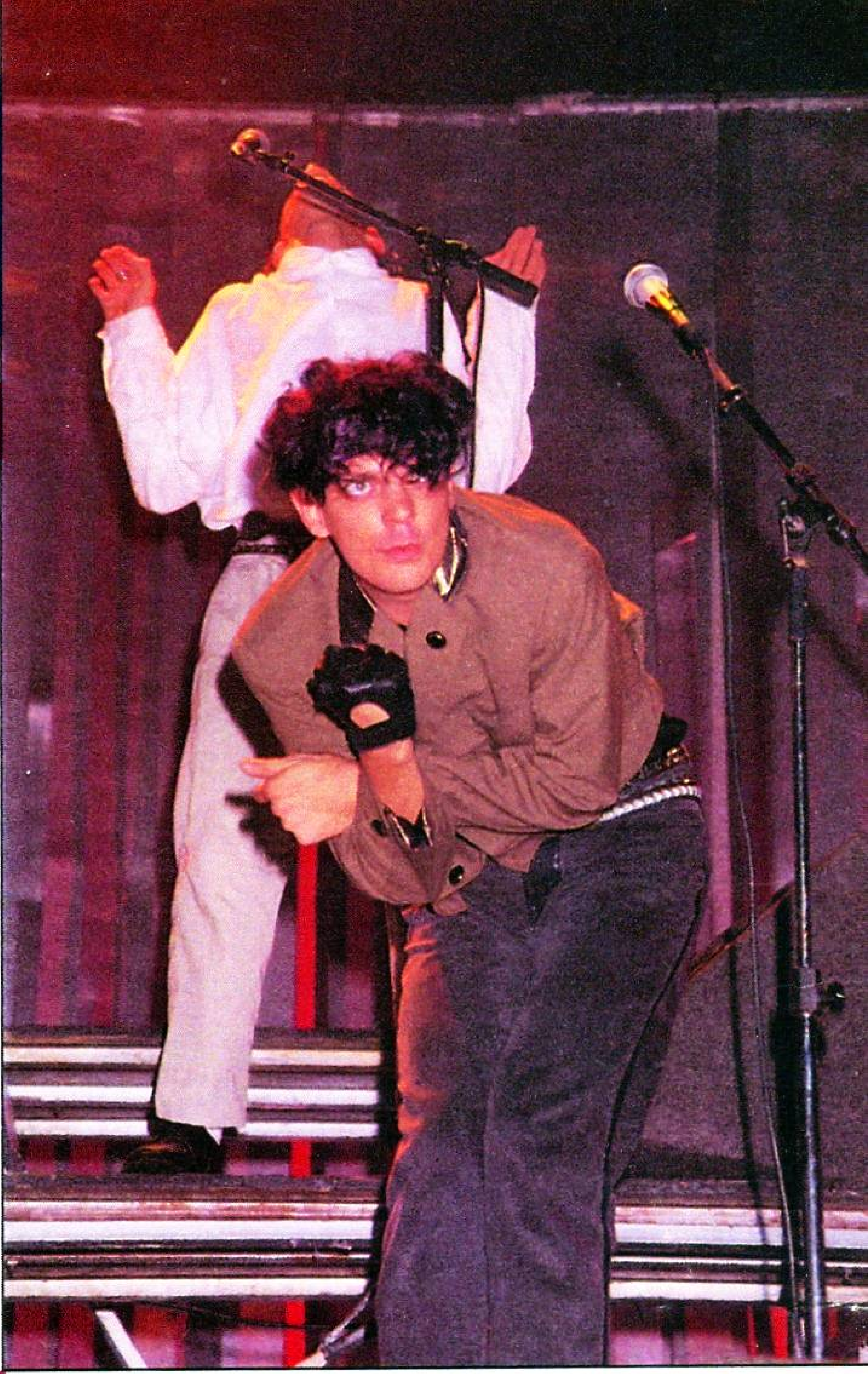
Ref. 277
Ref. 266
Ref. 267
Ref. 263
Ref. 270
Ref. 282
Ref. 269
Ref. 272
Ref. 278
Ref. 276
Ref. 280
Ref. 275
Ref. 268
Ref. 279
LANÇAMENTO!
PREÇOS ESPECIAIS
PARA REVENDEDORES
NEW ROCK
FONE: (011) 280-2952
As bermudas (BM) e as calças (CL) estão disponíveis nos tamanhos M e G, nas seguintes referências:
BM1 CL1 : METALLICA
BM2 CL2 : GUNS N'ROSES
BM3 CL3 : FAITH NO MORE
BM4 CL4 : IRON MAIDEN
BM5 CL5 : CAVEIRAS
BM6 CL6 : SKID ROW
BM7 CL7 : SEPULTURA
PREÇOS
Manga Curta (MC): Cr$ 10.000,00
Manga Larga (ML): Cr$ 12.000,00
Blusão Moleton (MT): Cr$ 16.000,00
Calça Moleton (CL): Cr$ 16.000,00
Bermuda (BM): Cr$ 10.000,00
Ref. 273
Ref. 281
Ref. 246
Ref. 264
Ref. 283
Ref. 244
Ref. 242
Ref. 240
Ref. 258
Ref. 257
Ref. 218
Ref. 162
Ref. 249
Ref. 251
Ref. 256
Ref. 215
Ref. 252
Ref. 255
Ref. 193
Ref. 180
Ref. 200
Ref. 032
PROMOÇÃO DE NATAL Compre acima de Cr$ 50.000,00 e ganhe uma camiseta com o logotipo NEW ROCK.
Como comprar: Sedex a cobrar (entrega urgente)
• Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK; Rua Capote Valente, 242 - CEP 05409 - São Paulo - SP.
• Junto de seu pedido, deve ser enviado um "cheque nominal" à NEW ROCK: no valor de Cr$ 2.500,00 (preço médio das despesas de Sedex). Esse valor varia de acordo com o peso, localidade e valor de compra.
• O Correio mandará um "aviso de chegada" entre 8 e 15 dias, após o envio de sua carta.
• Você tem o prazo de 7 dias corridos para retirar a encomenda no Correio, após receber este aviso.
• A encomenda só é paga ao ser retirada no Correio.
"SÓ ATENDEREMOS SEU PEDIDO SE AS DESPESAS DO SEDEX FOREM ANTECIPADAMENTE PAGAS".
TAMANHOS: P, M e G
BIZZ-78
Total da Compra Cr$:
Nome:
End.:
Nº:
CEP:
Fone:
Cidade:
Est.:
RG:
Assinatura:
Mod.
Ref.
Cor
Tam.
NEW ROCK

PARADA

LEITORES

1	(1)	*Use Your Illusion II*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
2	(3)	*Out Of Time*	R.E.M.	Warner
3	(2)	*Use Your Illusion I*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
4	(4)	*Arise*	Sepultura	Eldorado
5	(5)	*Live At The Brixton Academy*	Faith No More	PolyGram
6	(9)	*Skid Row*	Skid Row	Warner
7	(8)	*GN'R Lies*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
8	(12)	*Behaviour*	Pet Shop Boys	EMI-Odeon
9	(7)	*The Real Thing*	Faith No More	PolyGram
10	(10)	*Flashpoint*	Rolling Stones	Sony
11	(6)	*Crazy World*	Scorpions	PolyGram
12	(19)	*Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*	Titãs	Warner
13	(14)	*Schubert Dip*	EMF	EMI-Odeon
14	(16)	*Appetite For Destruction*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
15	(20)	*Tudo É Permitido*	Kid Abelha	Warner
16	(18)	*Beneath The Remains*	Sepultura	Eldorado
17	(N)	*On Every Street*	Dire Straits	PolyGram
18	(N)	*Marina Lima*	Marina	PolyGram
19	(N)	*Doubt*	Jesus Jones	EMI-Odeon
20	(15)	*Gonna Make You Sweat*	C + C Music Factory	Sony

Para a *Parada dos Leitores*, foram consideradas as cartas recebidas até 5/11/91.



LOJAS

1	(3)	*Metallica*		PolyGram
2	(1)	*Use Your Illusion II*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
3	(2)	*Use Your Illusion I*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
4	(N)	*Dying Young*	Trilha Sonora	BMG-Ariola
5	(6)	*On Every Street*	Dire Straits	PolyGram
6	(5)	*Bossa'N'Roll*	Rita Lee	Som Livre
7	(13)	*Diamonds And Pearls*	Prince	Warner
8	(N)	*Pornograffitti*	Extreme	PolyGram
9	(9)	*Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*	Titãs	Warner
10	(20)	*Goo*	Sonic Youth	BMG-Ariola
11	(14)	*Mama Said*	Lenny Kravitz	EMI-Odeon
12	(4)	*Skid Row*	Skid Row	Warner
13	(8)	*Bossanova*	Pixies	Stiletto
14	(15)	*Out Of Time*	R.E.M.	Warner
15	(N)	*Os Grãos*	Paralamas Do Sucesso	EMI-Odeon
16	(N)	*For Unlawful Carnal Knowledge*	Van Halen	Warner
17	(12)	*Seal*		Warner
18	(10)	*Unforgettable*	Natalie Cole	Warner
19	(N)	*Greatest Hits II*	Queen	EMI-Odeon
20	(11)	*Arise*	Sepultura	Eldorado

Lojas consultadas: Câmbio Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), 220 Volts (Campinas), Baratos Afins, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Woodstock Discos (São Paulo), em 5/11/91.

(N) Novidade (R) Retorno ( ) Posição anterior

Leitor! Sua participação é importante! Escreva para a "BIZZ — *Parada Dos Leitores*", Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo, SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a consultá-lo quando necessário.

EUA

LPs

1 (1) *Use Your Illusion II* **Guns N'Roses** Geffen
2 (9) *Apocalypse '91* **Public Enemy** Def Jam
3 (10) *Diamonds And Pearls* **Prince** Paisley Park
4 (7) *Decade Of Decadence* **Motley Crue** Elektra
5 (2) *Use Your Illusion I* **Guns N'Roses** Geffen
6 (3) *Ropin' The Wind* **Garth Brooks** Capitol
7 (4) *Emotions* **Mariah Carey** Columbia
8 (5) *Metallica* Elektra
9 (8) *Waking Up The Neighbours* **Bryan Adams** A&M
10 (N) *Whenever We Wanted* **John Mellencamp** Mercury

Compactos

1 (5) *"Romantic" Karyn White* Warner
2 (1) *"Emotions" Mariah Carey* Columbia
3 (2) *"Do Anything" Natural Selection* East west
4 (N) *"Can't Stop This Thing We Started" Bryan Adams* A&M
5 (6) *"Hole Hearted" Extreme* A&M
6 (N) *"Cream" Prince* Paisley Park
7 (4) *"Good Vibrations" Marky Mark & The Funky Bunch* Interscope
8 (N) *"Real Real Real" Jesus Jones* SBK
9 (7) *"Something To Talk About" Bonnie Raitt* Capitol
10 (N) *"O.P.P." Naughty By Nature* Tommy Boy

GB

LPs

1 (5) *Stars* **Simply Red** East West
2 (N) *Chorus* **Erasure** Mute
3 (9) *Simply The Best* **Tina Turner** Capitol
4 (N) *Voices* **Kenny Thomas** Cooltempo
5 (1) *Waking Up The Neighbours* **Bryan Adams** A&M
6 (7) *From Time To Time* **Paul Young** Columbia
7 (N) *Live Your Life Be Free* **Belinda Carlisle** Offside
8 (2) *On Every Street* **Dire Straits** Vertigo
9 (N) *Emotions* **Mariah Carey** Columbia
10 (6) *Diamonds And Pearls* **Prince** Paisley Park

Compactos

1 (N) *"World In Union" Kiri Te Kanawa* Columbia
2 (N) *"Always Look On The Bright Side Of Life"* Monty Python Virgin
3 (N) *"Get Ready For This" 2 Unlimited* PWL Continental
4 (1) *"Everything I Do (I Do It For You)" Bryan Adams* A&M
5 (4) *"Wind Of Change" Scorpions* Vertigo
6 (N) *"The Fly" U2* Island
7 (N) *"Dizzy" Vic Reeves & The Wonder Stuff* Sense
8 (N) *"Change" Lisa Stansfield* Arista
9 (8) *"Saltwater" Julian Lennon* Virgin (Talkin' Loud)
10 (6) *"Insanity" Oceanic* Dead Dead Good

Marcelo Uchiyama Azul

INDEPENDENTES GB

LPs

1 (1) *Trompe Le Monde* **Pixies** 4AD
2 (2) *Screamadelica* **Primal Scream** Creation
3 (N) *Fox Base Alpha* **St Etienne** Heavenly
4 (N) *Levelling The Land* **Levellers** China
5 (9) *Raise* **Swervedriver** Creation
6 (10) *Prety On The Inside* **Hole** City Slang
7 (N) *Chorus* **Erasure** Mute
8 (N) *For Keeps* **The Field Mice** Sarah
9 (N) *0 + 2 = 1* **No Means No** Alternative Tentacles
10 (N) *In The Presence Of Greatness* **Velvet Crush** Creation

Compactos

1 (N) *"Black Spring EP" Lush* 4AD
2 (N) *"Words That Say" Mega City 4* Big Life
3 (N) *"Mesmerised" Chapterhouse* Dedicated
4 (N) *"Season Stream EP" Thousand Yard Stare* Stiffled Aardvark
5 (N) *"The Concept" Teenage Fanclub* Creation
6 (N) *"Dress" P.J. Harvey* Too Pure
7 (N) *"Such A Feeling" Bizarre Inc* Vinyl Solution
8 (N) *"Go" Moby Outer* Rhythm
9 (N) *"All Over My Face" New Fast Automatic Daffodils* Paper House
10 (N) *"Insanity" Oceanic* Dead Dead Good

T. White Onix Stills

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), de 26/10/91 a 2/11/91. *Melody Maker* e *New Musical Express* (GB), de 19/10/91 a 2/11/91.

BRILHOU A ESTRELA DE QUEM MOSTRO TALENTO.

Veja aqui a relação dos vencedores da promoção JOGUE TALENTO COM BIZZ:

FOTO A
CARLOS AUGUSTO LENZI
Blumenau - SC

EDUARDO PADILLA SEVERO
Bagé - RS

MARCOS VELOSO DA SILVA
Recife - PE

RENATA MIYABE UEDA
São Paulo - SP

FOTO B
CARLOS ALENCAR C. DE Q. FILHO
São Paulo - SP

MÁRCIO MATTOS DE SÁ
Rio de Janeiro - RJ

ROGES ANDRÉ REOLON
Canoas - RS

FOTO C
CARLOS FREDERICO KRAUSE JR.
Brasília - DF

FLORIVALDO ROBERTO S. RODRIGUES
São Paulo - SP

JOÃO PEREIRA DA SILVA FILHO
São Paulo - SP

MÁRCIO NOMOTO
Jacareí - SP

SAMUEL PIMENTA FILHO
Campinas - SP

VADI GEROMEL FILHO
Osasco - SP

FOTO D
JOSEPH CHARLE G. AIVES
Mossoró - RN

PAULO VIEIRA DA COSTA
Brasília - DF

PROMOÇÃO JOGUE TALENTO COM BIZZ

ESTREL

CARTAS

DE BARÃO A CRAMPS

Achei a edição de outubro sensacional, arrasante, maravilhosamente ótima. Fazia um bom tempinho que eu não lia uma BIZZ como esta. O melhor foi a capa com o Barão Vermelho (aliás, em matéria de capa, vocês estão sempre ótimos). É muito difícil a BIZZ dar uma capa para grupos ou cantores brasileiros.

Ulisses Alves
São Paulo, SP

Com tantos monstros sagrados no universo musical, vocês me publicam essa baixaria com esse lixo do Barão Vermelho? Quem está interessado neles?

Gelson e a Turminha
São Paulo, SP

Parabéns pela capa com o Barão. Eles merecem. Mas eu quero mais! Que história é essa de cabeludos em todas as capas? Aquela com o Skid Row estava o cúmulo da cafonice! A BIZZ deveria dar mais destaque para os artistas nacionais. O rock brasileiro não é só feito de Legião e Titãs.

Julio
São Paulo, SP

Achei supermassa a matéria fazendo um resumo dos dez anos do Barão Vermelho. Apesar de tudo, eles são os melhores roqueiros do Brasil.

Hairton Almeida
Lages, SC

Parabéns, Barão Vermelho, pelos dez anos de estrada e sucesso. O reconhecimento é uma coisa merecida por poucos, e a compreensão só por quem pensa e dança, tem um ponto fraco, tem dignidade, ama uma tal de Bete Balanço, é maior abandonado e está longe de tudo. Viva os Stones brasileiros!

Marcelo Manfio
Itatiba, SP

Mais uma vez a BIZZ me surpreendeu, cheia de novidades. Madonna no *Dance Music*! Sem falar nas matérias sobre Metallica, Information Society, Barão Vermelho... por essas e outras que vale a pena ler.

Carlos Santiago
Belo Horizonte, MG

Queria dar os parabéns ao André Barcinski pela magnífica, estupenda, deliciosa e histórica matéria com os Cramps. Quero informá-los que, a partir de agora, meu símbolo sexual é a Poison Ivy. Só resta a pergunta: até quando vai reinar a indiferença, a ignorância e o completo descaso das gravadoras em relação a bandas maravilhosas, como os Cramps? Por que nos entopem com *poseurs* de idéias racistas enquanto bandas realmente inteligentes e honestas como os Cramps continuam inéditas por aqui? Êta terceiro mundo!

R.F. Curtis
Poços de Caldas, MG

É totalmente inacreditável. Cramps na BIZZ. Depois de seis anos, esta é a primeira matéria de vocês sobre a maior banda de rock de todos os tempos. Para mim não foi uma grande matéria, pois já conhecia a banda há muito tempo. Mas para quem só ouvia falar ou mesmo não conhecia nada, ela está excelente. Parabéns ao André Barcinski.

Andhye Iore
Fanzine* The Wild Side, *Rua Luís Messias Simino, 88, CEP 87040, Maringá, PR

Apesar de não gostar dos Cramps, resolvi ler a entrevista pelo simples fato de ter sido escrita pelo André Barcinski, que é sem dúvida o melhor colaborador que a BIZZ tem. Meus sinceros parabéns, André, pelo excelente trabalho que você desempenha.

Claudia Cristina Palagano
Poços de Caldas, MG

OS INCORRUPTÍVEIS

Querido Andrezinho, estou indignada com sua crítica ridícula a respeito da maior e melhor banda de thrash metal do planeta, o Metallica. O disco novo deles tem *feeling*, peso, velocidade, pesadelo e realidade. Mesmo as baladas estão bem superiores, sem cair na chatice de coisas como "Don't Cry", do Guns N'Roses. Para mim, eles são incorruptíveis. Não seria agora, quando têm fama, dinheiro e prestígio, que eles se venderiam.

Silmara Akizawa
São Paulo, SP

Na BIZZ 73, vocês dirigiram-se ao grupo Metallica nos termos "poço de presunção fascistóide". Quase escrevi uma carta indignada, mas fui adiando até ouvir o novo disco dos *boys*. Decepção. Outro disco duplo? Para quê? Tira-se metade das faixas e tem-se um LP perfeito e decente. A outra metade é forçada e... presunçosa. Como o Metallica jamais foi.

Debbie Lloyd
São Paulo, SP

André, dizer que o Metallica fez o disco por puro marketing só para ganhar grana é um absurdo. Só porque ele não é tão pesado quanto os anteriores e suas músicas são mais curtas e simples, não quer dizer que eles tenham se vendido. Ora meu caro, você só pode ter algum problema de cabeça ou então anda vendo muita foto do Axl.

Ana Ulrich
Belo Horizonte, MG

Achei ridículo e pretensioso o julgamento da simplicidade do Metallica em contraposição ao *showbusiness* feito pelo sr. André "Autopromoção" Forastieri.

Jay Santos
São Paulo, SP

FÃS-CLUBES

Beatles *There's A Place Beatles Club*, A/C Sandro de Paiva, Rua Anny, 1001, CEP 04240, São Paulo, SP

Bon Jovi e **Guns N'Roses** *Fã-Clube Pop Rock Super Stars*, Rua Lopes Trovão, 391/111, CEP 20920, Rio de Janeiro, RJ

Bruce Springsteen *Bruce Springsteen Fã-Clube*, Rua Curitiba, 868, CEP 85600, Francisco Beltrão, PR

Engenheiros Do Hawaii *Fã-Clube Revolta Dos Dândis*, A/C Andréia Schmidt, Rua Dr. Fredericindo Marés de Souza, 19, CEP 82500, Curitiba, PR

Engenheiros Do Hawaii *Fã-Clube Procura-se Ana Desesperadamente*, Rua Santa Albina, 98, CEP 05518, São Paulo, SP

Engenheiros Do Hawaii *Fã-Clube Perfeita Simetria*, Avenida 10, Rua 14, c/6, Conjunto III, Cohab Anil, CEP 65050, São Luís, MA

Faith No More *Zombie Eaters Fan Club*, Av. Amador Bueno da Veiga, 2304, ap. 112-A, São Paulo, SP

Guns e **Madonna** *Out To Get Guns N'Roses* e *Who's Madonna*, Rua 14, 60, CEP 75040, Anápolis, GO

Raul Seixas *Raulzito Fã-Clube*, Rua Sacramento, 518, ap. 62 B, CEP 13013, Campinas, SP

Raul Seixas *Fã-Clube Galera Seixas*, Av. Brasil, 3270, CEP 29700, Colatina, ES

Raul Seixas *Raul Maluco Seixas*, Caixa Postal 2049, CEP 60030, Fortaleza, CE

Rolling Stones *Rolling Stone Club*, Caixa Postal 63503, CEP 02298, São Paulo, SP

Roxette *Roxette Fan Club*, Rua 3 de maio, 404, CEP 04044, São Paulo, SP

Sepultura *Cannabis Sativa*, Rua Major Adalberto dos Santos Figueiredo, 321, CEP 13730, Mococa, SP

Sepultura *Arise*, Rua Espanha, 302, ap. 103, CEP 32340, Contagem, MG

Sepultura e **Titãs** *Ô Blésq — Arise Fã-Clube*, Rua Goiânia, 45, CEP 06700, Cotia, SP

Titãs *Ô Blésq Blom Fã-Clube Oficial Titãs*, Rua João Gurgel, 2210, CEP 14300, Araraquara, SP

Transvision Vamp *W.J. No Rules*, Rua Manoel Gomes Gonçalves, 19, CEP 06160, São Paulo, SP

"MEMPHIS BELLE"

A seguir, os ganhadores do concurso "Memphis Belle", JAQUETAS: Daniela Cravo Paulo, Terezinha Miriam de Araújo, Gilmar Pereira da Silva. KITS: Fabio Danello, Catarina Grassi, João Eduardo Farzaneto, Tatiana Abe, Marcio do Amaral Cardoso, Pacoal Domingos Guido, Adriana Victorio, Carlos Alberto Costa, Alberto Rezende, Heloisa Arantes.

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FAMA
Música e Ídolos

HIT
Música, Mercado e Negócios

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 160 - 15.º andar s/ 1533/34, CEP 20020. Telex (021) 36890. Fax (021) 532-1486.
Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. 90077. Phone: (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRIL-PA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134/226-3644 FAX
Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 234-0439, Curitiba PR
Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

DESCUBRA O QUE ELES PENSAM

Em suas músicas, os ídolos do rock revelam o que pensam das coisas. Por isso você precisa entender as letras que eles cantam. Na revista Letras Traduzidas deste mês, você vai ver os originais e as traduções de letras de: Extreme, Bon Jovi, Betty Boo, David Bowie, DuranDuran, EMF, Skid Row, Paula Abdul, Jesus Jones e outros astros.

Letras Traduzidas de janeiro: o rock falando a nossa língua.

BIZZ LETRAS TRADUZIDAS

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sílvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Camilo Rocha (Showbizz), Celso de Salles Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Conexão Brasil), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Editor de Arte: Richard Kovács
Chefe de Arte: Antonio Fernando Morra
Diagramador: Renato Yada
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Colaboradores — Textos: Arthur G. C. Duarte, Carlos Eduardo Miranda, Eneas Neto, Evil Otto, Fábio Massari, Jan Fjeld, José Júlio do Espírito Santo, Leandro Fortiño, Luiz Vespuccio, René Ferri, Roscoe Maciel.
Fotos: Fabiana Figueiredo, Ernesto Baldan, Dario Zalis, Ricardo Siqueira, Rui Mendes. **Revisão:** Alexandre Ortiz Ramos. **Arte:** Alexandre Mattar, Jair da Silva Santos. **Correspondente (Londres):** Anamaria G. de Lemos

PUBLICIDADE

Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisor: Rosangela Cassilo
Contatos: Arthur Oliveira Neto, Silvia Lima
RJ-Contato: Lidia Camarati
Coordenação: Wladimir Xavier de Almeida e José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE:
Diretor Geral: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
COMUNICAÇÃO:
Diretor: Rogério Rahier
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Dpto. de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emílio Rondeau

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

BIZZ 78 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel.: (011) 211-7866, CEP 05479. Caixa Postal 66254, CEP 05389. Telex (011) 83178. Fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Câmara, 160 - 15.º andar S/ 1533/34, CEP 20020. Telex (021) 36890. Fax (021) 532-1489. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Data de circulação: janeiro/92. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

MC5
KICK OUT THE JAMS (1969)

Barulho, *noise*, esporro... Música enquanto soco no estômago. A zoeira atravessa os três acordes do punk, passa pelo hardcore e pelo thrash, por Sonic Youth e por aí vai até toda a turminha de Seattle. Uma fórmula simples, mas matadora: guitarras demenciais cuspindo riffs como farpas, enquanto a cozinha pulsa catatonicamente, quase soterrando os arremedos dos vocais.

Acontece que toda esta violência sônica-cênica já tinha sido forjada lá pelos idos de 67, em pleno desbunde psicodélico. Suas origens remetem a duas bandas de Detroit — The Stooges e MC5. Ambas com total afinidade musical, mas com uma diferença fundamental: enquanto as performances animais de Iggy Stooge e seus comparsas antecipavam toda a estética niilista do *no future* punk, o MC5 acreditava *realmente* no poder revolucionário do rock'n'roll. Uma posição — no mínimo — ingênua se transposta para os dias de Guns N'Roses que ora correm, mas bem coerente com a época.

Rob Tyner (vocal), Fred "Sonic" Smith, Wayne Kramer (guitarras), Dennis Thompson (bateria) e Michael Davis (baixo) saíram diretamente das garagens do subúrbio de Lincoln Park para apavorar o circuito de clubes locais, onde eram notórios por tocarem muito alto, pelas atitudes obscenas e por chegarem quase sempre bêbados ou chapados demais para se apresentar. Porém, quando conseguiam fazê-lo, perpetravam um atentado sonoro que logo virou sensação entre o público mais interado.

Através do baixista Davis — também artista plástico —, a banda travou contato com a Trans-Love Energies, uma comunidade de artistas liderada pelo ativista anarquista John Sinclair, que agregou aquele bando de *freaks* barulhentos à sua trupe. Esta foi o embrião do partido White Panther (uma referência ao movimento negro radical dos Black Panthers), que expandiu os ideais anárquicos de Sinclair para *happenings* de grandes proporções, em que a trilha musical cabia ao MC5.

Foi dentro deste contexto que surgiu o álbum de estréia do grupo, um dos discos mais "sujos" da história do rock. Gravado ao vivo no fim de 68, ele captava toda a energia primal do quinteto em porradas como "Borderline", "Come Together" e "I Want You Right Now". Desde a subversiva versão de um velho hit de Nat King Cole ("Ramblin' Rose") até a estratosférica parceria com o "jazzista E.T." Sun Ra que fechava o disco ("Starship"), o pau comia solto. Mas pau mesmo foi rolar a partir da faixa-título, em que, na introdução, Tyner gritava o lema "Kick out the jams, motherfuckers!" (algo como "Botem tudo pra fora, filhos da puta!"). Isso acabou envolvendo a banda num processo que começou com o boicote ao álbum pelas lojas e pela própria gravadora (que em seguida os dispensou) e foi parar até nas mãos do FBI — com Sinclair puxando dez anos de cana por tráfico de maconha.

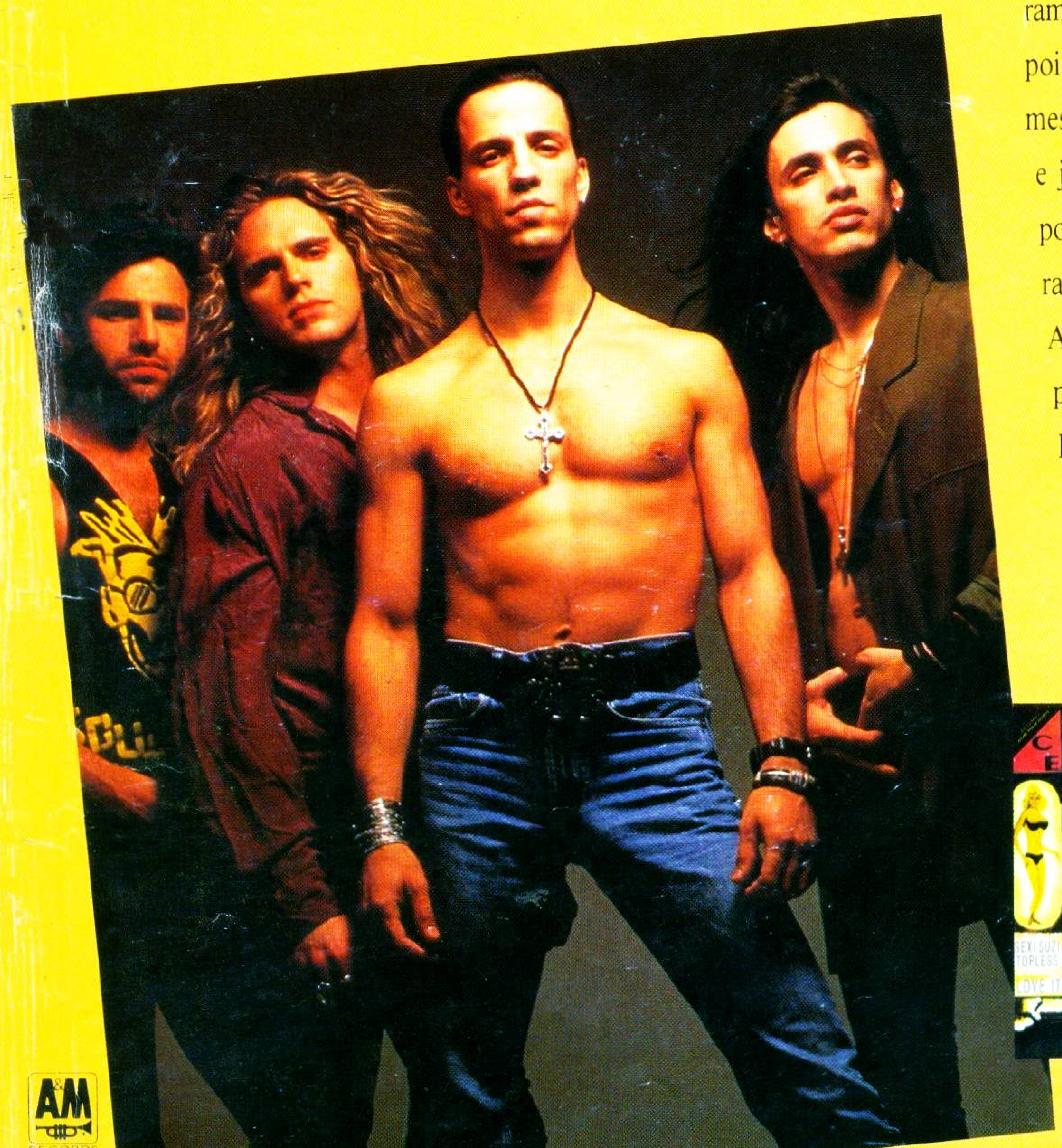
O MC5 ainda daria a volta por cima lançando *Back In The USA* (70), um clássico do *garage sound* (vide as antológicas "Call Me Animal", "Teenage Lust" e "American Ruse"), além de um obscuro terceiro álbum (*High Time*), antes de se dissolver em 71. Depois disso, além de continuarem com problemas com a polícia (com várias prisões por porte de drogas), seus integrantes se envolveram em esparsos projetos musicais: Davis com o Destroy All Monsters (junto ao ex-Stooges Ron Asheton), Thompson com o New Order (não aquele!) e o New Race, Kramer com a Gang War (que também incluía Johnny Thunders) e Smith com a Sonic Rendezvous Band (antes de se casar com Patti Smith, para quem produziu e dividiu as autorias no álbum *Dream Of Life*, em 88). Apenas Tyner chegou a gravar um disco solo (*Bloodbrothers*) antes de ter um ataque cardíaco fatal, em setembro do ano passado. Mesmo assim, a lenda do quinteto de Motor City permanece viva. *CELSO PUCCI*

SABE QUEM DESCOBRIU O BRASIL?

EXTREME

Eles desembarcaram por aqui a bordo da MTV com "**More Than Words**" e rapidinho tomaram conta das rádios do país. Depois veio "**Hole Hearted**", do mesmo disco "**Pornograffitti**", e juntos os quatro foram aos pouquinhos dominando as paradas.

Agora eles estão vindo aí, em pessoa, para conferir. O Hollywood Rock está chegando, e eles vão descobrir que o Brasil já descobriu o **EXTREME** há muito tempo.



Em CD, LP, MC e Vídeo

PolyGram

A&M RECORDS

ERNESTO BALDAN